

MORGAN RICE

REBELDE,
PEÃO,
REI

DE COROAS E GLÓRIA — LIVRO 4

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: lelivros.love ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



MORGAN RICE

REBELDE,
PEÃO,
REI

DE COROAS E GLÓRIA—LIVRO 4

REBELDE, PEÃO, REI

(DE COROAS E GLÓRIA—LIVRO 4)

MORGAN RICE

Morgan Rice

Morgan Rice é a best-seller nº1 e a autora do best-selling do USA TODAY da série de fantasia épica O ANEL DO FEITICEIRO, composta por dezassete livros; do best-seller nº1 da série OS DIÁRIOS DO VAMPIRO, composta por doze livros; do best-seller nº1 da série TRILOGIA DA SOBREVIVÊNCIA, um thriller pós-apocalíptico composto por três livros; da série de fantasia épica REIS E

FEITICEIROS, composta por seis livros; e da nova série de fantasia épica DE

COROAS E GLÓRIA. Os livros de Morgan estão disponíveis em edições áudio e impressas e as traduções estão disponíveis em mais de 25 idiomas.

[TRANSFORMADA \(Livro n 1 da série Diários de um Vampiro\)](#), [ARENA](#)

[UM \(Livro n 1 da série A Trilogia da Sobrevivência\)](#) e [EM BUSCA DE HERÓIS](#)

(Livro n 1 da série O Anel do Feiticeiro) e [A ASCENÇÃO DOS DRAGÕES](#)

(Reis e Feiticeiros – Livro n 1) estão disponíveis gratuitamente no Google Play!

Morgan adora ouvir a sua opinião, pelo que, por favor, sinta-se à vontade para visitar www.morganricebooks.com e juntar-se à lista de endereços eletrónicos, receber um livro grátis, receber ofertas, fazer o download da aplicação grátis, obter as últimas notícias exclusivas, ligar-se ao Facebook e ao Twitter e manter-se em contacto!

Seleção de aclamações para Morgan Rice

"Se pensava que já não havia motivo para viver depois do fim da série O ANEL

DO FEITICEIRO, estava enganado. Em A ASCENÇÃO DOS DRAGÕES Morgan Rice surgiu com o que promete ser mais uma série brilhante, fazendo-nos imergir numa fantasia de trolls e dragões, de valentia, honra, coragem, magia e fé no seu destino. Morgan conseguiu mais uma vez produzir um conjunto forte de personagens que nos faz torcer por eles em todas as páginas... Recomendado para a biblioteca permanente de todos os leitores que adoram uma fantasia bem escrita."

-- *Books and Movie Reviews*

Roberto Mattos

"Uma ação carregada de fantasia que irá certamente agradar aos fãs das histórias anteriores de Morgan rice, juntamente com os fãs de trabalhos tais como O

CICLO DA HERANÇA de Christopher Paolini...Fãs de ficção para jovens adultos irão devorar este último trabalho de Rice e suplicar por mais."

-- *The Wanderer, A Literary Journal (referente a Ascensão dos Dragões)*

"Uma fantasia espirituosa que entrelaça elementos de mistério e intriga no seu enredo. *A Busca de Heróis* tem tudo a ver com a criação da coragem e com a compreensão do propósito da vida e como estas levam ao crescimento, maturidade e excelência... Para os que procuram aventuras de fantasia com sentido, os protagonistas, estratégias e ações proporcionam um conjunto vigoroso de encontros que se relacionam com a evolução de Thor desde uma criança sonhadora a um jovem adulto que procura sobreviver apesar das dificuldades... Apenas o princípio do que promete ser uma série de literatura juvenil épica."

--*Midwest Book Review (D. Donovan, eBook Reviewer)*

"O ANEL DO FEITICEIRO reúne todos os ingredientes para um sucesso instantâneo: enredos, intrigas, mistério, valentes cavaleiros e relacionamentos que florescem repletos de corações partidos, decepções e traições. O livro manterá o leitor entretido por horas e agradará a pessoas de todas as idades. Recomendado para a biblioteca permanente de todos os leitores do gênero de fantasia."

-- *Books and Movie Reviews*, Roberto Mattos.

"Neste primeiro livro cheio de ação da série de fantasia épica Anel do Feiticeiro (que conta atualmente com 14 livros), Rice introduz os leitores ao Thorgrin

"Thor" McLeod de 14 anos, cujo sonho é juntar-se à Legião de Prata, aos cavaleiros de elite que servem o rei... A escrita de Rice é sólida e a premissa intrigante."

--*Publishers Weekly*

Livros de Morgan Rice

O CAMINHO DA ROBUSTEZ

APENAS OS DIGNOS (Livro n.º 1)

DE COROAS E GLÓRIA

ES CRAVA, GUERREIRA, RAINHA (Livro n.º 1)

VADIA, PRISIONEIRA, PRINCESA (Livro n.º 2)

CAVALEIRO, HERDEIRO, PRÍNCIPE (Livro n.º 3)

REBELDE, PEÃO, REI (Livro n.º 4)

SOLDADO, IRMÃO, FEITICEIRO (Livro n.º 5)

REIS E FEITICEIROS

A ASCENSÃO DOS DRAGÕES (Livro n.º 1)

A ASCENSÃO DOS BRAVOS (Livro n.º 2)

O PESO DA HONRA (Livro n.º 3)

UMA FORJA DE VALENTIA (Livro n.º 4)

UM REINO DE SOMBRAS (Livro n.º 5)

A NOITE DOS CORAJOSOS (Livro n.º 6)

O ANEL DO FEITICEIRO

EM BUSCA DE HERÓIS (Livro n.º 1)

UMA MARCHA DE REIS (Livro n.º 2)

UM DESTINO DE DRAGÕES (Livro n.º 3)

UM GRITO DE HONRA (Livro n.º 4)

UM VOTO DE GLÓRIA (Livro n.º 5)

UMA CARGA DE VALOR (Livro n.º 6)

UM RITO DE ESPADAS (Livro n.º 7)

UM ESCUDO DE ARMAS (Livro n.º 8)

UM CÉU DE FEITIÇOS (Livro n.º 9)

UM MAR DE ESCUDOS (Livro n.º 10)

UM REINADO DE AÇO (Livro n.º 11)

UMA TERRA DE FOGO (Livro n.º 12)

UM GOVERNO DE RAINHAS (Livro n.º 13)

UM JURAMENTO DE IRMÃOS (Livro n.º 14)

UM SONHO DE MORTAIS (Livro n.º 15)

UMA JUSTA DE CAVALEIROS (Livro n.º 16)

O DOM DA BATALHA (Livro n.º 17)

TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA

ARENA UM: TRAFICANTES DE ESCRAVOS (Livro nº1)

ARENA DOIS (Livro n.º 2)

ARENA TRÊS (Livro n.º 3)

VAMPIRO, APAIXONADA

ANTES DO AMANHECER (Livro n.º 1)

MEMÓRIAS DE UM VAMPIRO

TRANSFORMADA (Livro n.º 1)

AMADA (Livro n.º 2)

TRAÍDA (Livro n.º 3)

PREDESTINADA (Livro n.º 4)

DESEJADA (Livro n.º 5)

COMPROMETIDA (Livro n.º 6)

PROMETIDA (Livro n.º 7)

ENCONTRADA (Livro n.º 8)

RESSUSCITADA (Livro n.º 9)

ALMEJADA (Livro n.º 10)

DESTINADA (Livro n.º 11)

OBCECADA (Livro n.º 12)

KINGS AND SORCERERS



THE SORCERER'S RING



THE SURVIVAL TRILOGY



the vampire journals



[Faça o download dos livros de Morgan Rice no Google Play agora mesmo!](#)



[Ouçã](#) a série O ANEL DO FEITICEIRO em formato Audiobook!

Agora disponível em:

[Amazon](#)

[Audible](#)

[iTune s](#)

Quer livros gratuitos?

Subscreva a lista de endereços de Morgan Rice e receba 4 livros grátis, 3 mapas grátis, 1 aplicação grátis, 1 jogo grátis, 1 história em banda desenhada grátis e ofertas exclusivas! Para subscrever, visite: www.morganricebooks.com

Copyright © 2016 por M organ Rice. Todos os direitos reservados. Exceto conforme permitido pela Lei de Direitos de Autor dos EUA de 1976, nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, ou armazenada numa base de dados ou sistema de recuperação, sem a autorização prévia da autora. Este e-book é licenciado para o seu uso pessoal. Este e-book não pode ser revendido ou cedido a outras pessoas. Se quiser compartilhar este livro com outra pessoa, por favor, compre uma cópia adicional para cada destinatário. Se está a ler este livro e não o comprou, ou se ele não foi comprado apenas para seu uso pessoal, por favor, devolva-o e adquira a sua própria cópia. Obrigado por respeitar o trabalho árduo desta autora. Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, empresas, organizações, lugares, eventos e incidentes são produto da imaginação da autora ou foram usados de maneira fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou falecidas, é mera coincidência. Imagem da capa Copyright Ivan Bliznetsov, usada com autorização da Shutterstock.com

CONTEÚDO

[CAPÍTULO UM](#)

[CAPÍTULO DOIS](#)

CAPÍTULO TRÊS

CAPÍTULO QUATRO

CAPÍTULO CINCO

CAPÍTULO SEIS

CAPÍTULO SETE

CAPÍTULO OITO

CAPÍTULO NOVE

CAPÍTULO DEZ

CAPÍTULO ONZE

CAPÍTULO DOZE

CAPÍTULO TREZE

CAPÍTULO CATORZE

CAPÍTULO QUINZE

CAPÍTULO DEZASSEIS

CAPÍTULO DEZASSETE

CAPÍTULO DEZOITO

CAPÍTULO DEZANOVE

CAPÍTULO VINTE

CAPÍTULO VINTE E UM

CAPÍTULO VINTE E DOIS

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

CAPÍTULO VINTE E CINCO

CAPÍTULO VINTE E SEIS

CAPÍTULO VINTE E SETE

CAPÍTULO VINTE E OITO

CAPÍTULO VINTE E NOVE

CAPÍTULO TRINTA

CAPÍTULO TRINTA E UM

CAPÍTULO UM

Thanos sentia um buraco no estômago com o balançar do navio pelo mar, com as correntes a levarem-no cada vez para mais longe de casa. Já tinham passado alguns dias desde que tinham avistado terra. Ele estava na proa do barco, a olhar para a água, à espera de, finalmente, ver alguma coisa. Apenas o impedia de ordenar ao capitão para virar o barco, pensar no que poderia estar adiante, em *quem* poderia estar adiante.

Ceres.

Ela estava algures e ele iria encontrá-la.

"Tens a certeza?", perguntou o capitão, chegando-se ao seu lado. "Não conheço ninguém que queira fazer uma viagem à Ilha dos Prisioneiros."

O que é que Thanos poderia dizer? Que não sabia? Que se sentia um pouco como o barco, empurrado para a frente pelos seus remos mesmo enquanto o vento o tentava empurrar de volta?

A necessidade de encontrar Ceres, porém, superava tudo o resto. Tal incitava Thanos, enchendo-o de excitação ante a perspectiva de encontrá-la. Ele tinha tido tanta certeza de que ela tinha morrido, que nunca mais a veria. Quando ele soube que ela poderia estar viva sentiu-se tão aliviado como se fosse desmaiar.

No entanto, ele não podia negar que também pensava em Stephania, olhando para o passado e, até mesmo, por breves momentos, fazendo-o pensar em *voltar*.

Afinal, ela era a sua esposa e ele abandonara-a. Ela estava grávida do seu filho e ele tinha-se ido embora. Ele tinha-a deixado lá no cais. Que tipo de homem fazia isso?

"Ela tentou matar-me", lembrou-se Thanos a si mesmo.

"O quê?", perguntou o capitão, e Thanos percebeu que tinha falado em voz alta.

"Nada", disse Thanos. Ele suspirou. "A verdade é que eu não sei. Estou à procura de uma pessoa, e a Ilha dos Prisioneiros é o único lugar para onde ela poderia ter ido."

Ele sabia que o navio de Ceres tinha-se afundado no caminho para a ilha. Se ela tivesse sobrevivido, então fazia sentido que ela tivesse lá chegado, não era?

Isso explicava, também, porque é que Thanos não a tinha visto desde então.

Thanos tinha de acreditar que ela teria voltado para ele se tivesse conseguido.

"Parece um risco terrivelmente grande não saber", disse o capitão.

"Ela vale o risco", assegurou-lhe Thanos.

"Ela deve ser algo especial para ser melhor do que Lady Stephania", disse o contrabandista com um olhar que fez com que Thanos lhe quisesse dar um murro.

"Estás a falar sobre a minha esposa", disse Thanos, Ele mesmo reconheceu ali um problema óbvio. Ele não podia defendê-la quando tinha sido ele que a tinha abandonado e quando tinha sido ela a ordenar a sua morte. Ela provavelmente merecia tudo o dissessem sobre ela.

Agora, se, ao menos, ele se conseguisse convencer a si próprio disso. Se apenas os seus pensamentos sobre Ceres não continuassem a ser pontuados por pensamentos de Stephania, da forma como ela tinha estado com ele nas festas do castelo, como ela tinha estado em momentos tranquilos, da aparência dela na manhã após a noite do casamento deles...

"Tens a certeza que me consegues levar para a Ilha dos Prisioneiros em segurança?", perguntou Thanos. Ele nunca estivera lá, mas toda a ilha deveria ser uma fortaleza bem guardada de um lugar inescapável para aqueles que eram levados para lá.

"Oh, isso é fácil", assegurou o capitão. "Nós passamos por lá às vezes. Os guardas vendem alguns dos prisioneiros que tratam como escravos. Atem-nos em estacas na costa para nós os vermos quando nos aproximamos."

Thanos tinha decidido há muito que ele odiava aquele homem. Porém, ele escondia-o, porque naquele momento o contrabandista era a única hipótese que ele tinha para chegar à ilha e encontrar Ceres.

"Eu não quero propriamente esbarrar contra os guardas", ele relevou.

O outro homem encolheu os ombros. "Isso não é difícil. Aproximamo-nos, deixamos-te num pequeno barco e continuamos como se fosse uma visita normal.

Depois esperamos por ti na costa. Não por muito tempo, lembra-te. Se esperarmos demasiado tempo eles podem desconfiar."

Thanos não tinha dúvidas de que o contrabandista o abandonaria caso houvesse alguma ameaça ao seu navio. Só a perspectiva do lucro o trouxera até ali.

Um homem assim não entenderia o amor. Para ele, era provavelmente algo que se contratava à hora nas docas. Mas ele tinha conseguido levar Thanos até tão longe.

E isso era o que importava.

"Percebes que mesmo se encontrares essa mulher na Ilha dos Prisioneiros", disse o capitão, "ela pode já não ser como te lembras".

"Ceres sempre será Ceres", insistiu Thanos.

Ele ouviu o outro homem bufar. "Fácil de dizer, mas tu não sabes as coisas que eles fazem lá. Eles vendem-nos alguns como escravos e a maioria deles não consegue fazer nada sozinho, a menos que lhe digamos.

"E tenho a certeza de que ficas feliz com isso", respondeu Thanos.

"Não gostas muito de mim, pois não?", perguntou o capitão.

Thanos ignorou a pergunta, olhando para o mar. Ambos sabiam a resposta e, naquele momento, ele tinha melhores coisas em que pensar. Ele tinha de encontrar uma maneira de localizar Ceres, independentemente do que...

"Aquilo é terra?, perguntou, apontando.

De início, não era mais do que um ponto no horizonte, mas mesmo assim, parecia sombrio, rodeado por nuvens e com ondas agitadas. Ao aproximar-se, Thanos sentia um medo crescente e ameaçador dentro de si.

A ilha surgia numa série de picos de granito cinzento como os dentes de alguma grande besta. Um bastião estava no ponto mais alto da ilha e, acima dele, havia um farol a incandescer incessantemente, como se para avisar todos os que fossem até ali, para se afastarem. A maior parte da ilha parecia inóspita, mas Thanos via árvores num dos lados.

À medida que se aproximavam ainda mais, ele conseguia ver janelas que pareciam estar esculpidas diretamente na rocha da ilha, como se todo o local tivesse sido esvaziado para tornar a prisão maior. Ele via também praias de xisto, com ossos brancos descolorados a perfurarem. Thanos ouviu gritos, empalidecendo ao perceber que não conseguia distinguir se eram de aves marinhas ou de pessoas.

Thanos fez deslizar o seu pequeno barco até ao xisto da praia, estremeando de repulsa ao ver algemas fixadas lá abaixo da linha da maré. A sua imaginação disse-lhe imediatamente o que eram: eram para torturar ou executar prisioneiros usando as ondas que chegavam. Um conjunto de ossos abandonados na costa contava a sua própria história.

O capitão do barco de contrabando virou-se para ele e sorriu.

"Bem-vindo à Ilha dos Prisioneiros."

CAPÍTULO DOIS

Para Stephania, o mundo parecia desolador sem Thanos. Parecia-lhe um frio, apesar do calor do sol. Vazio, apesar da agitação das pessoas ao redor do castelo.

Ela olhava para a cidade. Ela teria ficado feliz se a tivesse incendiado, porque nada daquilo tinha qualquer significado para ela. Tudo o que conseguia fazer era ficar sentada junto às janelas dos seus aposentos, sentindo como se alguém tivesse arrancado o seu coração.

Talvez alguém ainda o fizesse. Ela tinha arriscado tudo por Thanos, afinal.

Qual era exatamente a pena por ajudar um traidor? Stephania sabia a resposta para isso, porque era a

mesma que qualquer outra coisa no Império: o que quer que fosse que o rei decidisse. Ela tinha poucas dúvidas de que ele iria querer a sua morte por causa disso.

Uma das suas aias ofereceu-lhe um tónico calmante à base de plantas.

Stephania ignorou-o, mesmo quando ela o colocou numa pequena mesa de pedra ao seu lado.

"Minha senhora", disse a miúda. "Alguns dos outros... eles estão a questionar-se... não nos deveríamos estar a preparar para deixar a cidade?"

"Para deixar a cidade", disse Stephania. Ela conseguia ouvir o quão plana e estúpida a sua própria voz soava.

"É só porque... não estamos em perigo? Com tudo o que aconteceu e com tudo o que nos mandaste fazer... para ajudar Thanos."

"Thanos!". O nome despertou-a da sua letargia por um momento, ficando seguidamente com raiva. Stephania pegou na poção de ervas. "Não te atrevas a mencionar o nome dele, sua miúda estúpida! Sai. Sai! "

Stephania atirou a chávena com a sua infusão fumegante. A sua aia baixou-se, o que já de si era irritante, mas o som da chávena a partir-se mais do que compensou. Um líquido castanho derramou-se pela parede. Stephania ignorou aquilo.

"Que ninguém me incomode!", gritou ela à miúda. "Ou arranco-te a pele por isso."

Stephania precisava de ficar sozinha com os seus pensamentos, mesmo que fossem pensamentos tenebrosos sobre uma parte dela se querer atirar da varanda dos quartos apenas para acabar com tudo. Thanos tinha-se ido embora. Tudo o que ela tinha feito, tudo para o qual ela tinha trabalhado... e Thanos tinha-se ido embora. Ela nunca tinha acreditado no amor, antes de Thanos. Ela estava convencida de que era uma fraqueza que só abria as pessoas para a dor, mas com ele tinha-lhe parecido que valia o risco. Agora, tinha-se constatado que ela tinha razão. O amor apenas tornava mais fácil que o mundo te magoasse.

Stephania ouviu o som da abertura da porta. Ele virou-se novamente, procurando algo mais para atirar.

"Eu disse que não queria ser incomodada!", retrucou ela, antes de ver quem era.

"Que pouca gratidão para com o facto de eu ter feito com que fosses escoltada até aqui tão cuidadosamente para garantir a tua segurança", disse Lucious ao entrar.

Lucious estava vestido como um príncipe de um livro de contos, num veludo branco trabalhado com desenhos de ouro e pedras preciosas. Ele tinha a adaga no cinto, mas havia removido a sua armadura dourada e a sua espada. Até o seu cabelo estava com um aspeto limpo, sem qualquer mácula da cidade. Para Stephania ele parecia-se mais como um homem pronto para cantar canções por debaixo da sua janela do que para organizar a defesa da cidade.

"Escoltada", disse Stephania com um sorriso apertado. "Chama-lhe o que quiseres."

"Certifiquei-me que viajavas em segurança pelas ruas da nossa cidade", disse Lucious, "com os meus homens a garantir que tu não eras vítima dos rebeldes ou que não eras sequestrada por aquele teu marido assassino. Sabias que ele tinha escapado?"

Stephania franziu o cenho. Qual era o jogo de Lucious?

"Claro que sei", respondeu-lhe Stephania. Ela levantou-se, porque ela não gostava que Lucious se aproximasse dela. "Eu estava lá."

Ela viu Lucious a erguer uma sobrancelha fingindo-se surpreendido. "Porque que é que estás a admitir ter tido um papel na fuga do teu marido, Stephania?"

Porque nenhuma das evidências aponta para isso."

Stephania olhou para ele com firmeza. "O que é que fizeste?"

"Eu não fiz nada", disse Lucious, obviamente a desfrutar bastante. "Na verdade, tenho estado arduamente à procura da verdade da questão. *Muito* arduamente."

O que, para Lucious, significava torturar pessoas. Stephania não tinha nenhuma objeção à crueldade, mas ela certamente não tirava tanto prazer disso como ele.

Ela suspirou. "Para de fazer joguinhos, Lucious. O que é que fizeste?"

Lucious encolheu os ombros. "Eu tenho tratado de que as coisas funcionem da maneira que eu quero", disse ele. "Quando eu falar com o meu pai, vou dizer-lhe que Thanos matou uns quantos guardas no caminho, enquanto outro admitiu ter ajudado por simpatia pelos rebeldes. Infelizmente, ele não sobreviveu para contar a sua história novamente. Um coração fraco."

Lucious obviamente assegurou-se de que ninguém havia visto que Stephania tinha sobrevivido. Até mesmo Stephania sentiu repulsa com tal frieza, embora houvesse uma outra parte dela já a pensar no que tal significava para si no contexto de tudo o resto.

"Infelizmente, parece que uma das tuas aias foi apanhada no enredo", disse Lucious. "Thanos seduziu-a, ao que parece."

A raiva apoderou-se de Stephania, então. "Elas são *as minhas* aias!"

Não era apenas pensar que mulheres que a haviam servido lealmente eram feridas, apesar de isso já ser bastante mau. Era o pensamento de que Lucious ousaria prejudicar alguém que era tão obviamente *dela*. Não era apenas o pensamento dos que a haviam servido serem magoados, era o insulto que isso implicava!

"E essa era a questão", disse Lucious. "Muitas pessoas tinham-na visto a fazer os teus recados. E quando eu ofereci à miúda a sua vida em troca de tudo o que ela sabia, ela foi muito útil."

Stephania desviou o olhar. "Porquê é que fazes tudo isto, Lucious? Podias ter-me deixado ir com Thanos."

"Thanos não te *merecia*", disse Lucious. "Ele certamente não merecia ser feliz."

"E porque é que encobriste o meu papel nisso?", perguntou Stephania. "Podias ter-te chegado para trás e assistido à minha execução."

"Pensei nisso", admitiu Lucious. "Ou pelo menos, pensei em perguntar ao rei por ti quando lhe dissemos. Mas havia demasiadas hipóteses de ele simplesmente executar-te sem pensar, e nós não poderíamos ter isso."

Apenas Lucious falaria sobre algo assim tão abertamente, ou pensaria que Stephania era apenas algo que ele poderia pedir ao seu pai, como uma preciosa bugiganga. Só de pensar nisso, Stephania ficou com a pele arrepiada.

"Mas então ocorreu-me", disse Lucious, "que eu estou a gostar demasiado do jogo entre nós para fazer algo assim. Não é assim que eu te quero, de qualquer maneira. Eu quero que sejas minha semelhante, minha parceira. Verdadeiramente minha."

Stephania caminhou para a varanda, tanto para apanhar ar fresco como para qualquer outra coisa. Tão próximo, o cheiro de Lucious era de água de rosas e perfumes caros obviamente projetados para disfarçar o sangue por debaixo do resto dos seus esforços físicos do dia.

"O que estás a dizer?", perguntou Stephania, embora já tivesse uma boa ideia do que Lucious desejasse de si. Ela tinha decidido descobrir tudo o que havia para saber sobre os outros na corte, incluindo os apetites de Lucious.

Embora talvez ela não tivesse feito assim um trabalho tão bom. Ela não se

tinha apercebido de que Lucious havia estado a intrometer-se na rede de informadores e espiões dela. Ela não tinha sabido acerca das coisas que Thanos andava a fazer, até ser demasiado tarde.

Porém, ela não poderia comparar os dois. Lucious não tinha moral absolutamente nenhuma nem respeitava os limites, procurando ativamente novas maneiras de prejudicar os outros. Thanos era forte e de princípios, amoroso e protetor.

Mas tinha sido ele que a tinha abandonado. Ele a abandonara, sabendo o que poderia acontecer depois.

Lucious deu-lhe a mão, agarrando-a com mais suavidade do que o seu comportamento habitual. Mesmo assim, Stephania teve de lutar contra o desejo de encolher-se quando ele levou a mão dela aos seus lábios, beijando o interior do seu pulso, exatamente onde o pulso pulsava.

"Lucious", disse Stephania, afastando a mão dela. "Sou uma mulher casada."

"Raramente isso é uma barreira para mim", observou Lucious. "E sê honesta, Stephania, duvido que também seja para ti."

Stephania voltou a exaltar-se. "Tu não sabes nada sobre mim."

"Eu sei tudo sobre ti", disse Lucious. "E quanto mais eu vejo, mais eu sei que tu e eu somos perfeitos um para o outro."

Stephania afastou-se, mas Lucious seguiu-a. Claro que sim. Ninguém jamais o tinha negado.

"Pensa nisto, Stephania", disse Lucious. "Eu pensei que tu não passavas de uma cabeça oca, mas então eu soube sobre a teia de aranha que teceste em Delos.

Sabes o que eu senti nessa altura?

"Raiva por terem feito de ti um tolo?", sugeriu Stephania.

"Cuidado", disse Lucious. "Tu não irias querer que eu me zangasse contigo.

Não, eu senti admiração. Antes, eu achava que tu eras boa para levar para a cama por uma noite ou duas. Depois, percebi que tu és alguém que realmente entende como o mundo funciona."

Oh, Stephania percebia melhor do que alguma vez alguém como Lucious conseguiria saber. Ele tinha a sua posição que o protegia de tudo o que o mundo lhe aprontava. Stephania tinha apenas a sua inteligência.

"E tu decidiste que nós seríamos a combinação perfeita", disse Stephania.

"Diz-me então, o que pretendes fazer sobre o meu casamento com Thanos?"

"Essas coisas podem ser postas de lado", disse Lucious, como se fosse tão simples quanto estalar os dedos. "Depois do que ele tem feito, eu teria pensado que tu ficarias feliz por estar livre de *tal* apego."

Haveria uma vantagem em serem os sacerdotes a fazê-lo, porque de outra forma Stephania arriscava-se a ser prejudicada pelos crimes de Thanos. Ela seria

sempre a mulher casada com o traidor, mesmo que Lucious tivesse assegurado que ninguém jamais conseguiria ligá-la aos crimes.

"Ou, se não quiseses isso", disse Lucious, "eu tenho a certeza que não vai demorar muito para garantir a morte dele. Afinal, tu quase conseguiste que ele fosse morto antes. Independente de para onde ele tenha ido, poderia arranjar-se outro assassino. Poderias fazer luto por um.. período adequado. Tenho a certeza de que o preto te ficaria bem. Tudo te fica tão bem."

Havia algo no olhar de Lucious que deixava Stephania desconfortável, como se estivesse a tentar imaginá-la sem roupa. Ela olhou-o diretamente nos olhos, tentando manter o seu tom profissional.

"E depois? ", perguntou ela.

"E depois tu casavas com um príncipe mais adequado", disse Lucious. "Pensa em tudo o que poderíamos fazer juntos, as coisas que tu sabes e as coisas que eu posso fazer. Poderíamos governar o Império juntos e a rebelião nunca nos tocara.

Tens de admitir, nós faríamos um casal adorável."

Naquele momento, Stephania riu-se. Ela não conseguiu evitar. "Não, Lucious.

Nós não faríamos, porque eu não sinto nada por ti para além de desprezo. Tu és um bandido, e pior, és a razão pela qual eu perdi tudo. Porque é que, alguma vez, eu equacionaria casar contigo?"

Ela viu o rosto de Lucious a ficar sério.

"Eu poderia... eu poderia obrigar-te a fazer o que eu quisesse. Achas que eu já não poderia deixar que se soubesse o teu papel na fuga de Thanos? Talvez eu tenha mantido a tua aia, por garantia", Lucious apontou.

"Estás a tentar forçar-me a casar? ", perguntou Stephania. Que tipo de homem faria isso?"

Lucious estendeu as mãos. "Tu não és assim tão diferente de mim, Stephania.

Tu jogas o jogo. Tu não quererias um tolo que te desse flores e joias. Além disso, irias aprender a amar-me. Quer quisesses ou não."

Ele estendeu-lhe a mão novamente. Stephania colocou a mão no peito dele.

"Se me tocares, não saís deste quarto vivo."

"*Q ueres que eu revele que ajudaste Thanos a escapar?*", perguntou.

"Esqueces-te da tua parte", disse Stephania. "Afinal, tu sabias de tudo isto.

Como o rei reagiria se eu lhe dissesse isso?"

Naquele momento, ela esperava que Lucious se enraivecesse, talvez até que ficasse violento. Mas, em vez disso, ela viu-o sorrir.

"Eu sabia que tu eras perfeita para mim", disse ele. "Mesmo na tua posição, tu encontras uma maneira de ripostar, e lindamente. Juntos, não haverá nada que não possamos fazer. Porém, vai levar algum tempo para te aperceberes disso, eu sei.

Passaste por muita coisa."

Ele soava exatamente como um pretendente preocupado devia soar, o que só fez com que Stephania confiasse menos nele.

"Demora o tempo que for preciso para pensares sobre tudo o que eu te disse", disse Lucious. "Pensa em tudo o que um casamento comigo te poderia oferecer.

Certamente por comparação com ser a mulher que era casada com um traidor. Tu podes não me amar ainda, mas pessoas como nós não tomam decisões com base nesse tipo de tolice. Nós tomamos decisões porque somos superiores, e reconhecemos aqueles que são como nós quando os vemos."

Stephania não era nada como Lucious, mas ela sabia que era melhor não o dizer. Ela só queria que ele se fosse embora.

"Enquanto isso", disse Lucious perante a falta de resposta dela, "eu tenho um presente para ti. Aquela tua

aia pensou que talvez pudesses precisar disto. Ela disse-me todo o *tipo* de coisas sobre ti enquanto implorava pela sua vida."

Ele tirou um frasco da sua bolsa do cinto e colocou-o na pequena mesa perto da janela.

"Ela contou-me sobre o motivo pelo qual tiveste de fugir do festival da Lua de Sangue", disse Lucious. "Sobre a tua gravidez. Claramente, eu nunca poderia criar o filho de Thanos. Bebe isto e não haverá nenhum problema. Em todos os sentidos."

Stephania queria atirar-lhe o frasco. Ela pegou nele para fazer exatamente isso, mas Lucious já tinha passado da porta.

Ela ia atirá-lo de qualquer maneira, mas deteve-se, sentando-se à janela a olhar para o frasco.

Estava claridade, a luz do sol brilhava através dele de uma maneira que o fazia parecer muito mais inocente do que era. Ao bebê-lo ela ficaria livre para se casar com Lucious, o que era um pensamento horrível. No entanto, tal iria colocá-

la numa das posições mais poderosas do Império. Ao bebê-lo, os últimos vestígios de Thanos desapareceriam.

Stephania ficou ali sentada, sem saber o que fazer e, lentamente, as lágrimas começaram a escorrer-lhe pelas maçãs do rosto.

Talvez, afinal, ela o fosse beber.

CAPÍTULO TRÊS

Ceres lutava desesperadamente para voltar à tona em direção à consciência, empurrando-se através dos véus da escuridão que a puxavam para baixo, como uma mulher a afogar-se e a debater-se para chegar à superfície. Mesmo até naquele momento, ela conseguia ouvir os gritos dos moribundos. A emboscada. A batalha. Ela tinha de esforçar-se por acordar, ou tudo teria sido em vão...

De repente, ela abriu os olhos e colocou-se de pé, pronta para continuar a luta. Pelo menos, ela tentava. Algo a apanhou pelos pulsos e tornozelos, detendo-a. O sono finalmente abandonou-a e ela viu onde estava.

Ceres estava rodeada de muros de pedra, curvando-se num espaço que mal chegava para ela ficar deitada. Não havia nenhuma cama, apenas um duro chão de pedra. Uma janela pequena com barras deixava a luz entrar. Ceres sentia o peso limitativo do aço ao redor dos seus pulsos e tornozelos, e ela conseguia ver o pesado suporte onde as correntes a ligavam à parede e a porta grossa amarrada com faixas de ferro que a proclamavam prisioneira. A corrente desaparecia por uma ranhura na porta, sugerindo que ela podia ser puxada pelo lado de fora, diretamente na direção do suporte, para a prender contra a parede.

Naquele momento, Ceres ficou furiosa por estar ali presa daquela maneira.

Ela puxou o suporte, tentando simplesmente arrancá-lo da parede com a força que os seus poderes lhe davam. Nada aconteceu.

Era como se houvesse uma névoa dentro da sua cabeça e ela estivesse a tentar olhar através da mesma para a paisagem mais além. Às vezes, a luz da memória parecia quebrar aquela névoa, mas era uma coisa fragmentada.

Ela conseguia lembrar-se dos portões para a cidade a abrirem-se e dos

"rebeldes" a acenarem para eles entrarem. A atacar, dando tudo pelo que eles pensavam ser a batalha-chave para a cidade.

Ceres caiu para trás, magoando-se. Algumas feridas eram mais profundas do que apenas as físicas.

"Alguém nos traiu", disse Ceres com suavidade.

Eles tinham estado à beira da vitória, e alguém os tinha traído. Por causa de dinheiro, ou medo, ou necessidade de poder, alguém tinha denunciado tudo o que eles haviam trabalhado, deixando-os cavalgar na direção de uma armadilha.

Ceres lembrou-se então. Lembrou-se da visão do sobrinho de Lorde Oeste com uma flecha a sair da sua garganta. Lembrou-se do olhar de desamparo e descrença que tinha cruzado o rosto dele antes de cair da sela.

Lembrou-se de flechas a apagarem o sol, de barricadas e de fogo.

Os homens de Lorde Oeste tinham tentado disparar contra os arqueiros que os atacavam. Ceres tinha visto as habilidades deles enquanto arqueiros a cavalo para Delos, capazes de caçar com arcos pequenos e disparar em pleno galope, se precisassem. Quando eles dispararam as suas primeiras flechas em resposta, Ceres até se atreveu a ter esperança, porque parecia que aqueles homens seriam capazes de superar qualquer coisa.

Mas não foram. Com os arqueiros de Lucious escondidos nos telhados, eles estavam em grande desvantagem. Algures no caos, os potes de fogo tinham-se juntado às flechas. Ceres tinha sentido o horror daquilo ao ver os homens a começarem a arder. Só Lucious teria usado o fogo como arma na sua própria cidade, sem se importar se as chamas se espalhariam para as casas vizinhas.

Ceres tinha visto cavalos a empinarem-se e homens a serem atirados para o chão quando as suas montarias entravam em pânico.

Ceres deveria ter sido capaz de salvá-los. Ela tinha tentado alcançar o poder dentro de si mas só encontrou o vazio, um vazio desolador onde deveria haver força preparada e poder para destruir os seus inimigos.

Ela ainda estava à procura do seu poder, quando o seu cavalo se empinou, fazendo-a cair...

Ceres forçou a sua mente a voltar ao presente, porque havia alguns lugares onde a sua memória não se queria demorar. O presente não era muito melhor, pois Ceres conseguia ouvir lá fora os gritos de um homem que estava obviamente a morrer.

Ceres dirigiu-se até à janela, lutando até aos limites do que as suas correntes lhe permitiam. Mesmo isso era um esforço. Ela sentia como se alguma coisa se tivesse apagado dentro de si, limpando qualquer

réstia de força que ela pudesse ter. Sentia-se como se mal se conseguisse levantar e, muito menos, como se mal conseguisse lutar contra as correntes que a seguravam.

Ela conseguiu chegar lá, enrolando as mãos ao redor das barras como se conseguisse arrancá-las. Na verdade, no entanto, eram praticamente a única coisa que a segurava naquele momento. Quando ela olhou para o pátio que ficava para lá da sua nova cela, ela precisou daquele apoio.

Ceres viu os homens de Lorde Oeste ali, em pé, nas fileiras dos soldados.

Todos estavam cobertos com o que sobrava das suas armaduras, embora em muitos casos alguns dos seus pedaços tivessem sido partidos ou arrancados delas.

Nenhum tinha as suas armas. Eles tinham as mãos atadas e muitos estavam ajoelhados. Havia algo triste naquele cenário. Falava da derrota deles mais claramente do que praticamente qualquer outra coisa poderia falar.

Ceres reconheceu outros que ali estavam, rebeldes. Ver aqueles rostos provocou-lhe uma reação ainda mais visceral. Os homens de Lorde Oeste tinham

vindo com ela de bom grado e tinham arriscado as suas vidas por si. Ceres sentia essa responsabilidade. Ela conhecia os homens e mulheres que ali estavam.

Ela viu Anka amarrada no centro de tudo, com os seus braços amarrados atrás a um poste, tão altos que ela não conseguia sentar-se ou ajoelhar-se para descansar. Uma corda no nível da garganta ameaçava começar a sufocá-la cada vez que ela ousava relaxar. Ceres conseguia ver sangue no seu rosto, deixado ali casualmente, como se ela não se importasse absolutamente nada.

Ver aquilo tudo foi suficiente para que Ceres se sentisse enfurecida. Eles eram todos amigos. Eram pessoas que Ceres conhecera há anos em alguns casos.

Alguns deles estavam feridos. Um lampejo de raiva apoderou-se de Ceres, porque ninguém estava a tentar ajudá-los. Em vez disso, eles estavam ajoelhados ou de pé, como os soldados.

Então, ela avistou as coisas que estavam ao pé do sítio onde eles estavam à espera. Ceres não sabia para que é que muitas delas serviam, mas podia imaginar, com base no resto. Havia pilares para empalar e blocos para decapitar, forcas e braseiras com ferros quentes. E mais. Tão mais que Ceres mal conseguia compreender a mente que conseguia decidir fazer tudo aquilo.

Então ela viu Lucious lá entre eles e percebeu. Aquilo era responsabilidade dele e, de certa forma, dela. Se ao menos ela tivesse sido mais rápida a persegui-lo quando ele lançou o seu desafio. Se ao menos ela tivesse encontrado uma maneira de matá-lo antes disso.

Lucious estava em pé por cima do soldado que gritava, retorcendo uma espada através dele, provocando-lhe um novo som de agonia. Ceres conseguia ver uma pequena multidão de torturadores encarapuçados de preto e assassinos à volta dele, como se estivessem a tomar notas, ou, possivelmente, apenas a apreciar alguém exaltado a cumprir o seu papel. Ceres desejava conseguir alcançá-los e matá-los a todos.

Lucious ergueu os olhos e Ceres sentiu o momento em que os seus olhos se encontraram com os dela. Era algo semelhante ao tipo de coisa que os bardos cantavam, referindo-se aos olhos dos amantes a

encontrarem-se numa sala, só que ali só havia ódio. Ceres teria imediatamente matado Lucious de qualquer maneira que conseguisse. E ela conseguia ver o que ele tinha reservado para si.

Ela viu o sorriso dele a espalhar-se lentamente na sua feição, retorcendo a sua espada num toque final, com os seus olhos ainda em Ceres, antes de se endireitar, enxugando distraidamente as mãos ensanguentadas num pano. Ele ficou ali como um ator prestes a discursar perante uma audiência em espera. Para Ceres, ele parecia simplesmente um talhante.

"Todos os homens e mulheres aqui são traidores do Império", declarou Lucious. "Mas eu acho que todos nós sabemos que não é culpa vossa. Vocês foram

enganados. Corrompidos por outros. Corrompidos por um em particular."

Ceres viu-o disparar mais um olhar na sua direção.

"Então vou oferecer aos comuns de vocês misericórdia. Rastejem até mim.

Implorem para eu vos tornar escravos e vos deixar viver. O Império está sempre a precisar de mais escravos."

Ninguém se mexeu. Ceres não sabia se devia de ficar orgulhosa ou de gritar com eles para aceitarem a oferta. Afinal, eles tinham de saber o que estava por vir.

"Não?", perguntou Lucious, com um tom de surpresa. Ceres pensou que, talvez, genuinamente ele esperasse que todos ali se entregassem voluntariamente à escravatura para salvarem as suas vidas. Talvez ele não entendesse efetivamente o que era a rebelião ou que havia coisas piores do que a morte. "Ninguém?"

Ceres viu a pretensão de um controlo calmo a escapar-se dele, naquele momento, como uma máscara, revelando o que estava por baixo.

"Isto é o que acontece quando os tolos começam a escutar escumalha que os querem enganar!", disse Lucious. "Vocês esquecem-se dos vossos lugares! Vocês esquecem-se que há consequências para tudo o que vocês os camponeses fazem!

Bem, vou lembrar-vos que há consequências. Vocês vão morrer, cada um de vocês, e as pessoas vão murmurar cada vez que pensarem igualmente em trair os seus superiores. E, para me certificar disso, vou trazer as vossas famílias para assistir. Eu incendiar os seus casebres lastimáveis e vou fazer com que prestem atenção enquanto vocês gritam!"

Ele fá-lo-ia, também; Ceres não tinha dúvida disso. Ela viu-o apontar para um dos soldados e, depois, para um dos instrumentos que estavam à espera.

"Comecem com esta. Comecem com qualquer um deles. Eu não me importo.

Apenas certifiquem-se de que todos sofrem antes de morrerem". Ele apontou um dedo para a cela de Ceres. "E certifiquem-se de que ela é a última. Façam com que ela assista à morte de cada um deles. Quero que ela enlouqueça com isso.

Quero que ela entenda o quão impotente ela realmente é, não importando o quanto sangue dos Anciãos ela se vanglorie de ter perante os seus homens.

Naquele momento, Ceres desviou-se das barras para trás, mas devia haver homens à espera do outro lado da porta, porque as correntes nos seus pulsos e tornozelos apertaram-se, arrastando-a de volta para a parede e dando-lhe pouca folga para se conseguir mexer. Ela definitivamente não conseguia desviar o olhar da janela, através da qual conseguia ver um dos carrascos a verificar a agudeza de um machado.

"Não", disse ela, tentando encher-se de uma confiança que ela não sentia naquele exato momento. "Não, eu não vou deixar que isto aconteça. Eu vou encontrar uma maneira de acabar com isto."

Ela não se limitou a concentrar em si mesma, em busca do seu poder. Ela mergulhou no espaço onde ela normalmente teria encontrado a energia que a esperava. Ceres forçou-se a ir atrás do estado de espírito que tinha aprendido com o Povo da Floresta. Ela perseguiu o poder que tinha adquirido com tanta certeza como se estivesse a perseguir algum animal escondido.

No entanto, o poder permaneceu tão esquivo como um animal escondido.

Ceres tentou tudo o que se conseguia lembrar. Ela tentou acalmar-se. Ela tentou lembrar-se das sensações que tinham estado lá antes, quando tinha usado os seus poderes. Com um esforço de vontade, ela tentou forçá-lo a fluir através de si. Em desespero, Ceres tentou até mesmo implorar ao seu poder, persuadindo-o como se fosse verdadeiramente um ser separado, em vez de ser simplesmente um fragmento de si mesma.

Nada disso funcionou e Ceres atirou-se contra as correntes que a seguravam.

Sentiu-as a morderem-lhe os pulsos e os tornozelos enquanto se lançava para a frente, mas ela não conseguia ganhar praticamente espaço nenhum.

Ceres deveria ter sido capaz de estalar o aço facilmente. Ela deveria ter sido capaz de se libertar e salvar todos os que ali estavam. Ela deveria ter sido capaz, mas naquele momento, ela não conseguia, e a pior parte era que ela nem sabia porquê. Porque é que os poderes que ela já usara tanto a tinham abandonado tão de repente? Porque é que isso estava a acontecer?

Porque é que ela não conseguia fazer o que ela queria? Ceres sentia as lágrimas a tocarem-lhe as bordas dos olhos enquanto ela lutava desesperadamente para ser capaz de fazer alguma coisa. Para poder ajudar.

Lá fora, as execuções começaram e Ceres não conseguia fazer nada para detê-

las.

Pior, ela sabia que quando Lucious acabasse com aqueles que estavam lá fora, seria a vez dela.

CAPÍTULO QUATRO

Sartes acordou, pronto para lutar. Tentou levantar-se, sendo chicoteado e empurrado para baixo pela bota de uma figura de aparência rude.

"Achas que há espaço para te mexeres aqui?", retrucou ele.

O homem tinha tatuagens e a cabeça rapada, não tendo um dedo por causa de alguma briga ou de outra coisa qualquer. Houve um tempo em que Sartre provavelmente teria sentido um arrepio de medo ao ver um homem como aquele.

Porém, isso tinha sido antes do exército e da revolta que se tinha seguido. Tinha sido antes de ele ter visto como é que era o verdadeiro mal.

Havia ali outros homens, amontoados num espaço com paredes de madeira, com a luz a entrar apenas através de algumas fendas. Era suficiente para Sartre os ver. E o que ele via estava longe de ser encorajador. O homem à sua frente era provavelmente um dos que tinha um aspeto menos ameaçador. Por um momento, Sartre sentiu efetivamente medo por eles serem muitos, mas não apenas pelo que eles lhe pudessem fazer. O que é que poderia estar iminente quando ele estava preso num espaço com homens assim?

Sartre sentia movimento e arriscou, virando as costas para a multidão de bandidos, para conseguir ver através de uma das fendas nas paredes de madeira.

No lado de fora, ele viu uma paisagem rochosa e empoeirada a passar. Ele não reconheceu a área, mas quanto longe de Delos poderia ele estar?

"Uma carroça", disse ele. "Nós estamos numa carroça."

"Oíçam o rapaz", disse o homem da cabeça rapada. Ele aproximou grosseiramente o seu tom de voz ao de Sartre, torcido de todo o reconhecimento.

"Estamos numa carroça. Que génio banal é este rapaz. Bem, génio, que tal manteres a tua boca fechada? Era mau estarmos a caminho dos lagos de betume sem tu ires."

"Dos lagos de betume?", perguntou Sartre, e ele viu um trejeito de raiva atravessar o rosto do outro homem.

"Pensei que te tinha dito para ficares calado", disse, de repente, o bandido.

"Talvez se eu empurrar alguns dos teus dentes pela garganta abaixo, não te esqueças."

Um outro homem esticou-se. O espaço confinado parecia nem sequer ser suficiente para ele. "O único que oíço falar és tu. E que tal calarem-se ambos?"

A velocidade com que o homem de cabeça rapada o fez disse muito a Sartre sobre o quanto perigoso aquele outro homem era. Sartre duvidava que aquele fosse um momento em que ele tivesse feito algum amigo, mas ele sabia, por causa do exército, que homens como aquele não tinham amigos: tinham parasitas e vítimas.

Era difícil ficar calado agora que ele sabia para onde estavam a ir. Os lagos de betume eram um dos piores castigos que o Império tinha; eram tão perigosos e desagradáveis que aqueles que para lá eram enviados teriam sorte se vivessem um ano. Eram lugares quentes e mortais, onde os ossos de dragões mortos podiam ser vistos a perfurar o chão, e os guardas não hesitavam em atirar para dentro do betume um prisioneiro doente ou a sucumbir.

Sartes tentava lembrar-se de como tinha chegado ali. Ele tinha estado a vigiar a rebelião, a tentar encontrar um portão que permitisse que Ceres entrasse para a cidade com os homens de Lorde Oeste. Ele tinha-o encontrado. Sartre conseguia lembrar-se da euforia que tinha sentido naquele momento, porque tinha sido perfeito. Ele tinha corrido de volta para os outros para lhes contar.

Ele estava bastante perto quando a figura encapuçada o agarrou; tão perto que tinha sentido como se conseguisse alcançar e tocar a entrada para o refúgio da rebelião. Ele tinha-se sentido como se estivesse finalmente em segurança e eles tinham-lhe retirado isso.

"Lady Stephania envia os seus cumprimentos."

As palavras ecoavam na memória de Sartre. Aquelas tinham sido as últimas palavras que ele tinha ouvido antes de eles o deixarem inconsciente. Ao mesmo tempo eles diziam-lhe quem estava a fazer aquilo e que ele tinha falhado. Eles tinham-no deixado chegar tão perto e depois tinham-lhe retirado isso.

Eles tinham deixado Ceres e os outros sem as informações que Sartre tinha sido capaz de encontrar. Ele deu por si preocupado com a sua irmã, o seu pai, Anka e a rebelião, sem saber o que lhes iria acontecer sem a porta que ele tinha conseguido encontrar para eles. Seriam eles capazes de entrar na cidade sem a sua ajuda?

Teriam sido capazes de fazê-lo, Sartre corrigiu-se a si próprio, porque, naquele momento, de uma forma ou de outra, alguma coisa já teria acontecido.

Eles teriam encontrado outra porta, ou uma forma alternativa de entrarem na cidade, não teriam? Eles tinham de o ter feito, porque, de outra forma, qual era a alternativa?

Sartes não queria pensar nisso, mas era impossível de evitar. A alternativa era eles terem falhado. Na melhor das hipóteses, talvez tivessem percebido que não havia nenhuma maneira de entrarem sem tomarem um portão, e tenham dado por si encurralados lá enquanto o exército avançava. Na pior das hipóteses... na pior das hipóteses, eles podiam até já estar mortos.

Sartes abanou a cabeça. Ele não iria acreditar nisso. Ele não podia. Ceres iria encontrar uma maneira de passar por tudo aquilo e vencer. Anka era tão engenhoso como qualquer pessoa que ele já tivesse conhecido. O seu pai era forte e sólido, enquanto os outros rebeldes tinham a determinação que vinha com o

facto de saberem que a sua causa era justa. Eles iriam encontrar uma maneira de dominar.

Sartes tinha de pensar que o que estava a acontecer com ele seria temporário também. Os rebeldes iriam ganhar, o que significava que eles iriam capturar Stephania e que ela iria dizer-lhes o que tinha feito. Eles viriam atrás dele, da mesma forma que o seu pai e Anka tinham vindo quando ele havia estado preso no acampamento do exército.

Mas a que lugar eles teriam de ir. Sartre olhava para fora enquanto a carroça percorria o seu caminho aos pinotes através da paisagem, e viu que a sua monotonia dava lugar a buracos e arredores rochosos, a borbulhar lagoas de escuridão e calor. Mesmo de onde ele estava, ele conseguia sentir o cheiro forte e amargo do betume.

Havia pessoas ali, a trabalhar em filas. Sartre conseguia ver as correntes a ligá-los aos pares enquanto eles dragavam o betume com baldes e o recolhiam para que outros o pudessem usar. Ele conseguia ver sobre eles os guardas de pé com chicotes e, enquanto Sartre observava, um homem sucumbiu com a pancada que estava a receber. Os guardas libertaram-no das suas correntes e pontapearam-no até ao lago de betume mais próximo. O betume demorou muito tempo a engolir os gritos dele.

Naquele momento, Sartre quis desviar o olhar mas não conseguiu. Ele não conseguia tirar os olhos do horror de tudo aquilo. Das gaiolas ao ar livre que eram obviamente as casas dos prisioneiros. Dos guardas que os tratavam como nada mais do que animais.

Ele ficou a observar até a carroça parar e ser aberta por soldados com armas numa mão e correntes na outra.

"Prisioneiros saiam", gritou um. "Saiam, ou incendiamos esta carroça com vocês aí dentro, sua escumalha!"

Em desordem juntamente com os outros, Sartre saiu para a luz. Agora ele poderia assimilar todo o horror daquilo. Os vapores do local eram quase avassaladores. Os lagos de betume à volta deles borbulhavam em estranhas e imprevisíveis combinações. Mesmo enquanto Sartre observava, um pedaço de terra perto de um dos lagos cedeu, caindo para dentro do betume.

"Estes são os lagos de betume", anunciou o soldado que tinha falado. "Não te incomodes a tentar habituares-te a eles. Vocês todos irão morrer muito antes de isso acontecer."

A pior parte era que eles talvez tivessem razão, suspeitou Sartre quando eles lhe puseram uma algema no tornozelo.

CAPÍTULO CINCO

Thanos fez deslizar o seu pequeno barco pelo xisto da praia acima, desviando o olhar dos grilhões fixados abaixo da linha da maré. Ele fez o seu caminho até sair da praia, sentindo-se exposto a cada passo que dava na rocha cinzenta daquele lugar. Seria demasiado fácil ser visto ali, e Thanos, definitivamente, não queria ser visto num lugar como aquele.

Ele escalou por um caminho e parou, sentindo a raiva juntar-se à sua repulsa ao ver o que estava ao longo de cada lado do caminho. Estavam ali instrumentos, forcas e espigões, rodas de tortura e cadafalso, todos, obviamente, destinados a dar uma morte desagradável para aqueles que lá estavam. Thanos tinha ouvido falar da Ilha dos Prisioneiros, mas mesmo assim, a crueldade daquele lugar tinha feito com que ele o quisesse destruir completamente.

Ele continuou pelo caminho acima, a pensar em como seria para qualquer um que fosse levado lá para baixo, cercado por paredes rochosas e sabendo que só a morte o aguardava. Tinha Ceres realmente acabado naquele lugar? Pensar nisso era o suficiente para Thanos sentir um nó no estômago.

À frente, Thanos ouviu gritos, vaias e lamúrias que quase pareciam como se fossem tanto de animais como de humanos. Houve algo naquele som que o fez congelar, com o seu corpo a dizer-lhe para estar pronto para a violência.

Apressou-se a sair do caminho, levantando a cabeça acima do nível das rochas que bloqueavam a sua visão.

O que ele viu para lá das rochas fê-lo ficar pasmado a olhar. Um homem estava a correr, com os pés descalços que deixavam manchas de sangue no chão de pedra. Ele usava roupas que estavam rasgadas e despedaçadas, com uma manga solta do ombro e uma grande racha nas costas que mostrava uma ferida por baixo. Ele tinha o cabelo selvagem e uma barba ainda mais selvagem. Apenas o fato de as suas roupas rasgadas serem de seda mostrava que ele não tinha vivido de uma forma selvagem toda a sua vida.

O homem atrás dele parecia, se alguma coisa, ainda mais selvagem. Havia algo nele que fazia com que Thanos se sentisse como a presa de um qualquer animal enorme apenas a olhar para ele. Ele usava uma mistura de couros que parecia terem sido roubados de uma dúzia de diferentes fontes, e tinha manchas de lama num padrão que Thanos suspeitava ter sido desenhado para que ele se misturasse com a floresta. Ele segurou um taco e uma adaga pequena, e os gritos que emitia, enquanto perseguia o outro homem faziam com que Thanos ficasse com os cabelos em pé.

Por instinto, Thanos começou a avançar. Ele não podia ficar de braços cruzados a assistir a alguém a ser assassinado, até mesmo ali, onde todos os que tinham sido para lá enviados tinham cometido algum crime. Ele desatou a correr subida acima, descendo depois até um local onde os dois passariam a correr. O

primeiro dos homens esquivou-se à sua volta. O segundo parou com um sorriso de dentes afiados.

"Parece que temos outro para apanhar", disse ele, investindo contra Thanos.

Thanos reagiu com a velocidade de quem treina há muito, desviando-se a balançar do primeiro golpe de faca. O taco apanhou-a no ombro, mas ele ignorou a dor. Ele rodou o seu punho bruscamente, sentindo o impacto ao ligar-se à mandíbula do outro homem. O homem selvagem caiu, ficando inconsciente antes de bater no chão.

Thanos olhou em volta e viu o primeiro homem a olhar para ele.

"Não te preocupes", disse Thanos, "Eu não te vou magoar. Chamo-me Thanos."

"Herek", disse o outro homem. Para Thanos, a sua voz parecia enferrujada, como se ele não falasse com ninguém há muito tempo. "Eu..."

Outro grito surgiu de trás na direção da área arborizada da ilha. Parecia serem muitas vozes reunidas em algo que mesmo a Thanos lhe parecia aterrador.

"Rápido, por aqui."

O outro homem agarrou o braço de Thanos, puxando-o para uma série de rochas mais altas. Thanos seguia, agachando-se num espaço que não conseguia ser visto do caminho principal, mas onde eles ainda conseguiam ver sinais de perigo.

Enquanto estavam ali agachados, Thanos conseguia sentir que o outro homem estava com medo. Ele tentava ficar o mais imóvel possível.

Thanos desejava que lhe tivesse ocorrido apanhar a faca do homem que ele tinha atirado ao chão, mas já era tarde demais para isso. Em vez disso, apenas lhe restava ficar ali enquanto eles esperavam que os outros perseguidores descessem ao local onde eles tinham estado.

Ele viu-os a aproximarem-se em grupo, e nenhum deles era igual. Todos tinham armas que obviamente tinham sido feitas com qualquer coisa que tivessem à mão, enquanto aqueles que ainda usavam mais do que simples pedaços de roupa vestiam uma estranha mistura de coisas, obviamente roubadas. Havia homens e mulheres ali, que pareciam esfomeados e perigosos, meio-famintos e ferozes.

Thanos viu uma das mulheres a tocar o homem inconsciente com o seu pé.

Naquele momento, ele sentiu um arrepio de medo, porque se o homem acordasse, ele poderia dizer aos outros o que tinha acontecido, e isso ia pô-los à procura.

No entanto, ele não acordou, porque a mulher ajoelhou-se e cortou-lhe a garganta.

Thanos ficou tenso com aquilo. Ao seu lado, Herek colocou-lhe a mão no braço.

"Os Abandonados não têm tempo para fraquezas de qualquer tipo", sussurrou ele. "Eles atacam qualquer um que consigam, porque aqueles lá em cima na fortaleza não lhes dão nada."

"Eles são prisioneiros?", perguntou Thanos.

"Todos nós somos prisioneiros aqui", respondeu Herek. "Até mesmo os guardas são simplesmente presos que subiram ao topo e que apreciam a crueldade o suficiente para fazer o trabalho do Império. Só que tu não és um prisioneiro, pois não? Tu não pareces ter passado pela fortaleza."

"Não sou", admitiu Thanos. "Este lugar... são prisioneiros a fazer isto a outros prisioneiros?"

O pior era que ele conseguia imaginar. Era o tipo de coisa que o rei, o seu pai, podia pensar. Colocar prisioneiros numa espécie de inferno e, depois, dar-lhes a hipótese de evitar mais dor apenas caso eles comandassem aquilo.

"Os Abandonados são os piores", disse Herek. "Se os prisioneiros não se subjugarem, se eles forem muito loucos ou muito teimosos, se não trabalharem ou ripostarem muito, são mandados para aqui sem nada. Os guardas perseguem-nos.

A maioria implora para ser trazida de volta."

Thanos não queria pensar sobre isso, mas tinha de o fazer, porque Ceres poderia estar ali. Ele mantinha os olhos no grupo de prisioneiros selvagens enquanto continuava a sussurrar para Herek.

"Eu estou à procura de uma pessoa", disse Thanos. "Ela talvez tenha sido trazida para aqui. O nome dela é Ceres. Ela lutou no Stade."

"A princesa lorde de combate", sussurrou-lhe Herek. "Eu vi-a a lutar no Stade. Mas não, eu teria sabido se ela tivesse sido trazida para aqui. Eles gostavam de fazer desfilar os recém-chegados à nossa frente, para que eles pudessem ver o que os esperava. Eu ter-me-ia lembrado *dela*."

O coração de Thanos mergulhou como uma pedra atirada numa poça. Ele tinha tido tanta certeza de que Ceres estaria ali. Ele tinha feito tudo para chegar até ali, simplesmente porque era a única pista que ele tinha do seu paradeiro. Se ela não estava ali... onde é que poderia estar?

A esperança que ele tinha tido começou a desvanecer-se, com tanta certeza quanto o sangue que saía dos pés de Herek, onde as rochas os tinham cortado.

O sangue para o qual os Abandonados estavam a olhar fixamente, até mesmo naquele momento, seguindo o seu rasto...

"Corre!", gritou Thanos, com a urgência a superar o seu desgosto ao mesmo tempo que arrastava Herek consigo.

Ele passou por cima da terra despedaçada das rochas, indo na direção da fortaleza, simplesmente porque ele achou que era uma direção que aqueles que os seguiam não queriam tomar. No entanto, eles seguiram-nos. Thanos teve de puxar Herek consigo para mantê-lo a correr.

Uma lança passou pela sua cabeça. Thanos encolheu-se mas não parou. Ele atreveu-se a olhar para trás e as formas magras dos prisioneiros estavam a aproximar-se, a persegui-los com tanta certeza como uma matilha de lobos.

Thanos sabia que tinha de se virar e lutar, mas ele não tinha armas. Na melhor das hipóteses, ele poderia apanhar uma pedra.

Figuras, em couros escuros e túnicas de correntes, erguiam-se das rochas em frente a segurar arcos. Thanos reagiu por instinto, arrastando-se a ele e a Herek para o chão.

Flechas sobrevoaram e Thanos viu o grupo de prisioneiros selvagens a caírem como milho ceifado. Uma prisioneira virou-se para fugir mas uma flecha apanhou-a nas costas.

Thanos levantou-se enquanto um trio de homens caminhava na direção deles.

O que estava à frente tinha cabelos grisalhos e rosto angular, e colocou o arco às costas quando se aproximou, desembainhando uma faca longa.

"És o príncipe Thanos?", perguntou ele ao aproximar-se.

Naquele momento, Thanos sabia que tinha sido traído. O capitão contrabandista tinha desistido da sua presença, ou por causa do ouro ou porque simplesmente não se queria dar ao trabalho.

Ele forçou-se a ficar erguido. "Sim, sou eu", disse ele. "E tu és?"

"Eu sou Elsius, guardião deste lugar. Em tempos chamavam-me de Elsius o Talhante. Elsius o Assassino. Agora, aqueles que eu mato merecem o seu destino."

Thanos já tinha ouvido aquele nome. Tinha sido um nome que as crianças com quem ele havia crescido tinham usado para se tentarem assustar uns aos outros.

Era o nome de um nobre que tinha matado sem parar. Até mesmo o Império pensou nele como sendo

demasiado diabólico para ficar em liberdade.

Inventaram-se histórias das coisas que ele tinha feito aos que apanhava. Pelo menos, Thanos esperava que essas histórias tivessem sido inventadas.

"Vais tentar matar-me agora?"

Thanos tentou parecer desafiante, apesar de não ter armas.

"Ah, não, meu príncipe, temos planos muito melhores para ti. Já para a tua companhia... "

Thanos viu que Herek tentou levantar-se, mas não foi suficientemente rápido.

O líder avançou e esfaqueou-o com enérgica eficiência, com a lâmina a deslizar

para dentro e fora do outro homem sem parar. Ele segurava Herek, como se para impedi-lo de morrer antes de estar pronto.

Finalmente, ele deixou cair o cadáver do prisioneiro. Quando se virou para Thanos, o seu rosto era um ricto que não tinha quase nada de humano.

"Qual é a sensação de te tornares um prisioneiro, Príncipe Thanos?", perguntou-lhe.

CAPÍTULO SEIS

Lucious tinha-se habituado a amar o cheiro das casas em chamas. Havia algo reconfortante nisso, algo que o excitava também com a perspectiva de tudo o que estava por acontecer.

"Espera por eles", disse ele, do seu poleiro no topo de um grande cavalo de batalha.

Os seus homens estavam espalhados à sua volta para cercar as casas que estavam a incendiar. Elas mal podiam ser consideradas casas, realmente. Eram apenas casebres tão pobres de camponeses que nem sequer valia a pena saqueá-

los. Talvez eles filtrassem as cinzas depois.

Por enquanto, porém, havia que aproveitar e divertirem-se.

Lucious viu um lampejo de movimento quando as primeiras começaram a fugir das suas casas a gritar. Ele apontou uma manopla, com a luz do sol a apanhar o ouro da sua armadura.

"Ali!"

Ele esporeou o seu cavalo para que aquele galopasse, levantou uma lança e atirou-a para baixo na direção de uma das figuras em movimento. Ao lado dele, os seus homens apanhavam homens e mulheres, golpeando e matando, deixando-os viver apenas ocasionalmente quando parecia óbvio que eles iriam ser mais lucrativos nos mercados de escravos.

Lucious tinha descoberto que havia uma certa arte em incendiar uma aldeia.

Era importante não se apressarem numa corrida cega e incendiarem tudo. Isso era o que os amadores faziam. Se se precipitassem, sem preparação, as pessoas iriam simplesmente fugir. Se incendiassem as coisas pela ordem errada, havia a possibilidade de ficarem para trás coisas valiosas. Se deixassem demasiados caminhos de fuga, as fileiras de escravos ficariam mais curtas do que era suposto.

A chave era a preparação. Ele fez com que os seus homens se organizassem num cordão fora da aldeia muito antes de cavalgar com a sua armadura tão visível. Alguns dos camponeses tinham fugido só de o ver, e Lucious tinha gostado disso. Era bom ser temido. Era correto que assim fosse.

Naquele momento, eles já estavam na etapa seguinte, onde tinham queimado algumas das casas menos valiosas. A partir do topo, claro, arremessando tochas para os telhados de colmo. As pessoas não conseguiam fugir quando disparavam para os seus esconderijos ao nível do solo, e quando elas não conseguiam correr, não havia entretenimento.

Mais tarde, haveria mais saques tradicionais, seguidos de tortura para com aqueles de quem se suspeitava terem simpatias rebeldes, ou que simplesmente

escondiam objetos de valor. E depois as execuções, é claro. Lucious sorria só de pensar nisso. Normalmente, ele só dava exemplos. Naquele dia, porém, ele ia ser mais... vasto.

Ele deu por si a pensar em Stephania enquanto cavalgava pela aldeia, desembainhando a sua espada para cortar para a esquerda e para a direita.

Habitualmente, ele não teria reagido bem ao ser rejeitado da forma que tinha sido.

Se alguma das jovens mulheres daquela aldeia o tentasse, Lucious, provavelmente, iria mandar esfolá-la viva, em vez de simplesmente enviá-la para os fossos das escravas.

Porém, Stephania era diferente. Não era só porque ela era bonita e elegante.

Ao pensar que ela era só aquilo, ele pensava na ideia de ela simplesmente lhe obedecer como um animal de estimação glorioso.

Agora que ela tinha acabado por ser mais do que isso, Lucious percebeu que os seus sentimentos estavam a mudar, tornando-se maiores. Ela não era apenas o ornamento perfeito para um futuro rei; era alguém que entendia a forma como o mundo funcionava, e que estava preparada para arranjar esquemas de forma a conseguir o que queria.

Essa tinha sido a principal razão pela qual Lucious tinha decidido deixá-la ir; ele estava a gostar demasiado do jogo entre eles. Ele tinha-a encostado contra a parede e ela tinha estado disposta a derrubá-lo juntamente com ela. Ele questionava-se qual seria a próxima movimentação dela.

Ele despertou dos seus pensamentos ao ver dois dos seus homens a deterem uma família com a ponta da espada: um homem gordo, uma mulher mais velha e três filhos.

"Porque é que eles ainda estão a respirar?", perguntou Lucious.

"Sua alteza", implorou o homem, "por favor. A minha família sempre foi o súbdito mais leal do teu pai. Não temos nada a ver com a rebelião."

"Então estás a dizer que eu estou enganado?", perguntou Lucious.

"Somos fiéis, sua alteza. Por favor."

Lucious inclinou a cabeça para um lado. "Muito bem, tendo em conta a tua lealdade, vou ser generoso. Vou deixar que um dos teus filhos sobreviva. E até vou deixar que sejas tu a escolher qual. Na verdade, ordeno-te que o faças."

"M-mas... não podemos escolher entre as nossas crianças", disse o homem.

Lucious virou-se para os seus homens. "Veem? Mesmo quando eu lhes ordeno, eles não obedecem. Matem-nos a todos e não me façam perder tempo com mais como estes. Todos nesta vila devem ser mortos ou colocados nas fileiras de escravos. Não me façam ter de repetir."

Quando os gritos começaram atrás de si, ele afastou-se, vendo mais casas em chamas. Aquela manhã estava realmente a transformar-se numa bela manhã.

CAPÍTULO SETE

"Trabalhem mais rápido, suas crias preguiçosas!", gritou o guarda. Sartes estremeceu com o bater do chicote nas suas costas. Se ele pudesse, ter-se-ia virado e lutado contra o guarda, mas sem uma arma era puro suicídio.

Em vez de uma arma, ele tinha um balde. Acorrentado a um outro prisioneiro, era suposto ele recolher o betume e derramá-lo para dentro de grandes barris e ser levado de volta para longe dos lagos, onde podia ser usado para calafetar barcos e vedar telhados, alinhar as pedras mais suaves e impermeabilizar paredes. Era um trabalho duro e ter de fazê-lo acorrentado a outra pessoa tornava-o ainda mais difícil.

O rapaz a quem Sartes estava acorrentado não era maior do que ele e parecia muito mais magro. Sartes ainda não sabia o seu nome, porque os guardas puniam qualquer um que falasse demais. Eles provavelmente pensavam que eles estavam a engendrar uma revolta, pensava Sartes. Olhando para alguns dos homens ao seu redor, talvez eles tivessem razão.

Os lagos de betume eram um lugar para onde algumas das piores pessoas em Delos eram enviadas, e isso via-se. Havia brigas por comida, e simplesmente terminava para quem era mais forte, embora nenhum deles durasse muito tempo.

Sempre que os guardas estavam a ver, os homens mantinham as suas cabeças para baixo. Aqueles que não o faziam rapidamente eram espancados ou atirados para o betume.

O rapaz que estava no momento acorrentado a Sartes não parecia se encaixar com tantos dos outros. Ele era magricela e esguio, parecendo que se podia partir com o esforço de puxar o betume dos lagos. A sua pele estava suja por causa disso e coberta de queimaduras onde o betume tinha tocado.

Uma pluma de gás afastou-se do lago. Sartes conseguiu prender a respiração, mas o seu companheiro não teve tanta sorte. Ele começou a tossir. Sartes sentiu o esticão na corrente quando o seu companheiro tropeçou e, ele viu, caiu de seguida.

Sartes não teve de pensar. Deixou cair o balde, lançando-se para a frente esperando ser suficientemente

rápido. Ele sentiu os seus dedos em torno do braço do outro rapaz, que eram tão finos que os dedos de Sartre pareciam uma segunda algema à sua volta.

O rapaz tropeçou em direção ao betume e Sartre puxou-o de lá. Sartre conseguia sentir o calor que vinha de lá e quase recuou ao sentir a sua pele a queimar. Em vez disso, ele continuou a segurar o outro rapaz, não o largando até o ter posto em segurança em terra firme.

O rapaz tossia e cuspiam, parecendo estar a tentar formar palavras.

"Está tudo bem", Sartre assegurou. "Tu estás bem. Não tentes falar."

"Obrigado", disse ele. "Ajuda-me... Os guardas..."

"O que é que está a acontecer aqui?", gritou um guarda, com um golpe de chicote que fez Sartre gritar. "Porque é que estás a descansar aqui?"

"Foram os vapores, senhor", disse Sartre. "Simplesmente, por um momento, levaram-no a melhor."

Tal rendeu-lhe mais um golpe. Naquele momento, Sartre desejou ter uma arma. Algo que ele pudesse usar para contra-atacar. Mas não havia mais nada para além do balde, além de que havia demasiados guardas para isso. Claro que Ceres provavelmente teria encontrado uma maneira de lutar contra todos eles com o balde. Pensar nisso fê-lo sorrir.

"Quando eu quiser que tu fales, eu digo-te", disse o soldado. Ele pontapeou o rapaz que Sartre tinha salvado. "Levanta-te, tu. Se não podes trabalhar, não serves para nada. Se não serves para nada, podes ir para dentro do betume como todos os outros."

"Ele consegue ficar de pé", disse Sartre, e rapidamente ajudou o outro rapaz a fazer exatamente isso. "Olha, ele está bem. Foram apenas os vapores."

Desta vez, ele não se importou de o soldado lhe bater, porque pelo menos isso significava que ele não estava a bater no outro rapaz.

"Voltem ao trabalho, então, ambos vocês. Vocês já desperdiçaram muito tempo."

Eles voltaram para recolher o betume. Sartre fazia o seu possível para recolher o máximo que conseguia, porque o outro rapaz claramente não estava ainda suficientemente forte para fazer muito.

"Chamo-me Sartre", sussurrou ele, vigiando os guardas.

"Bryant", sussurrou de volta o outro rapaz, embora parecesse nervoso ao fazê-

lo. Sartre ouviu-o tossir novamente. "Muito obrigado, salvaste-me. Se algum dia eu poder pagar-te, fá-lo-ei."

Ele calou-se quando os guardas passaram novamente.

"Os vapores são maus", disse Sartre para o manter a conversar.

"Eles comem os teus pulmões", respondeu Bryant. "Até mesmo alguns dos guardas morrem."

Ele disse-o como se fosse normal, mas Sartre não conseguia ver nada de normal naquilo.

Sartre olhou para o outro rapaz. "Tu não te pareces muito com um criminoso."

Ele viu o olhar de dor que atravessou o rosto do outro rapaz. "A minha família... o Príncipe Lucious foi à nossa quinta e queimou-a. Ele matou os meus pais. Ele levou a minha irmã. Ele mandou-me para aqui sem nenhuma razão."

Era uma história demasiado familiar para Sartre. Lucious era mau. Tudo lhe servia de desculpa para causar sofrimento. Ele despedaçava famílias só porque ele podia.

"Então porque não fazer justiça?", sugeriu Sartre. Ele continuava a escavar betume para fora do lago, certificando-se de que nenhum guarda se aproximava.

O outro rapaz olhou para ele como se ele fosse louco. "Como é que é suposto eu fazer isso? Eu sou apenas uma pessoa."

"A rebelião é muito mais do que uma pessoa", salientou Sartre.

"Como se eles se tivessem preocupado com o que acontece comigo", respondeu Bryant. "Eles nem sequer sabem que estamos aqui."

"Então nós vamos ter de ir até eles," Sartre sussurrou de volta.

Sartre viu uma expressão de pânico nas feições do outro rapaz.

"Não podes. Mesmo se falares em fugir, os guardas vão pendurar-nos acima do betume e baixar-nos lá para dentro aos poucos. Eu já vi isso. Eles vão matar-nos."

"E o que acontecerá se ficarmos aqui?" Sartre quis saber. "Se tivesses sido acorrentado a um dos outros hoje, o que é que teria acontecido?"

Bryant abanou a cabeça. "Mas há os lagos de betume e os guardas, e eu tenho a certeza que existem armadilhas. Os outros prisioneiros também não vão ajudar."

"Mas estás a pensar nisso agora, não estás?", perguntou Sartre. "Sim, haverá riscos, mas isso é melhor do que morrer garantidamente."

"Como é que mesmo suposto nós o fazemos?", perguntou Bryant. "Eles mantêm-nos em gaiolas durante a noite, e mantêm-nos amarrados um ao outro o dia todo."

Sartre tinha uma resposta para isso, pelo menos. "Então nós vamos fugir juntos. Encontramos o momento certo. Confia em mim, eu sei como sair de situações más."

Ele não disse que isso iria ser pior do que tudo o que ele já havia confrontado antes e também não deixou que o seu novo amigo soubesse o quão más as probabilidades eram. Ele não precisava de assustar Bryant mais do que ele já estava, mas eles efetivamente precisavam de ir.

Ele sabia que se ficassem mais tempo nenhum deles sobreviveria.

CAPÍTULO OITO

Enquanto caminhava entre o trio de prisioneiros, de volta em direção à fortaleza que dominava a ilha, Thanos sentia-se tão tenso quanto um animal prestes a saltar. A cada passo, ele dava por si à procura de uma rota de fuga, mas, em terreno aberto, com os arcos que os seus captores seguravam, não havia nenhuma.

"Bem que poderias ser sensato", disse Elsius atrás dele. "Eu não vou dizer que o teu destino será melhor se fores junto connosco, mas vais durar mais tempo.

Não há para onde fugir nesta ilha, exceto para os Abandonados, e eu vou-te apanhar muito antes disso."

"Então talvez eu devesse fazê-lo o quanto antes", disse Thanos, tentando encobrir a sua surpresa pelo outro homem ter lido as suas intenções tão facilmente. "Uma flecha nas costas não pode ser assim tão mau."

"Não é pior do que um golpe de espada", disse Elsius. "Oh sim, nós ouvimos falar sobre isso, mesmo aqui. Os guardas trazem-nos notícias quando nos atiram novas pessoas para castigar. Mas acredita em mim, se eu te apanhar, não haverá nada de rápido nisso. Agora, continua a andar, prisioneiro."

Thanos assim o fez, mas ele sabia que não conseguiria chegar até a parte fortificada da ilha. Se ele o fizesse, nunca mais veria a luz do dia. O melhor momento para escapar era sempre cedo, enquanto ainda se tinha forças. Portanto, Thanos continuou a olhar em redor, tentando avaliar o terreno e o seu momento.

"Não vai funcionar", disse Elsius. "Eu conheço os homens. Eu sei o que eles vão fazer. É incrível o que tu aprendes sobre eles, enquanto os cortas. Vês as suas almas verdadeiras nesse momento, acho eu."

"Tu sabes o que eu acho?", perguntou Thanos.

"Conta-me. Tenho a certeza de que o insulto vai trazer alegria ao meu dia. E dor ao teu."

"Eu acho que tu és um covarde", disse Thanos. "Eu ouvi falar dos teus crimes.

Uns quantos assassínios de pessoas que não são capazes de contra-atacar. Dirigir por pouco tempo um gangue de bandidos que lutaram por ti. És patético."

Thanos ouviu a gargalhada atrás dele.

"Oh, isso é o melhor que consegues fazer?", perguntou Elsius. "Estou ofendido. O que é que estavas a tentar fazer? Atrair-me para eu me aproximasse para que conseguisses atacar? Achas realmente que eu sou assim tão *estúpido*?"

Vocês os dois, detenham-no. Príncipe Thanos, se te mexeres, eu coloco-te uma flecha em algum lugar doloroso."

Thanos sentiu os braços dos dois guardas a envolverem-no, segurando-o

firmemente no lugar. Eram homens fortes, obviamente usados para lidar com prisioneiros indisciplinados. Thanos sentiu-se a ser virado para ficar de frente para Elsius, que estava a segurar o seu arco absolutamente nivelado, pronto para disparar.

Tal como Thanos tinha esperado.

Thanos agitou-se contra os guardas que o prendiam e, em seguida, ouviu Elsius a rir-se.

"Não digas que eu não te avisei."

Ele ouviu o som metálico da corda do arco, mas Thanos não estava a trabalhar para se libertar da maneira que eles poderiam estar à espera. Em vez disso, ele girou, arrastando um dos guardas na direção do caminho da flecha, sentindo o choque a percorrer o outro homem quando uma cabeça de flecha apareceu do outro lado do seu peito.

Thanos sentiu-se liberto quando o guarda agarrou a flecha, não hesitando. Ele atirou-se ao outro guarda, apanhando uma faca da sua cintura e empurrando-o contra Elsius. Com os dois entrelaçados, ele agarrou o arco do guarda que estava a morrer, apanhando tantas flechas quanto conseguia, enquanto corria.

Thanos ziguezagueava enquanto percorria o seu caminho em cima de pedras fragmentadas, correndo para o abrigo mais próximo. Provavelmente tinha-lhe salvado a vida ele não ter tentado correr de volta em direção ao seu barco, mas sim em direção às árvores.

"Não há nada para esse lado a não ser os Abandonados!", gritou Elsius atrás dele.

Thanos baixou-se quando uma flecha assobiou ao passar pela sua cabeça, suficientemente perto para lhe tocar no cabelo. O assassino atrás dele era muito bom a disparar.

Thanos disparou de volta, mal olhando. Se ele parasse por tempo suficiente para fazer pontaria corretamente, ele não tinha dúvida de que iria rapidamente ser morto por uma das flechas que passavam por si enquanto corria. Ou pior, ele podia simplesmente ficar ferido o suficiente para que Elsius o apanhasse e arrastasse para o lado fortificado da ilha.

Thanos mergulhou para trás de uma pedra, ouvindo uma flecha lá roçar. Ele disparou novamente, correu e, em seguida, fez uma pausa, com algum instinto a fazê-lo esperar quando uma flecha passou de repente.

Nesse preciso momento, ele correu na direção das árvores. Ele tentou que a sua corrida fosse imprevisível, mas prioritariamente, concentrou-se na velocidade. Quanto mais depressa ele chegasse às árvores para se proteger, melhor. Ele disparou outra flecha sem olhar, desviando-se para o lado por instinto enquanto uma outra flecha passava por si. Em seguida, atirou-se para trás da

árvore mais próxima, exatamente no momento em que uma flecha perfurou o tronco.

Thanos parou por um momento, a escutar. Por cima do bater do seu coração, ele conseguia ouvir Elsius a dar ordens.

"Vão e tragam mais guardas", ordenou ele. "Eu próprio vou continuar a perseguir o nosso príncipe."

Thanos começou a rastejar por entre as árvores. Ele sabia que tinha de percorrer terreno naquele momento, antes que chegassem mais guardas armados.

Em número suficiente eles seriam facilmente capazes de cercá-lo. E então ele não seria capaz de fugir, independentemente de quão bem ele lutasse.

No entanto, ele ainda tinha de ter cuidado. Ele conseguia ouvir Elsius algures atrás dele, pelo barulho de ramos e pela quebra ocasional de galhos. O homem mais velho ainda tinha o seu arco, e ele já tinha provado o quão disposto estava a usá-lo.

"Eu sei que consegues ouvir-me", disse Elsius atrás dele. O seu tom era de conversação, como se fosse a coisa mais normal do mundo falar assim com um homem que estava a tentar matar. "Terás caçado, é claro, sendo um príncipe."

Thanos não respondeu.

"Oh, eu sei", disse Elsius. "Tu não queres denunciar a tua posição. Queres ficar perfeitamente escondido e à minha frente. As pessoas que eu costumava perseguir no mundo costumavam tentar fazer isso. Também não funcionou para eles."

Uma flecha saiu das árvores, falhando Thanos por pouco, que se baixou. Ele disparou em resposta e, depois, desatou a correr por entre as árvores.

"É mais isso", respondeu Elsius. "Certifica-te que de os Abandonados não te apanham. A mim, eles temem. Tu... tu és apenas uma presa."

Thanos ignorou-o e continuou a correr, dando voltas e mais voltas aleatoriamente até ter a certeza que já havia uma distância suficiente entre ele e o seu perseguidor.

Ele fez uma pausa. Ele já não conseguia ouvir Elsius. No entanto, ele conseguia ouvir o som de alguém a amaldiçoá-los, meio zangado, meio em pranto.

Ele percorreu o seu caminho para a frente com cuidado, não confiando. Não confiando em nada.

Ele chegou à beira de uma pequena clareira. Nela, para sua surpresa, estava uma mulher pendurada pelo seu tornozelo, de cabeça para baixo, presa numa armadilha. O seu cabelo escuro estava preso numa trança que pendia para baixo, roçando o chão. Ela usava calças ásperas e túnica de marinheiro, amarrada com uma faixa. Ela praguejava inquestionavelmente como um marinheiro enquanto

tentava desenhencilhar-se da corda que a detinha, sem qualquer sucesso discernível.

Todos os instintos de Thanos lhe diziam que aquilo era parte de alguma armadilha maior. Ou aquilo era uma manobra deliberada para atrasá-lo, ou, na menor das hipóteses, o praguejar da mulher iria trazer rapidamente os Abandonados.

No entanto, ele não poderia deixá-la assim. Thanos foi até à clareira, erguendo a faca que segurava.

"Quem és tu?", perguntou a mulher. "Afasta-te, escória dos Abandonados! Se eu tivesse a minha espada..."

"Talvez seja melhor não fazeres barulho antes que atraias todos os prisioneiros para aqui", disse Thanos enquanto a libertava da armadilha. "Chamo-me Thanos."

"Felene", respondeu a mulher. "O que é que estás aqui a fazer, Thanos?"

"A fugir de homens que me querem matar, a tentar voltar para o meu barco", disse Thanos. Ele teve uma ideia e começou a repor o laço da armadilha.

"Tens um barco?", perguntou Felene. Thanos notou que ela mantinha a distância. "Uma maneira para sair deste rochedo abandonado pelos deuses?"

Parece que eu vou contigo, então."

Thanos abanou a cabeça. "Talvez não queiras ficar perto de mim. As pessoas que me estão a perseguir estarão aqui em breve."

"Não pode ser pior do que o que eu tenho estado a lidar aqui até agora."

Mais uma vez, Thanos abanou a cabeça. "Sinto muito, mas eu não te conheço.

Tu podes estar nesta ilha para qualquer coisa. Pelo que sei, tu vais apunhalar-me pelas costas assim que eu te der uma oportunidade."

A mulher parecia que ia argumentar, mas um som vindo das árvores fê-la olhar para cima como um cervo assustado e fê-la correr ainda mais para dentro da floresta.

Thanos aproveitou a deixa dela e deslizou de volta para as árvores. Ele viu Elsius sair para a clareira, com o arco desembainhado. Thanos alcançou o arco que tinha apanhado, percebendo que já não tinha flechas. Sem quaisquer melhores opções, ele saiu detrás da árvore onde estava escondido.

"Eu pensei que serias uma melhor presa do que isto", disse Elsius.

"Aproxima-te e vais descobrir o quão perigoso eu consigo ser", respondeu Thanos.

"Oh, não é assim que isto funciona", respondeu Elsius, mas ele deu um passo adiante de qualquer maneira.

Thanos ouviu o estalido quando o laço travou, e observou Elsius a ser puxado para cima. Caíram flechas da sua aljava. Thanos apanhou-as rapidamente e partiu

de volta para as árvores. Ele já conseguia ouvir os sons de outros que se aproximavam; Abandonados ou guardas, isso não importava.

Thanos correu por entre as árvores, capaz de se dirigir para o seu barco agora que não estava a ser seguido. Ele pensou ter vislumbrado figuras através das folhagens e, atrás de si, Thanos ouviu um grito que só podia ser de Elsius.

Um dos Abandonados saiu de rompante das árvores perto de Thanos, lançando-se para a frente. Thanos deveria ter sabido que não poderia esperar evitá-los a todos. O homem deu balanço a um machado que

parecia ter sido feito a partir do osso da perna de um inimigo morto. Thanos entrou no balanço e apunhalou-o, empurrando-o para longe, e continuando a correr.

Ele conseguia ouvir outros, naquele momento. Gritos de caça que vinham através das árvores. Ele surgiu de rompante em terreno aberto e viu um grupo de guardas de Elsius a aproximar-se vindos do outro lado. Thanos assustou-se quando, por trás dele, pelo menos, uma dúzia de figuras em armaduras fragmentadas apareceram das árvores. Thanos cortou para a direita, esquivou-se passando por uma figura que avançava, e continuou a correr quando os dois grupos colidiram um contra o outro.

Alguns continuaram a perseguição, mas Thanos viu mais alguns deles começarem a lutar entre si. Ele viu os Abandonados a embaterem nos guardas numa onda e a lutarem contra eles. Eles tinham a ferocidade, mas aqueles do lado fortificado da ilha tinham armadura real e armas melhores. Thanos duvidava que eles tivessem alguma hipótese de vencer, e ele não tinha a certeza se queria que eles vencessem.

Ele correu em torno das rochas da ilha, tentando encontrar o seu caminho de volta para o seu barco. Se ele conseguisse chegar até lá... bem, seria difícil, uma vez que os contrabandistas o haviam traído, mas ele iria encontrar uma maneira de sair da ilha.

A parte difícil estava em tentar encontrar o seu caminho. Se ele tivesse corrido diretamente de volta ao longo da rota que ele tinha tomado em primeiro lugar, refazendo os seus passos, teria sido fácil de encontrar, mas não teria conseguido fugir dos homens que o seguiam. Mas Thanos também não se atrevia a parar completamente, mesmo tendo os sons de perseguição atrás dele dado lugar a sons de batalha.

Pareceu-lhe ter reconhecido o início do caminho para a praia. Correu para baixo, mantendo os olhos abertos para possíveis emboscadas. Não parecia haver ninguém ali. Só mais um pouco e ele estaria de volta ao seu barco e ele seria capaz...

Ele dobrou a esquina da praia e parou. Um dos Abandonados estava ali, maciço e musculado. Ele estava de pé sobre o barco de Thanos, ou, pelo menos,

sobre o que restava dele. Enquanto Thanos observava, o prisioneiro atingia o barco com uma espada que parecia um palito de fósforo nas suas mãos, partindo algumas das pranchas que permaneciam.

Thanos ficou desesperado.

Agora não havia forma de escapar.

CAPÍTULO NOVE

Quando Lucious voltou para o castelo, as execuções ainda continuavam. Era assim que deveria ser. Ele não queria que os seus homens terminassem aquilo muito rapidamente. Ele queria estar ali para se divertir.

Mais do que isso, ele queria que Ceres estivesse ali para ver aquilo por tanto tempo quanto possível. Lucious fez questão de olhar para cima em direção à sua janela, onde ele sabia que ela estaria acorrentada no lugar, forçada a olhar lá para fora para a cena por tanto tempo quanto possível. Havia uma certa satisfação nisso.

Muito mais do que havia em olhar para o pátio onde as execuções estavam para acontecer. Lá, homens e

mulheres estavam ajoelhados em fileiras, enquanto os carrascos se movimentavam entre eles com machados. Enquanto observava, ele viu um a empurrar um homem para o chão, erguendo o machado acima da cabeça e balançando-o num arco perfeito que deixou uma cabeça a rolar pelo chão.

"O que é isto?", quis saber Lucious, levantando a voz com raiva. Ele tinha estado afastado uma hora ou duas, no máximo. Mas, no entanto, parecia que toda uma linha de homens de Lorde Oeste já tinha sido morta, praticamente todos decapitados.

"Estamos apenas a fazer o que disseste, sua alteza", disse o carrasco. "Matar estes homens."

"E a fazer uma bagunça!", disse, de repente, Lucious. Ou melhor, eles não estavam a fazer bagunça *suficiente*. "Decapitá-los? Eu quero que eles sofram!"

Quero que vocês sejam inventivos. Não vos disse para usarem todos os meios de execução de que se conseguissem lembrar?"

"Muitos dos homens de Lorde Oeste têm feito questão de dizer que são nobres", explicou o carrasco. "E que, como tal, têm o direito de escolher a morte pela espada ou pelo machado em vez de..."

Naquele momento, Lucious atingiu-o com a sua mão couraçada a afundar-se profundamente no estômago do homem. O carrasco era um homem grande, mas com Lucious a bater-lhe assim com tanta força, ele ainda assim dobrou-se.

Lucious arrebatou-lhe o machado das mãos num movimento rápido e, em seguida, num movimento em redor atingiu as costas do carrasco. Quando ele caiu, a gritar, Lucious puxou a arma para fora.

"Eles não têm nenhum direito para além daqueles que eu digo que eles têm! E

mesmo com um machado, vocês devem ser capazes de lhes dar uma morte digna de horror. Aqui, deixem-me que vos mostre!"

Ele atacou uma e outra vez, golpeando o carrasco até ter a certeza de que todos os outros ali entendiam o que os esperava se não obedecessem.

Quando terminou, Lucious olhou em torno de um alvo adequado por onde começar. Talvez se ele desse um exemplo àqueles cretinos eles entendessem finalmente o que ele lhes era exigido.

"Eu quero que vocês façam disto algo sobre o qual as pessoas falarão daqui a mil anos", disse ele. "É assim tão difícil de entender? Eu quero que vocês façam estes homens durarem antes de darem o seu último grito. Eu quero que seja cortada a garganta a todos que oiçam os seus filhos falarem em se revoltarem, porque a alternativa é tão terrível. Agora, tragam-me Lorde Oeste. Nós vamos começar com ele."

O silêncio que reinava no pátio não fazia muito pelo humor de Lucious.

"Não me digam que vocês já o decapitaram." Lucious viu um dos torturadores a ser empurrado para a frente. "Bem, o que é que se passa?"

"Um... implorando o perdão de sua alteza, mas o rei mandou chamar Lorde Oeste. Ele queria falar com

ele."

Claro que queria. O seu pai nunca conseguiria simplesmente manter-se afastado da sua diversão. Um dia, ele não teria esse tipo de problema. Um dia, ele iria governar, e não haveria ninguém a complicar as coisas. Os traidores estariam todos mortos e as pessoas iriam entender qual era o seu lugar.

Enquanto escravos.

Lucious assentiu para si mesmo ao ter tal pensamento. O maior problema com Delos era que tinha perdido divisões claras. Os fracos acreditavam agora que havia todo um conjunto de degraus que separavam o servo hierarquicamente mais baixo do rei, e o problema com os degraus era que eles criavam a impressão de que poderiam ser escalados. Bem, Lucious tornaria isso mais simples quando fosse rei. Aqueles que não eram da classe nobre seriam propriedade da classe nobre, tal como deveria ser. Aqueles que argumentassem iriam sofrer por isso.

O que o fez lembrar da *outra* coisa que ele tinha de fazer naquele dia.

"Comecem as execuções outra vez", ordenou Lucious. "E desta vez, façam-no corretamente. Se eu vir mais alguma decapitação misericordiosa, vocês irão todos para a forca. Fui claro?"

Houve um coro de anuência.

"Boa. Agora, abram os portões. Deixem o povo comum ver. Eu tenho um anúncio a fazer."

Os guardas fizeram o que ele mandou e as pessoas entraram para o pátio.

Lucious tentou não demonstrar o seu desprezo. Há um ou dois dias atrás ele teria abatido aquelas pessoas por se atreverem a entrar juntas daquela forma. Ele teria

tomado como prova que eles tinham a intenção de provocar um motim, provocar uma revolta ou entrar pelo castelo.

Mesmo naquele momento, ele olhava em volta para garantir que sabia onde os guardas estavam. Discretamente, é claro. Ele não queria sugerir àqueles camponeses que ele estava de alguma forma com medo deles.

"Príncipe Lucious!", chamou uma voz. Lucious retraiu-se automaticamente e a sua mão encaminhou-se para o punho da sua espada.

Quando uma miúda correu para a frente com uma coroa vitoriosa de folhas de louro, ele imaginou que um dos seus servos tinha providenciado aquilo. Lucious pôs-se hirto quando a recebeu, desejando por um momento que fosse a verdadeira coroa. Afinal de contas, ele tinha sido feito para governar. Depois, ele iria descobrir quem tinha providenciado aquele momento e puni-lo por não lhe ter dito.

Lucious parou diante da multidão e tentou esconder alguma da sua repugnância. Não teria sido possível terem-lhe encontrado um grupo de pessoas mais asseadas para se dirigirem a ele? Ele suponha, no entanto, que a ideia era que a sua mensagem apanhasse o maior número possível de pessoas, pelo que ignorou a questão.

"Pessoas de Delos", começou ele, e, desta vez, ele estava satisfeito pelo seu pai o ter obrigado a ter lições sobre como falar e estar diante de uma multidão.

Antes ele achava que tal era um desperdício de tempo. Afinal de contas, ele era um príncipe e as pessoas tinham de ouvi-lo. Agora, porém, ele estava grato pela sua voz se fazer ouvir. "Meus cidadãos. Meu povo."

Eles eram, afinal, muito definitivamente *seus*.

"Vocês viram o caos que a rebelião trouxe para a nossa cidade nos últimos dias. Eles procuraram aliados nos confins das nossas terras para tentar derrubar o governo legítimo do Império. Eles trouxeram um exército para as nossas próprias portas. Eles subverteram esses homens cuja honra normalmente teria sido lutar e morrer por vocês: os lordes de combate."

Lucious ouviu alguns na multidão a fazerem barulhos de desaprovação perante o que ele havia dito. Ele achava que o seu povo havia plantado fiéis ali para mostrarem às pessoas como deviam reagir. Talvez ele afinal não os mandasse punir.

"Hoje, a ameaça da rebelião terminou. Eu e os meus soldados fomos capazes de enfrentar e derrotar o inimigo, mesmo quando eles tentaram entrar na nossa grande cidade. Os traidores estão a sofrer os seus destinos agora, enquanto os meus homens estão a cavalo para destruir os últimos bastiões deste flagelo sobre o Império."

Lucious levou o seu punho à palma da sua mão bruscamente. "Nós os derrubámos. Os meus antepassados derrubaram a tirania dos Anciãos. Eles reivindicaram o Império e nós vamos mantê-lo. Se há alguém aqui que duvida da nossa determinação, olhe para os corpos dos traidores que nós estamos a executar. Veja o seu destino, se agir contra nós."

Lucious viu-os a olhar em volta, vendo os homens a serem torturados até à morte.

"Mas eu não quero que isso seja um momento infeliz. É um momento para a celebração da nossa vitória. Deixem o nosso rei ver a alegria que está nos vossos corações com a sua governação. Nós esperamos vê-los nas ruas em comemoração. Esperamos ouvir as vossas vozes levantaram-se em canções que exaltam a força do Império."

Mais uma vez, aqueles que estavam plantados na multidão fizeram a sua parte, gritando a sua aprovação mesmo se os outros se mantivessem em silêncio.

"E vamos desempenhar o nosso papel nestas celebrações", continuou Lucious.

"Sabemos que o povo de Delos ama o Stade. Assim como eu! É por isso que tenho a intenção de fazer o maior evento que o Stade já viu durante a sua existência. Os lordes de combate que nos traíram vão atuar como nunca foi visto antes, lutando até ao seu último suspiro em honra do Império. Ninguém vai sobreviver ao final deste grandioso Stade!"

Lucious, até certo ponto, esperava que eles gritassem o seu nome quando ele terminasse aquele anúncio. Em vez disso, ele viu a multidão a olhar para ele algo aterrorizada, enquanto atrás dele, os gritos dos que morriam continuavam.

Eles viriam, no entanto, ele sabia. Eles viriam.

E o medo, bem, o medo seria mais do que suficiente para ele – assim que ele fosse finalmente o governante do Império.

CAPÍTULO DEZ

Ceres atirava-se contra as suas correntes, frustrada, tentando lutar para tentar livrar-se do seu cativeiro. Cada grito e choro vindo lá de baixo era como uma nova punhalada no seu coração, lembrando-a do quão impotente era.

Ela não conseguia ajudar. Há já quase um dia que homens e mulheres estavam a morrer, e ela não conseguia acabar com aquilo. Eles estavam a morrer por ela e da forma mais horrível que Ceres poderia imaginar. Depois do assassinato de um dos carrascos de Lucious, parecia quase que estavam a competir para ver qual deles conseguia descobrir a maneira mais cruel de matar os rebeldes.

Lá em baixo, os guardas estavam a baixar um dos homens de Lorde Oeste para dentro de uma cuba a ferver enquanto ele gritava e lutava para fugir. Ceres teria desviado o olhar se conseguisse, mas as correntes seguravam-na no lugar. Mais do que isso, ela achava que não merecia desviar o olhar. Ela tinha levado o homem até àquilo. Tinha sido ela a convencer Lorde Oeste e os seus homens a irem até Delos. Tinha sido ela a liderar o ataque até ao convidativo portão aberto.

Era culpa dela, e ter de vê-los a morrer era a sua penitência.

Desesperadamente, Ceres tentou alcançar os poderes que ela sabia estarem dentro de si. Que ela esperava estarem lá, de qualquer maneira. Ela tinha-os procurando tantas vezes agora, gastando as suas últimas energias a tentar desenterrar alguma resposta desses poderes, mas tal parecia estar mais longe do que nunca.

Lá fora, os gritos do soldado pararam, e Ceres descaiu no lugar, sentindo as correntes a morderem-lhe os pulsos. Ela desejou que aquilo acabasse, ou que houvesse até mesmo uma hipótese de descansar, mas parecia sempre haver mais gritos, mais tortura, mais morte.

Ela ainda estava ali pendurada quando os guardas foram ter com ela; meia dúzia deles, todos homens fortes. Parecia que, mesmo ela conseguindo encontrar os poderes que vinham do seu sangue dos Anciãos, o Império não queria arriscar.

"O que é que estão a fazer?", exigiu saber Ceres. "Para onde é que me estão a levar?"

Eles não responderam. Em vez disso, eles agarraram nas suas correntes, fazendo-a caminhar entre eles, puxando as correntes para levá-la da maneira que poderiam ter levado algum animal perigoso. Ceres deu por si a lembrar-se do omnicat que ela havia matado no Stade, naquilo que parecia ter acontecido uma vida atrás. Tinham-no levado até ali daquela forma?

Porém, eles não a levaram para o Stade. Em vez disso, eles puxaram-na pelo castelo. As pessoas saltavam para trás, desviando-se do caminho de Ceres como

se tivessem medo do que ela pudesse fazer, mesmo acorrentada daquela maneira.

Eles levaram-na para um conjunto de quartos cuja opulência só mostrava o vazio da sua própria cela. Eram lugares com luz, móveis de marfim elegantemente esculpidos a folhas de ouro e cortinados de seda.

Havia uma porta aberta numa extremidade, para uma varanda. Enquanto os guardas puxavam Ceres lá para fora, ela viu duas coisas: ela viu que a varanda tinha uma vista para o pátio, para que, mesmo naquele momento, ela não conseguisse evitar a imagem das execuções, e ela viu o outro ocupante da varanda.

Stephania.

Ceres sentiu raiva ao vê-la. Stephania podia não ser Lucious, mas não estava muito longe disso. De todas as vezes que se tinham encontrado, Stephania tinha tentado magoá-la. Ceres avançou, e viu-se mantida no lugar apenas pelos esforços dos guardas. Eles fixaram as suas correntes às grades de pedra da varanda, segurando Ceres para que ela não conseguisse fazer muito mais a não ser olhar.

Ela estava tão impotente como tinha estado na sua cela.

"Cruzes, estás com um aspeto desalinhado, não?", perguntou Stephania. Ela, claro, estava com um aspeto impecável. Ceres suspeitava que ela provavelmente tinha passado tempo extra a preparar-se para aquele encontro, porque não tinha um único fio de cabelo fora do lugar. Ela pingava ouro e joias, enquanto sedas azuis fortes acentuavam a frieza dos seus olhos. "Um animal imundo, arrastado das ruas."

"O que é que queres, Stephania?", perguntou Ceres.

Stephania fez um sinal, e a cabeça de Ceres tilintou quando um dos guardas a atingiu com a palma da mão.

"Ainda não sabes como falar com os teus superiores", disse Stephania.

"Deveria estar grata por teres decidido assumir a minha educação?", ripostou Ceres. Ela esperou pelo ataque seguinte, mas para sua surpresa, Stephania levantou a mão para detê-lo.

"Nós não queremos que ela fique demasiado marcada", disse Stephania.

"Afinal, Lucious só nos a emprestou."

Ceres forçou-se a sorrir. "É por isso que não me estás a atirar pela varanda?"

Ela viu os olhos de Stephania endurecer. "Achas realmente que eu iria deixar as coisas acabarem para ti assim de uma forma tão simples? No momento em que isto terminar, tu vais querer atirar-te da varanda, apenas para acabar com isto "

"Achas que eu não tenho sofrido?", perguntou Ceres. "Tu mandaste-me para a Ilha dos Prisioneiros!"

"E tudo teria sido muito melhor se simplesmente tivesses ficado por lá, em vez de voltares." Stephania sentou-se ao pé de uma pequena mesa, a beber

pequenos goles de uma taça fumegante. "Mas voltaste, e agora os rumores estão a dizer-me que tu alegas ter o sangue dos Anciãos. Oh, não fiques surpreendida. Eu ainda ouço coisas."

"Eu não alego ter o sangue deles", disse Ceres, olhando para Stephania em desafio. "Eu tenho-o."

Stephania girou entre as suas mãos a taça de onde ela estava a beber. Quase casualmente, atirou-a para Ceres. Ceres sentiu o líquido quente a derramar-se nas suas feições quando a taça a atingiu. Ela ouviu a cerâmica a partir-se ao bater no chão. Por instinto, Ceres caiu sobre um joelho, agarrando-se ao local onde havia sido atingida. A outra mão desceu, escondendo discretamente um dos cacos.

Ela viu Stephania chegar-se à frente.

"Olha para ti", disse ela, avançando a cada palavra. "Tu és patética. Eu não sei porque é que eu me preocupo sempre contigo. Sangue dos Anciãos? O teu sangue é o que sempre foi". O dedo dela espetou-se no peito de Ceres. "O de uma camponesa grosseira e feia."

Ceres lançou-se então, usando a pouca folga que tinha das suas correntes para chegar até atrás de Stephania, pressionando o fragmento na sua garganta.

Ela sentiu Stephania tensa naquele momento, apenas, mas só apenas porque ela a estava a deter ali. Ela tinha a tensão de um arco esticado ou de um cervo pronto a fugir.

À frente dela, ela viu os guardas a espalharem-se, obviamente a tentarem encontrar uma maneira de ajudar. Ceres mantinha Stephania entre ela e eles.

"Larga-o para o chão, senão eles matam-te", disse Stephania.

"Eu ainda posso livrar o mundo de ti", disse Ceres. "Se eu, de qualquer das maneira, vou morrer, porque não?"

"Porque..." Ela ouviu Stephania a ofegar para falar. "Porque tu estarias a matar o filho de Thanos!"

Ceres largou-a em puro choque e Stephania saltou para longe dela, esfregando a sua garganta. Ceres conseguia ver uma linha de sangue onde a borda afiada do fragmento a tinha arranhado.

Naquele momento, os guardas correram para a frente, agarrando-a, e um golpeou-a no estômago. De joelhos, Ceres olhou para Stephania.

"Não", disse Ceres. "Estás a mentir."

"Não ouviste as novidades, então?", retrucou Stephania. "Claro que não. Uma tolinha como tu não se preocupa com as coisas importantes."

"Que novidades?", Ceres quis saber. "Que tu és uma mentirosa? Eu já sabia disso."

Ela viu Stephania a sorrir amplamente. "Que eu e Thanos estamos casados."

Ceres não tinha certeza de quais palavras a poderiam ter magoado mais. Ela ficou ali, sem resposta. Ela não conseguia pensar em nada para dizer. Ela não conseguia acreditar que fosse verdade. Por fim, ela encontrou o fôlego para falar.

"Não", disse ela. "É mentira. Thanos nunca faria isso!"

"A sério?", contrapôs Stephania. "Pergunta a qualquer um dos servos aqui.

Pergunta a quem quiseres. Vou convocá-los. Pergunta a qualquer um dos guardas.

Foi o maior evento da temporada. Eles estavam todos lá."

Ceres tentava pensar numa maneira em que ainda pudesse ser uma mentira, mas não havia nenhuma. Se fosse uma mentira, Stephania teria tentado controlar aquilo. Mesmo assim, era quase impossível de acreditar.

"Thanos nunca teria casado contigo", disse ela. "A não ser que alguém o tivesse obrigado."

"Não só ele se casou comigo, como foi ele que se propôs. Sem ti, nós eramos muito felizes. *Ele* era feliz.", disse Stephania

"Então, onde é que ele está?", ripostou Ceres. "Trá-lo aqui. Ele que me diga isso."

A raiva atravessou as feições de Stephania naquele momento. "Ele foi-se embora, graças a ti. Graças a tudo o que tu desencadeaste. Ele tinha de se ir embora, e se tu tivesses simplesmente tido a graça de ficares morta, não trazendo... *isto* para a cidade, então ele ainda estaria aqui comigo e com o nosso filho."

Naquele momento, Ceres quase, *quase* sentiu piedade por Stephania, mas a dureza da expressão dela rapidamente mudou isso.

"É por isso que vais pagar", disse Stephania. Ceres viu-a a olhar para baixo para o pátio. "Ah, olha, acho que eles encontraram alguém de quem tu gostas.

Olha, vá lá." Ela levantou a voz. " *Olha*, ou então vou fazer com que os guardas te forcem a tal."

Ceres levantou-se e olhou. O que ela viu ali fê-la ficar destroçada. Anka ainda estava amarrada ao poste onde ela tinha estado ao início. Era óbvio que a tensão de estar ali de pé amarrada há tanto tempo era uma agonia.

E agora um dos carrascos estava a aproximar-se dela.

Ele tinha um longo pedaço de madeira. Ceres não conseguia perceber o que ele estava a planear fazer, até ao momento em que ele o encaixou na corda que segurava Anka ao poste pela garganta dela.

"Não", disse Ceres.

"Sim", respondeu Stephania.

"Tu..."

"Isto não tem nada a ver comigo", disse Stephania. "Isto tem a ver com Lucious, mas, ocasionalmente, ele tem alguma utilidade. Sabes que *ele* pediu-me em casamento? Oh, eu não vou dizer que sim, mas é bom saber como ele pensa, não é?"

Ela estava a balbuciar como se aquilo fosse apenas uma conversa agradável, em vez de um precursor para a morte de uma amiga de Ceres.

Enquanto isso, o carrasco começou a rodar a alavanca de madeira, virando a corda, apertando-a. Ele fazia-o como se não fosse nada, sem um lampejo de expressão.

"Pára com isto", implorou Ceres. "Pára com isto. Eu farei qualquer coisa."

"Não há nada que pudesses fazer que eu quisesse", disse Stephania.

Abaixo, Ceres viu Anka a tentar lutar contra o que a prendia. Mais uma vez, Ceres tentou convocar os seus poderes. Definitivamente por aquilo, pela sua amiga... mas não, não havia nenhum sinal da força ou da energia que já lá havia estado.

"Além disso", disse Stephania, "como eu disse, isto deve-se a Lucious. Nós somos apenas observadores. Eu devo admitir que estava um pouco desconcertada com os gritos ao início, mas quando me ocorreu que irias sofrer, ultrapassei esse desconforto."

Ceres atirou-se na direção de Stephania, mas o nobre havia-a colocado deliberadamente fora de alcance. Tudo o que Ceres conseguia fazer era ficar ali a assistir enquanto Anka lutava para respirar e pontapeava, tentando fugir.

Anka ficou imóvel. Ceres sucumbiu contra o parapeito da varanda.

Ela não conseguia respirar bem, naquele momento. Ceres sentiu como se o mundo tivesse parado de girar; como se nada fizesse sentido. Não devia ser assim tão fácil perder alguém. A culpa e a tristeza lutavam dentro de si, cada uma a tentar encontrar espaço para a preencher. Afinal, tinha sido Ceres a convencê-los a erguerem-se assim. Se ela não tivesse...

Mas não havia forma de voltar atrás. Anka tinha morrido. Assim, simplesmente, uma das poucas pessoas que ela tinha sido capaz de chamar de amiga, estava morta, levada de si como se isso nem sequer tivesse importância.

Ela tinha sido tão vibrante, tão importante para a rebelião e o Império tinha-a matado. Lucious tinha-a matado.

E Stephania tinha ficado ali a deixar que aquilo acontecesse.

"Eu vou-te matar", prometeu Ceres. "Aconteça o que acontecer, eu vou-te matar por isto."

"E deixar Thanos perturbado?", contrapôs Stephania. "Tu não farias isso."

Porém, ela iria fazê-lo. Olhando para a forma imóvel de Anka lá em baixo, ela iria. A pior parte era que o carrasco tinha acabado de a deixar lá,

abandonando-a enquanto se dirigia para outro membro da rebelião. Para ele, matar alguém tão especial como Anka era apenas uma função a ser executada.

No meio daquilo tudo, Stephania chamou os guardas que haviam levado Ceres para ali. Ceres nem sequer

reparou que ela o estava a fazer. Ela estava muito ocupada a olhar fixamente para a cena abaixo.

"Eu vou dizer isto", disse Stephania. "Lucious pode ser um bandido irracional, mas quando se trata de fazer as pessoas sofrer, ele tem a sua utilidade."

Os guardas apanharam as correntes de Ceres, levantando-a como uma espécie de marionete.

"Mata-me simplesmente", disse Ceres. "Acaba já com isto...."

"Oh, acho que ainda não", respondeu Stephania. Ceres conseguia ouvir a maldade por trás da doçura. "Por um lado, tenho a certeza de que Lucious sabe bem *o tipo* de coisas que quer fazer com uma prisioneira como tu, e eu não estou inclinada a irritá-lo por lhe tirar os brinquedos. Por outro, ...". A expressão de Stephania endureceu. "Eu quero que tu sofras. Quero que sofras até não sobrar mais nada de ti. Até que nem sequer te lembres do que era ser livre, estar em segurança ou ser feliz. Depois de tudo o que tens feito, mereces."

Ela fez sinal. Ceres sentiu os guardas a começarem a arrastá-la até à porta. Se ela se tivesse conseguido libertar, então, ela teria matado Stephania ou ter-se-ia matado a si própria, ela não sabia quem. Talvez ambas, agarrando-a e atirando as duas daquela varanda ao mesmo tempo numa espécie de queda final.

Não importava. Ter visto Anka a morrer assim parecia ter esgotado os últimos restos da sua força, pelo que Ceres mal conseguia ficar de pé, e, muito menos, lutar pela sua liberdade. Ela sentia-se como um peso morto, erguida apenas pelos esforços dos seus captores.

"Oh, há uma última coisa", disse Stephania, e ela fez com que aquilo soasse quase como uma reflexão tardia. Talvez, para ela, fosse. "O teu irmão."

"Sartes?", disse Ceres. "O que é que lhe fizeste?"

"Eu ia fazê-lo tranquilamente, apenas para me livrar das últimas memórias de ti", Stephania continuou, como se Ceres não tivesse falado. "Mas, contigo de volta, permite-me uma outra maneira encantadora para te magoar. Os teus amigos estão a morrer, tu estás presa, Thanos casou comigo e o teu irmão... bem, o querido Sartes vai estar em breve a ferver em betume. Disfruta desse pensamento, Ceres. Eu sei que eu vou disfrutar."

Completamente desesperada, Ceres queria gritar, mais do que qualquer coisa.

Mas ela nem sequer tinha força para tal enquanto eles a arrastavam para longe, boquiaberta num gemido silencioso de angústia.

CAPÍTULO ONZE

O Rei Claudius obrigou-se a si próprio a sentar-se imóvel nos seus aposentos como uma estátua no trono, afastando a raiva, a confusão, a tristeza que sentia, até conseguir ficar apenas como uma das estátuas dos seus antepassados, atrás de si como fantasmas a sentenciarem.

O Rei Claudius tinha passado muito tempo a pensar onde é que devia realizar aquela audiência. A sua esposa tinha sugerido a sala do trono principal, mas Athena tinha sempre uma tendência para o dramático. Lucious provavelmente teria argumentado contra fazê-lo de todo se Claudius se tivesse dado ao trabalho

de lhe pedir, porque o rapaz não entendia a ideia de respeitar os inimigos.

Mas Thanos...

"Eu não vou pensar nele", disse o Rei Claudius para si mesmo. " *Não vou.*"

Porém, desejar uma coisa e consegui-la eram duas coisas diferentes, até mesmo para ele. Em tempos, um dos seus tutores fizera-o ler o trabalho do filósofo Phelekon, do início do Império. O que ele tinha escrito?

Há algumas coisas que nem mesmo um rei consegue governar e o seu próprio coração é primeira entre elas.

Na época, Claudius tinha assumido que era algum tipo de provocação subtil que lhe era dirigida. Agora, ele entendia.

As suas mãos apertaram os braços do trono quando as portas da sala se abriram. Lorde Oeste entrou em seguida, com os seus pulsos acorrentados, ladeado por um par de guardas pessoais de Claudius. Ele parecia cansado e longe da sua melhor forma, com o seu cabelo grisalho salpicado de sujidade e as suas roupas marcadas de sangue. Ainda assim, o outro homem conseguiu fazer uma vénia decidida.

Um dos guardas empurrou-o para baixo até aos seus joelhos, mas Claudius deteve-o erguendo uma mão.

"É suficiente. *Mais* do que suficiente. Eu disse-te para me trazeres o Lorde da Costa do Norte, não para arrastá-lo até aqui em correntes como se fosse um escravo. Removam-nas."

"Sua majestade", disse o outro guarda, "ele poder-se-ia tornar perigoso se..."

"Eu dei-te uma ordem", disse o rei, num tom gélido. "Removam as algemas, e, depois, deixem-nos. Certifiquem-se de que não somos incomodados. Por *ninguém*. Se tiverem de impedir o meu próprio filho, impeçam-no."

Naquele momento, os guardas apressaram-se a obedecer. Aquele era o objetivo da força. Ser temido. O Rei Claudius observava Lorde Oeste ali em pé,

impassível, enquanto os homens lhe retiravam as correntes. Mesmo derrotado, mesmo na sua idade, ele ficou de pé com o porte ereto de um soldado até os homens saírem, fechando a porta.

Claudius apontou para uma cadeira que tinha colocado perto do trono. Era mais pequena e menor, mas ainda era graciosa. Ainda era confortável. Havia uma mesa entre os dois, com uma garrafa e dois cálices em cima.

"Senta-te", disse ele. "Eu acho que nós temos muito que conversar."

"Isso é uma ordem, meu rei?", perguntou Lorde Oeste, ainda de pé rigidamente.

"Um pedido", respondeu Claudius. "Os acontecimentos dos últimos dias sugerem que tu já não acatas os comandos da realeza assim tão seriamente".

Lorde Oeste ainda hesitou e Claudius suspirou. "Bolas, senta-te, Oeste. Estás a fazer com que me doa o pescoço por estar a olhar para ti para cima, e se eu tiver de me levantar, suspeito que os meus joelhos piorem. Despeja o vinho, enquanto isso. Eu sei que preciso de vinho."

Aquilo, pelo menos, arrancou um sorriso do outro homem. Ele sentou-se e Claudius esperou enquanto ele punha o vinho. Ele não podia deixar de notar que Lorde Oeste tinha tantas linhas nas mãos quanto ele próprio.

Ele hesitou, com um nó na garganta.

Então, finalmente, ele disse-o.

"Sabes que eu não te posso deixar viver", disse Claudius.

As palavras dele pairaram no ar, ecoando na câmara.

Era uma coisa difícil de dizer a um amigo como aquele, mesmo com todas as mortes que ele tinha ordenado ao longo da sua governação. Era melhor despachar-se daquilo. Acabar com aquilo rapidamente.

Lorde Oeste assentiu, solene, nobre, resignado.

"Eu sei. Eu sabia quais eram as implicações quando concordei em atacar Delos."

Claudius assentiu.

"E ainda assim fizeste-o."

"Ainda assim fi-lo", concordou Oeste.

Ele não parecia querer dizer mais do que aquilo. Não poderia o homem abrir-se apenas por uma vez? Claudius estava ali, não querendo arrumar o assunto naquele momento. Havia tantas coisas que só o seu velho amigo iria entender.

"Quando é que ficámos velhos, Oeste?", perguntou Claudius.

"Eu acredito que é um processo contínuo", respondeu Lorde Oeste. "A parte que eu acho difícil é a divisão entre o que minha cabeça me diz que eu deveria ser capaz de fazer e o que o meu corpo consegue acompanhar."

Claudius assentiu. Ele entendia-o tão bem quanto ninguém. "Eu olho-me ao espelho, às vezes, e pergunto-me quem é o homem velho que está ali. Na minha cabeça eu ainda tenho vinte anos de idade e ainda corro pelos confins do Império, a lutar contra os atacantes Kauthli."

"E a cair do cavalo", disse Lorde Oeste.

"Nós dissemos que nunca iríamos voltar a falar disso", salientou Claudius, mas ele riu-se juntamente com o outro homem, porque até mesmo as memórias embaraçosas eram boas. Eram recordações de como eram os tempos mais simples. "Para ser honesto, estou surpreendido por sentires o mesmo. Mesmo

naquela altura, eu tinha a impressão de que tu eras secretamente de meia-idade, e que estavas apenas à espera que o teu corpo te apanhasse. Tu eras sempre demasiado sério."

Lorde Oeste arqueou uma sobrancelha. "Através do que, é claro, tu queres dizer que eu era o único suficientemente sóbrio para nos levar de volta para as nossas tendas de manhã, às vezes."

"Isso também", admitiu Claudius. Quantas vezes aquilo aconteceu? Mais do que as suficientes para que se misturassem em memórias de Oeste a guiarem-no, e, ocasionalmente, simplesmente a transportá-lo. Ele acenou para o vinho de Oeste. "Ainda não bebeste."

Certamente que o seu velho amigo não pensava que ele o fosse envenenar?

"Estou à tua espera", disse Oeste. "A menos que seja um provador de comida, um homem não bebe diante do seu rei ou do seu anfitrião."

"Sempre tão obcecado com a maneira correta de fazer as coisas", disse Claudius, bebendo, ainda assim, um gole de vinho. "Melhor assim?"

"Muito melhor", disse Oeste. Claudius observava enquanto ele assimilava o perfume do seu vinho, bebendo depois profundamente. "Tinto Elphrim. Muito *bom* Tinto Elphrim. Isso traz de volta algumas memórias."

"Maioritariamente memórias de ti a conter todo o nosso batalhão, enquanto aqueles padres bailarinos concluíam a sua cerimónia para nos deixarem ir para a planície de sal sem uma 'maldição'", respondeu Claudius. "Isso quase nos fez perder os bandidos que estávamos a perseguir."

A imagem estava ainda tão clara como no dia em que tinha acontecido. Porque é que o passado parecia sempre tão mais brilhante do que o presente, nos dias que corriam?

"Quase, mas não exatamente", respondeu Oeste. "Eu sabia que nos irias impelir suficientemente depressa, e não nos podíamos dar ao luxo de ofender os nómadas que lá estavam. Além disso, era a maneira certa de fazer as coisas. Não se desonram sacerdotes de terras estranhas, ou os seus deuses."

"Eu juro, se os Anciãos estivessem por aqui hoje, eles construiriam um monumento em homenagem à tua honra e saberiam que o mesmo não iria cair."

"Houve um tempo em que eles poderiam ter dito o mesmo para ti, velho amigo", respondeu Oeste.

O Rei Claudius apertou o seu cálice por um momento enquanto digería o insulto escondido naquele elogio. O que lhe fez doer mais foi pensar que tal poderia ser verdade. "Não é dessa maneira que eu me lembro. Eu era o pragmático. Eras tu que nos impediás a todos de fazer a coisa errada."

"Pragmático?" Desta vez, o riso de Lorde Oeste foi mais alto. "Tu eras um sonhador. Um cavaleiro errante de sangue quente, que tinha lido todas as histórias dos grandes heróis e que os queria recriar a todos. Passámos duas semanas em torno dos vales de nuvens com Baryn e o seu escudeiro atrás de algumas ovelhas da filha do pastor que tinha desaparecido, ficámos encharcados até aos ossos porque tu tinhas ouvido demasiadas histórias sobre princesas roubadas pelos povos de pedra nos velhos tempos."

Por um momento, Claudius não se lembrava. Mas, em seguida, lembrou-se, de tudo rapidamente. Ele

poderia até mesmo sentir a chuva se pensasse nela.

"Descobriu-se que ela tinha fugido com o filho de um qualquer fazendeiro, não foi?"

"E *alguém* insistiu para que lhes dessemos metade do conteúdo das nossas bolsas de dinheiro por um dote para que eles conseguissem voltar a encarar os seus pais", lembrou-lhe Lorde Oeste.

Ele conseguia lembrar-se do peso daquilo na sua mão e de o passar para uma miúda que provavelmente nunca tinha visto tanto dinheiro na sua vida, apesar de, para eles, aquilo ser apenas uma ninharia.

"Tinha-me esquecido", disse Claudius. "Como é que me pude esquecer disso?"

O que é que aconteceu ao velho Baryn, afinal?"

"Ele morreu há cinco verões", respondeu Oeste. "Foi o coração."

Um tipo de tristeza especial surgia ao ouvir-se falar sobre a morte quando se era mais velho, concluía Claudius. Quando se era mais jovem, a morte era uma tragédia distante. Quando se era mais velho, a morte estava suficientemente perto para quase a chamar de amiga. A perda daqueles que se conhecia trazia tristeza, mas trazia também uma sensação do movimento do próprio em direção à porta escura. Tal atingiu-o então, juntamente com o pensamento do que estava por vir com Oeste.

"Eu não sabia disso", disse Claudius, suspirando novamente. "Talvez a idade seja isso. Uma realização sólida de que estás a viver mais do que os homens que eram teus amigos."

"Em breve, tu também vais viver mais do que eu ", salientou Oeste, tomando outra bebida.

Claudius franziu a testa ligeiramente.

Ele deixou o longo e pesado silêncio encher a sala. O silêncio da mortalidade. Da inevitabilidade. Do destino.

"Há homens que implorariam pelas suas vidas neste ponto", disse Claudius.

"Eu acho que é isso que alguns dos que me rodeiam tinham em mente. O grande Lorde da Costa do Norte, reduzido a implorar por clemência."

"As pessoas ao teu redor são idiotas", declarou Lorde Oeste, erguendo o copo como se estivesse a propor um brinde ao que tinha dito.

"São se pensam que tu alguma vez irias desonrar-te implorando assim", concordou Claudius, embora não levantasse o cálice. Demasiadas pessoas ao seu redor *eram* idiotas. "O que nos leva à grande questão, Oeste. Porquê desonrares-te *desta forma*? Porquê trair o teu rei? Tu deste a tua palavra e houve uma altura em que eu teria confiado cegamente nisso."

"Eu dei a minha palavra", concordou Lorde Oeste, "mas a minha família também jurou coisas. Coisas maiores e mais profundas do que até mesmo o meu juramento pessoal. Nós jurámos proteger o Litoral Norte até os Anciãos regressarem. Servir o Império foi a maneira de o fazer, mas isso mudou. O meu juramento ao serviço da minha família teve prioridade."

Claudius bebia devagar, assimilando as implicações daquilo. Se qualquer outro homem o tivesse dito, ele teria pensado que ele era louco, mas Oeste era tão sério e tão cauteloso, que Claudius sabia que ele estava a falar a sério. "Tu acreditas realmente que esta miúda, esta *camponesa*, é uma dos Anciãos?"

"Ela não é uma camponesa", respondeu Oeste. "E mesmo se fosse, em tempos tu não terias usado isso como uma maldição. Em tempos tu consideravas que tanto valia a pena encontrar uma camponesa como uma princesa."

"Isso foi há muito tempo atrás", disse Claudius. Tudo parecia ser há muito tempo nos dias que corriam. Ele abanou a cabeça. "As coisas mudaram."

"Muita coisa mudou", disse Oeste. "O Império, para começar. Lembras-te do juramento *que* fizeste, na noite anterior à tua coroação?"

Aquela memória voltou tão afiada como uma faca. "Eu estava bêbado."

"Estás a trabalhar nisso agora."

Mesmo assim, as coisas que um homem dizia quando estava bêbado dificilmente poderiam ser usadas contra ele. Ou poderiam? "O que é que queres dizer com isso, Oeste?"

"Tu juraste que irias ser um rei que protegia as pessoas do Império. Que serias um homem ao qual todos obedeceríamos orgulhosamente". Claudius ouviu

a pausa antes das palavras que se seguiram. "Ceres não foi a única razão pela qual eu não consegui ficar, Claudius."

"Eu sempre fiz apenas o que era necessário", Claudius contrapôs. Ele havia-o dito a si mesmo tantas vezes que agora saía facilmente. Os ideais tinham de se curvar diante do mundo real, para o bem maior. "Tu já governaste terras. Sabes que não há escolhas fáceis."

Até para si mesmo, as palavras soavam a oco. Era óbvio que elas não tinham nenhum peso junto do seu ex-amigo.

"Há escolhas difíceis", concordou Oeste. "Às vezes, um governante deve ser duro, mas ele deve sempre ser justo. O que o teu filho tem andado a fazer com a tua bênção está muito longe de ser justo."

"O povo deve ser ensinado!", disse, de rompante, Claudius. "Eles devem saber quem são os seus governantes!"

Quem que é Oeste pensava que era, a dizer-lhe como governar? A ele, que tinha governado por tanto tempo?

"Houve um tempo em que eles sabiam disso", disse Oeste. "Lembras-te de cavalgarmos por algumas das aldeias, enquanto jovens, e de eles ecoarem o teu nome? Eles não o faziam porque alguém os tinha forçado, Claudius. Eles faziam-no porque o jovem e valente rei tinha chegado, porque eles sabiam que ele os iria proteger. Eles faziam-no porque tu tinhas lutado contra os bandidos locais, ou insistido para que o Lorde local fizesse recuar as criaturas que restavam dos velhos tempos. Eles faziam-no porque tu fazias com que o mundo fosse um lugar melhor."

"O Império ainda faz isso", insistiu Claudius. "Nós proporcionamos ordem.

Os animais de estimação dos Anciãos não incomodam as pessoas. Os bandidos fogem de nós para se juntarem aos rebeldes..."

"Os bandidos juntam-se ao teu exército porque eles sabem que o teu filho vai deixá-los saquear tudo o que desejarem", disse Oeste. "As pessoas saem para as ruas pelos teus homens, ou escondem-se nas suas adegas e esperam que eles passem?"

Claudius ficou em silêncio naquele momento. Ele tinha bebido demasiado para aquilo, ou talvez não o suficiente. O vinho tinha seguramente um gosto amargo na sua boca. Ou talvez fosse outra coisa a fazê-lo sentir-se assim. O

passado tinha uma maneira de esconder-se num homem, independentemente do quanto ele tentasse afastá-lo.

"Pensa no jovem que eras", disse Oeste. "Ou melhor ainda, se dizes que ele ainda está dentro de ti, arranca-o cá para fora. O que é que ele pensaria sobre o que o teu filho ordenou que fosse feito aos meus homens? Mesmo com os piores bandidos, tu costumavas simplesmente decapitá-los, fazê-lo limpo."

Claudius franziu a testa. "Em contraponto com o quê?"

"Tu nem sequer sabes?", perguntou Oeste. "Tu deves ser a única pessoa na cidade que não consegue ouvir os gritos. Lucious está a torturar nobres até à morte em nome do Império. O que significa que ele está a fazer isso em teu nome."

"Estás a falar do meu filho", disse Claudius. Ele fez isso automaticamente, mais do que por instinto paternal. Lucious nunca tinha tido um grande instinto paternal, ao longo dos anos.

"Estou", concordou Oeste. "Ele é também o próximo governante do Império.

Isso é que é um pensamento que faz um homem querer beber."

Claudius juntou-se a ele, mas só bebeu metade do seu cálice. Ele olhou para o resto do vinho como se conseguisse ver nele o futuro. Mas o presente estava a dar-lhe problemas mais que suficientes. Como poderia ele não saber o que o seu próprio filho estava a fazer?

"Eu sinto-me velho, Oeste. Em tempos eu conseguiria beber muito mais do que tu e, ainda assim, aguentar-me e continuar."

"Agora *sei* que a tua memória te está a falhar", disse Lorde Oeste, com um sorriso que só aliviou um pouco da provocação das palavras anteriores. "Quando foi a última vez que me viste bêbado?"

"Eu acho que foi depois da vitória em Thornport", disse Claudius. "Pelo que me lembro, havia aquela questão de não conseguires distinguir as gêmeas."

Era difícil manter o humor quando ele sabia que o seu velho amigo estaria morto em breve.

"Bons tempos", disse Lorde Oeste. "O que é que aconteceu com esses tempos?"

"Aconteceu o envelhecimento", disse Claudius. "O envelhecimento e o mundo."

Ele bebeu o vinho que não tinha sido capaz de terminar um momento atrás e, em seguida, rolou o cálice vazio nas suas mãos.

"Quem me dera poder deixar-te viver", disse ele. "Mas não posso. Quaisquer que sejam as tuas razões, qualquer que seja o passado que temos em comum, tu és um traidor do Império. Tu atacaste Delos. Ter-me-ias derrubado. Há algumas coisas que não se podem ignorar."

"Eu sei", disse Lorde Oeste. "Eu sabia desde o início o que aconteceria se eu perdesse. Mas que seja uma morte honrosa. Eu mereço isso tudo."

"Isso e muito mais", concordou Claudius. Ele assentiu. "Os meus homens vão levar-te para o patíbulo. Haverá uma espada à tua espera lá. Eu prometo-te que será suficientemente afiada para que mal a sintas."

Lorde Oeste assentiu. Ele olhou pensativo para a garrafa. "Se calhar ainda bem que estou prestes a ficar sem cabeça. Tanto vinho e eu teria uma verdadeira *terrível* ressaca. E os meus homens?"

"Vou verificar", concordou Claudius. "Lucious foi longe demais."

Lorde Oeste sorriu ao ouvir aquilo. "Temos tempo para um último brinde?"

Claudius deitou o restante vinho. "O que é que tinhas em mente?"

Lorde Oeste ergueu o cálice. "Um brinde aos homens que costumávamos ser."

Claudius abanou a cabeça. "À honra."

"À honra", concordou Lorde Oeste. Ele bebeu o vinho com um longo gole.

Claudius tentou fazer o mesmo, mas apenas conseguiu chegar a meio, cuspendo.

"Esta é a minha deixa para sair", ele ouviu Oeste a dizer. "Enquanto eu ainda estou a ganhar a aposta com a bebida." Ele efetuou uma última vénia decidida.

"Sua Majestade."

Claudius observou os guardas a encontrarem-se com o seu velho amigo à porta. Ele deu as ordens necessárias. Então ele voltou a sentar-se com o que restava do vinho, pensando em Lucious, em Thanos e no que teria feito quando era novo num momento como aquele.

"À honra", repetiu Claudius, bebendo o resto do vinho.

Ele já sentia as lágrimas a começarem-lhe a cair. Ele não conseguia perceber se eram por causa do seu velho amigo, por causa de si ou por causa do Império.

CAPÍTULO DOZE

Thanos estava ali preocupado, a olhar fixamente para os destroços do seu barco. O pior cenário tinha

acontecido: ele estava enalhado na Ilha dos Prisioneiros, sem saída.

O prisioneiro que tinha destruído o barco andava às voltas, com um olhar óbvio de loucura.

"Ninguém escapa!", gritou ele. "Nunca escapa!"

Thanos mal conseguia ouvir as palavras. A sua única rota para sair da ilha, a sua única maneira de continuar a procurar Ceres, já não existia, tirada de si tão rapidamente quanto ela tinha sido. Thanos ficou ali a olhar, quase incapaz de compreender a insensatez daquilo. Se o prisioneiro tivesse roubado o barco, ele talvez tivesse acreditado. Aquilo era apenas destruição gratuita.

O prisioneiro avançou com um rugido, e Thanos deu por si a correr para ir ao seu encontro. Eles esbarraram um contra o outro e Thanos deu meia volta, atirando o homem ao chão. O prisioneiro rebolou, levantando-se, e Thanos pressionou, não querendo que o outro homem tivesse espaço para usar a espada.

O homem maior tentou erguer a arma e golpear para baixo com ela. Thanos agarrou-lhe o braço, mal o mantendo a uma distância segura, enquanto o esfaqueou uma e outra vez, com a adaga roubada. Por um momento, parecia que mesmo aquilo talvez não fosse suficiente para derrubá-lo, já que o prisioneiro gritava enraivecido. Thanos esfaqueou-o uma terceira vez, e, desta vez, pareceu ter atingido algo vital. O prisioneiro arfou e a força pareceu sair dele de uma vez só.

Thanos deixou-o cair e voltou a olhar para os restos do seu barco, sentindo a dor, não tanto pela sua perda mas pelo que a mesma representava. A hipótese de continuar. A hipótese de talvez encontrar Ceres. Tudo isso parecia ter desaparecido agora, despedaçado em fragmentos, tanto por causa do prisioneiro como pelo que ele tinha aprendido na ilha.

"Pirataria, assassínios, brigas, trabalho mercenário contra o Império e alguns roubos para conseguir sobreviver. Oh, e recusando os avanços do nobre errado quando parei no porto uma vez. Essa foi a principal delas, na verdade."

Thanos turbilhava com as palavras, com a sua faca a surgir. Para sua surpresa, ele viu Felene sentada de pernas cruzadas sobre uma rocha não muito atrás dele.

"O quê foi?", conseguiu ele dizer.

Ele viu-a a encolher os ombros. "Tinhas dito que eu podia estar aqui para qualquer coisa. Bem, é para isso que aqui estou. Mais ou menos. A lista completa é bastante longa. Também disseste que não podias confiar em mim se eu ficasse

atrás de ti. Bem, Thanos, um rebanho de gado poder-te-ia ter pisado no último par de minutos e tu não terias notado. No entanto, as tuas costas estão notavelmente livres de facas."

Como se para enfatizar o ponto, ela colocou uma espada sobre os joelhos.

"Onde é que conseguiste isso?", perguntou Thanos.

"Alguém", disse ela com um sorriso, "começou uma grande luta onde havia a probabilidade de haver armas que sobravam. Além disso, podes acrescentar saques à lista de há pouco. Quase que me esqueci dessa."

"Porque é que me estás a seguir?", quis saber Thanos. "Eu não tenho nada para ti. Podes ver que o meu barco está destruído."

Felene encolheu os ombros. "E se eu te disser que sei onde talvez esteja outro barco?"

"Então porque é que vieste para este?", perguntou Thanos.

"Porque *aquela* está bem guardado. Demasiado bem guardado para eu, sozinha, conseguir levá-lo. Mas nós dois..."

"Queres que eu trabalhe com uma criminosa confessa?"

"Pelo que sei, *príncipe* Thanos, tu eras um traidor. Além disso, eu só quero sair deste rochedo. Tu não queres?"

Parecia perigoso. Também soava a tolice, confiar em alguém assim, mas Thanos não conseguia pensar em nenhuma opção melhor.

"Está bem."

"Ótimo", disse Felene. "Ah, e Thanos? Se tentares deixar-me para trás novamente, *cortar-te-ei* a garganta."

A sensação de estar a ser perseguido não abandonava Thanos enquanto ele e Felene atravessavam a ilha. Ele olhava ao redor cada vez que passava por uma rocha, certo de que daquela vez os guardas, ou os Abandonados, ou ambos, saltariam para cima deles.

"Precisas de aprender a relaxar", disse Felene. "Eu sei quando o perigo está perto."

"Foi por isso que eu te encontrei de cabeça para baixo numa armadilha?", contrapôs Thanos.

"Bem, ninguém é perfeito. E eu estava a fugir dos Abandonados há cerca de uma dúzia de dias. Vamos. Deve ser já aqui em cima."

"O quê?", perguntou Thanos, mas ele obteve a sua resposta ao caminharem até a um promontório escarpado para olharem pela borda de um pequeno penhasco.

Havia uma enseada abaixo, forrada com pedras que pareciam como se tivessem arestas de lâminas. Xisto e areia escura deram lugar a ondas revoltas, mas o coração de Thanos saltava de qualquer maneira.

Havia lá um barco.

Era maior do que Thanos tinha previsto. Ele pensou que poderia haver um barco a remos como o seu próprio. Em vez disso, este era um esquife completo com um pequeno mastro. Estava todo inclinado para o lado. O difícil era que os guardas estavam ali, obviamente a guardarem-no enquanto o limpavam. Havia meia dúzia deles. Não era de admirar que Felene não quisesse enfrentá-los sozinha.

"O meu nobre 'patrão' disse-me que havia dinheiro a ser feito levando os produtos certos para a ilha", disse ela. "Talvez ajudando alguém também. Ele fez crer que era uma missão de resgate. Ele não me disse

que este grupo estaria à minha espera."

Tal soava demasiado familiar a Thanos. "Os contrabandistas fizeram-me o mesmo."

Ele viu Felene assentir. "Eu só espero que eles não tenham levado tudo ainda."

O Império quase que não lhes envia nada, pelo que eles apanham qualquer coisa que se aproxime. Eu tenho estado a tentar encontrar um caminho desimpedido lá para baixo há dias. Há um trilho, mas está tão perto, que nem eu consigo chegar sem que me vejam."

"Então vamos ter de lutar", supôs Thanos.

Ele viu Felene a acenar. "Eu só espero que tu sejas tão bom com a espada como pareces."

Ele seguiu-a quando ela começou a ir por um caminho que ele mal conseguia ver na parede do penhasco. Ela descia pelo caminho tão agilmente como uma cabra de montanha, enquanto Thanos fazia o seu melhor para manter o equilíbrio.

Eles colocaram-se atrás de um pedregulho, apenas a uma curta distância do resto da praia.

"Eles vão-nos ver assim que caminhar-mos para céu aberto", supôs Thanos.

Ele colocou uma flecha no seu arco roubado.

"Eu consigo chegar-me mais perto," Felene assegurou. "Se me protegeres?"

Thanos conseguiu ouvir ali alguma incerteza. Apesar de toda a sua aparente confiança, de todos os crimes que ela alegou ter cometido tão descaradamente, parecia claro que ela não queria correr o risco de lutar sozinha. Thanos percebeu isso. Ele já tinha sido traído uma vez naquela ilha.

"Não te preocupes", assegurou Thanos. "Eu não traio os meus amigos."

"Oh, nós somos amigos agora?", Felene desembainhou a sua espada. "É bom sabê-lo."

Thanos viu-a a arrastar-se para a frente, quase em silêncio, a rastejar. Thanos esperava com o seu arco desembainhado. Para seu espanto, Felene conseguiu rastejar quase todo o caminho até um dos guardas. A espada dela desprendeceu-se à roda pela altura do tornozelo, e ele caiu, a gritar.

Naquele momento, os outros viraram-se e Thanos sentiu um arrepião de medo ao perceber o quão rapidamente aquele plano poderia dar errado. Ele viu um dos guardas a tirar uma corneta do seu cinto, enquanto outro estava sobre Felene quando ela começou a levantar-se, desembainhando um leve machado.

Thanos tinha apenas um instante para escolher, mas apesar de ele ter acabado de conhecer o prisioneiro, não havia escolha a fazer. Ele soltou a sua flecha desembainhada e enfiou-a no fundo do peito do homem que estava de pé sobre Felene.

Ele então deixou cair o arco, avançando para ataque enquanto a sua nova companhia tratava de outro com a sua espada. Ele desembainhou a sua própria espada, embatendo no grupo de guardas e derrubando o

homem com a corneta.

Porém, enquanto o fazia, a corneta soou, numa baixa e sonora nota que se transportou claramente sobre o som da batalha.

Thanos golpeou para a esquerda e para a direita, aparando um golpe de um guarda e, depois, atirou-se para um segundo. Ele baixou-se para a frente e para trás e, depois, golpeou para cima num golpe com as duas mãos, derrubando outro homem.

O último homem já estava morto, com Felene de pé sobre ele.

"Parece que consegues lutar tão bem quanto tinhas dito. Rápido, precisamos de obter o que conseguirmos para o barco e pô-lo a navegar. Graças àquela corneta que tu os deixaste soprar, todos os que nos perseguem vão saber onde estamos."

"Ao invés, talvez eu devesse ter deixado que eles te matassem", sugeriu Thanos, mas Felene já estava a trabalhar para lançar suprimentos para o barco.

Thanos paralisou ao ouvir outra corneta a soar algures acima. Então, ele olhou para cima e viu homens no topo do penhasco.

"Depressa", disse Felene. "Não temos mais tempo. Precisamos de empurrar."

Thanos atirou o seu peso contra o pequeno barco que, por um momento, não se mexeu. A areia em torno dele parecia prendê-lo tão firmemente como correntes.

"Empurra com mais força!", insistiu Felene, empurrando ao lado dele.

Thanos gemia enquanto se esforçava para deslocar o peso, mas naquele momento ele conseguiu sentir movimento. Uma flecha atingiu o barco e isso foi o suficiente para impulsionar Thanos numa última explosão de força. Ele sentiu o momento em que o barco começou a flutuar livre da areia. Ele viu Felene saltar a bordo.

Caiam mais flechas, mas mesmo assim, Thanos tentava agarrar mais suprimentos na praia. Eles não conseguiriam navegar até muito longe sem eles, e os guardas ainda demorariam algum tempo a descer até à praia. Ele puxou um barril de água para o seu ombro e, em seguida, correu para a água, empurrando-o

à sua frente enquanto nadava até ao barco, que já estava mais longe do que ele esperava.

Ao seu lado, a perfurar a água com apenas um salpico, aterravam flechas.

Tudo o que Thanos conseguia fazer era continuar a nadar.

Estaria Felene a deixá-lo para trás? Thanos não queria acreditar, mas, em boa verdade, ele não a conhecia. Então, ele ficou com medo ao pensar no que lhe poderia acontecer se ela partisse, deixando-o à mercê dos guardas. Dado que ele a tinha deixado para trás para ir à procura do seu barco, ele até poderia acreditar nisso.

Então ele viu Felene na popa do seu barco, a atirar-lhe uma corda. Thanos agarrou-a com gratidão,

fazendo-se transportar juntamente com o seu barril e, seguidamente, trepando para o convés.

Continuavam a cair flechas e os guardas apressavam-se para a beira da água para conseguirem continuar a disparar. Thanos agarrou em uma caixa, erguendo-a à frente de Felene mesmo a tempo da madeira receber uma flecha. Ele começou a levantar-se e ela apenas teve tempo de o empurrar para o lado à medida que mais flechas atingiam a madeira do convés.

"Obrigado", disse ele, sentindo a água a pingar de si para o convés.

Ele viu-a encolher os ombros. "Bem, eu não podia deixar que água boa fosse desperdiçada. Então, meu príncipe, uma vez que foste tu que me tiraste desta ilha, acho que és tu que vais dizer para onde vamos a seguir. Queres voltar para casa?"

Thanos abanou a cabeça. Se Ceres não estava ali, só havia uma maneira de ele conseguir ajudar a sua pátria.

"Haylon", disse ele. "Vamos para Haylon."

CAPÍTULO TREZE

O mundo de Sartes estava cheio de exaltação, dor e ódio em partes quase iguais. Isso cercava-o até parecer não haver mais nada que restasse, e ele mal conseguia forçar o seu corpo a continuar a andar.

"Mais rápido, vocês dois!", disse, de repente, um guarda, atingindo-o com uma chibata. A situação tinha atingido um tal ponto que Sartes já mal sentia os golpes. Já tinha havido tantos.

Mesmo assim, ele lutou para encher o balde de betume mais rápido. Ao lado dele, ele via Bryant a fazer o mesmo, embora o rapaz a quem ele estava acorrentado estivesse agora praticamente esquelético e fraco. Sartes não sabia quanto tempo o seu novo amigo conseguiria sobreviver ali.

Ele nem sequer tinha certeza de quanto tempo mais ele próprio conseguiria durar. Os lagos de betume eram o pior inferno que ele poderia imaginar, e muito mais. O trabalho ali começava assim que a luz tocava nas gaiolas onde eles eram mantidos durante a noite, amontoados juntamente numa proximidade fedorenta e violenta. Não parava até ficar demasiado escuro para se ver, com os prisioneiros forçados a distinguir o seu caminho entre os lagos de betume através da luz das lâmpadas dos guardas.

De permeio, havia apenas crueldade e trabalho sem fim, tanto que Sartes mal podia acreditar que alguém sobrevivesse tanto quanto eles ali. Sendo tão jovem, os guardas forçavam-no a carregar barris de betume quente, a apanhá-lo em baldes de metal, a trabalhar até a sua pele brilhar com uma combinação de suor e betume arrefecido. Queimaduras cobriam-no agora, pelo que cada raspão contra rochas ou outras pessoas trazia-lhe dor.

Ele tossiu quando um sopro de vapores se elevou do betume, e, ao lado dele, ele ouviu Bryant com uma tosse seca como se os seus pulmões pudessem cair.

Quando ele olhou para cima, viu um guarda ali outra vez, cheio de marcas e pronto com um chicote.

"Não falta muito até ires para o betume", disse o guarda. "Um dia ou dois, na minha opinião."

Ele afastou-se, rindo-se para si, e Sartre não pôde deixar de sentir um lampejo de ódio com aquilo. Ninguém devia ter prazer com aquilo tipo de crueldade.

"Ele está certo", conseguiu dizer Bryant entre tosses. "Eu não vou sobreviver muito mais tempo."

"Então precisamos de encontrar uma forma de sair daqui", sussurrou Sartre para ele.

"Fugir? Não, não podemos sequer falar disso. Se os guardas ouvirem, matam-nos!"

"E como é que isso é pior do que o que nos vai acontecer de qualquer maneira?" Sartre quis saber. "Bryant, se ficarmos, morremos. Se formos apanhados, morremos. Então a única coisa a fazer é não ser apanhado."

"Isso é fácil de dizer", disse Bryant. "Mas eles vigiam os piores criminosos aqui. Eles estão habituados a pessoas que tentam fugir. Nós somos vigiados e acorrentados durante o dia, portanto, nunca iríamos conseguir sair daqui. À noite, nós estamos enjaulados, e não conseguiríamos ver os lagos de betume de qualquer das maneiras."

Sartre fez o seu melhor para disfarçar a sensação que veio com a constatação de que o outro rapaz estava certo. "Vamos pensar em alguma coisa", ele prometeu.

"Temos apenas de nos manter juntos, e..."

"Vocês dois!", gritou-lhes o guarda cheio de marcas. "Venham cá! Tenho um trabalho para vocês."

Houve algo na maneira como ele o disse que fez com que Sartre tivesse a certeza de que ele e Bryant não iriam gostar, mas eles não tinham escolha. A coxearem juntos, eles dirigiram-se até ao guarda, que os levou até a um sítio onde estava uma carroça empilhada com grandes barris de betume e um motorista à espera impacientemente com a sua equipa de bois prontos para puxar.

"Há espaço para mais dois barris", disse o guarda, "portanto, vocês os dois tenham a alegria de enchê-los e carregá-los de volta. E rapidamente. Se isso não for feito dentro de uma hora, eu vou providenciar para que os vossos ossos sigam diretamente para os lagos de betume!"

Apenas um olhar para os barris disse a Sartre o quão difícil a tarefa seria.

Eles eram tão grandes que, mesmo vazios, seria trabalho árduo carregá-los para os lagos de betume. Levá-los de volta cheios de betume quente seria quase impossível. Era um trabalho para um quarteto dos prisioneiros mais fortes, não para dois dos mais fracos.

"Ele está a tentar matar-nos", disse Bryant, a empalidecer ao lado de Sartre.

O guarda atacou. "Eu não vou permitir que vocês falem, rapaz. Vamos logo com isso."

Certamente, o barril era pesado o suficiente para que fosse preciso que eles os dois o levassem até aos lagos de betume que o guarda havia selecionado. O

guarda sorriu todo o caminho enquanto eles o faziam. Ele não tinha escolhido o mais próximo, é claro. Em vez disso, ele escolheu um fora do caminho, sem que houvesse ninguém para ajudá-los. Ele estava a

gostar daquilo.

"Despachem-se", gritou ele quando eles pararam sem fôlego na borda. "Eu não disse que vocês podiam descansar."

Então ele bateu em Sartes, e aquele golpe foi pungente mesmo através da sua dormência. Sartes quis lutar naquele momento, mas ele não conseguia, não acorrentado como estava. Em vez disso, ele começou a trabalhar, inclinando-se para apanhar o primeiro betume. Bryant não tinha começado, no entanto. Parecia a Sartes que o outro rapaz mal conseguia respirar.

"Começa a trabalhar, já te disse!", disse, de repente, o guarda, batendo em Bryant desta vez. "Oh, já esgotei a minha paciência. Está na hora de ir para o betume, rapaz. Vamos ver se o teu amigo trabalha mais rápido quando vir o que acontece com fingidos."

"Deixa-o em paz!", gritou Sartes enquanto o guarda avançava sobre eles.

"Tu não queres tentar dizer-me o que fazer", respondeu o guarda, apontando o dedo para Sartes. "A não ser que queiras ir lá para dentro, também."

Sartes não tinha uma resposta para isso. Pior, ele viu um sorriso maléfico atravessar-se no rosto do guarda.

"Eu tenho uma ideia melhor", disse ele. "Que tal isto, rapazes? Um de vocês vai para dentro do lago de betume, e vocês vão lutar para decidir quem. Se vocês não lutarem, vão ambos lá para dentro."

Sartes considerou as suas opções, tentando pensar numa maneira para se safarem daquilo.

"Agora, escumalha!", ordenou o guarda, e não havia mais tempo.

Sartes saltou para Bryant, lutando perto dele. O guarda era grande demais para se ter uma discussão com ele. Demasiado robusto para se ter uma luta justa, além de que ele poderia sempre chamar mais alguém. Ele também estava armado, com o seu chicote e uma espada curta, o que significava que, mesmo juntos, os rapazes não chegariam para ele. Parecia que a única opção era obedecer, mas Sartes não queria magoar o seu amigo.

Bryant poderia estar a pensar da mesma forma, mas, mesmo assim, o rapaz menor e mais fraco ainda lutava. Sartes sentiu uma pancada de um joelho na sua coxa e um murro no seu estômago. Talvez fosse do choque, mas Sartes teve uma ideia naquele momento.

"Confia em mim", sussurrou para Bryant. "E está pronto quando chegar o momento."

Ele lutou ao redor com o outro rapaz, usando a sua força superior e empurrando-o de volta. Ele ouvia as risadas do guarda enquanto recuava para deixar o par continuar a lutar. Aquela era a melhor oportunidade que eles iam ter.

Sartes lançou-se em torno do guarda, e com Bryant a ficar parado, as correntes que estavam presas aos tornozelos deles rapidamente se envolveram em torno das pernas do homem. Sartes saltou para as costas do homem grande e, em

seguida, apertou a sua mão contra a boca dele para que ele não conseguisse pedir ajuda. Aquele ímpeto perfeito atirou-os a todos para o chão.

Sartes agarrou-se à vida, apesar de isso lhe ter custado uma cotovelada nas costelas e uma cabeçada contra o seu rosto. O mundo limitou-se a nada mais do que tentar aguentar-se e abafar as chamadas do guarda por assistência. Porém, ele não seria capaz de fazê-lo por muito mais tempo. Ele era apenas um rapaz a tentar lutar contra um homem. O facto de ele se estar a concentrar em apenas uma coisa explicava que ele estivesse a conseguir aguentar-se tanto tempo. Se Bryant não via a oportunidade...

Ele via. Sartes vislumbrou brevemente o outro rapaz ali com uma cara de determinação. Então, o guarda ficou frouxo em cima de Sartes.

Mover o peso de cima dele pareceu demorar uma eternidade e o emaranhado das correntes também não ajudava. Quando se conseguiu erguer, Sartes respirava com tanta força como se tivesse acabado de carregar aquele barril cheio. Ele viu Bryant a segurar a espada, a olhar fixamente para ela como se não soubesse o que fazer a seguir.

"O guarda terá chaves", disse Sartes. "Ele estava a falar em colocar apenas um de nós no betume. Isso significa que ele tem uma chave. Ajuda-me a procurar, Bryant."

A instrução ajudou, porque, pelo menos, isso significava que o outro rapaz tinha algo a fazer para além de se concentrar no que tinha acabado de fazer. Sartes lembrou-se da primeira vez que tinha matado uma pessoa, e, apesar, de ter sido em legítima defesa, tal ainda assombrava os seus sonhos.

"Vai dar tudo certo, Bryant", assegurou ele ao outro rapaz quando ele encontrou a chave e soltou-lhes as correntes.

"Não, não vai", disse Bryant. "Eu matei um deles. Eu nem sequer *sei* o que eles fazem quando se mata um dos deles. Ninguém se atreve a fazê-lo."

"Nós atrevemo-nos", disse Sartes. "Tal como nos vamos atrever a fugir daqui."

Rápido, ajuda-me a cortar a túnica dele."

"O quê?", disse Bryant. "Porquê?"

"Precisamos de algo que possa revestir o betume. Algo suficientemente grande que consiga cobrir a boca de um dos barris". Sartes tentou pensar na confiança que Anka mostrava quando estava a dar instruções. A confiança que Ceres tinha. "Ajuda-me, Bryant. Temos uma oportunidade, mas não temos muito tempo para fazer com que isto resulte."

De alguma forma, Sartes conseguiu injetar certeza suficiente no seu tom para que Bryant começasse a ajudar, cortando pano e mergulhando-o em betume apesar do que ele pudesse estar a sentir. Eles colocaram-no sobre a boca do barril. Não

era perfeito, mas mesmo assim, qualquer pessoa que olhasse apenas veria betume e nada por baixo. Desejavelmente, seria suficiente.

"O que é que vamos fazer com... com ele?", perguntou Bryant, a olhar para o corpo do guarda. "Se eles o

encontrarem, então eles vão saber o que fizemos."

"Então vamos certificar-nos que eles não o encontram", respondeu Sartre. Era um esforço mover o guarda-tão grande sozinho, mas ele não quis pedir a Bryant para o fazer. Ele empurrou o peso morto do corpo em direção ao betume, com um gemido de esforço. O corpo desapareceu com um som molhado de betume a aproximar-se.

Se fosse qualquer outra pessoa, Sartre provavelmente teria ficado horrorizado com o que estava a fazer, mas o guarda tê-los-ia atirado para lá vivos sem hesitar.

Isso deu a Sartre outra ideia.

Cuidadosamente, ele preparou as algemas que tinham estado em torno dos tornozelos deles, afundando as extremidades no betume e deixando o meio preso a uma rocha pela borda, onde qualquer pessoa pudesse ver. Desejavelmente, tal seria suficiente para convencer os vigias que eles tinham ido parar ao betume, o suficiente para lhes dar algum tempo.

"Precisamos levar o barril de volta agora", disse Sartre. "Esconde a espada aí para que eles não a vejam."

Era um risco. Sartre sabia disso. Se alguém suspeitasse deles, eles precisariam da espada para lutar. Então, novamente, se chegassem a isso uma espada podia não ser suficiente. Talvez nada o fosse.

"Nós conseguimos fazer isto", disse Sartre, tentando tranquilizar Bryant, e, possivelmente, a si mesmo. "Nós apenas temos de manter a calma."

Eles ergueram o barril entre eles. Não era tão pesado quanto teria sido se estivesse cheio, mas a necessidade de evitar denunciar o seu disfarce significava que tinham de o levar muito mais lentamente naquele momento do que quando tinham ido antes.

Com um olhar entediado, o condutor viu-os a erguer o barril para a sua carroça.

"Ponham o outro ali", disse ele. "Eu não tenho o dia todo."

Eles levantaram-no. Sartre esperou que o condutor olhasse para outra direção antes de gesticular. Ele levantou a cobertura sobre o barril, ignorando a dor do betume ainda quente. Bryant pareceu entender, trepando lá para dentro. Sartre subiu atrás dele.

Estavam apertados. Dois prisioneiros maiores não conseguiriam ter feito aquilo, mas Sartre não era grande e Bryant estava tão delgado depois de ter estado tão perto da morte que ele mal ocupava qualquer espaço. Sartre puxou a

sua cobertura improvisada para o lugar, esperando que parecesse como ele tinha querido.

Ele esperou. O silêncio provocava uma espécie de pressão a cada batimento cardíaco. Ele conseguia distinguir o formato de Bryant em frente a ele, tremendo no escuro. Sartre queria tranquilizá-lo, mas eles não podiam arriscar fazer qualquer barulho, qualquer movimento.

Ele ouviu sons lá fora, que pareciam os passos do condutor, os seus resmungos e maldições enquanto

verificava a sua carga.

"Estúpidos. Nem sequer encheram o último barril. Vou mandar chicoteá-los quando voltar. Se estiverem vivos nessa altura."

Sartes viu Bryant tenso e colocou a mão no ombro do outro rapaz para o acalmar. Eles ficaram ali na penumbra do barril, à espera. Por fim, finalmente, Sartes ouviu o estalo de um chicote, o rangido da madeira e, depois, o barulho das rodas da carroça a girarem. Ele sentiu o movimento quando a carroça começou a andar.

Porém, o medo não passou só porque a carroça estava em movimento. Sartes esperava que, a qualquer momento, a carroça parasse quando os guardas começaram à procura deles. No entanto, isso não aconteceu. A carroça continuava a andar. Rolava sem parar, durante minutos, durante mais tempo, até que Sartes teve de se obrigar a manter a cabeça baixa.

Ele encontrou uma fenda no barril que era apenas suficiente para a luz entrar.

Ele espreitou e pareceu-lhe estar a ver a paisagem a passar.

Por fim, a carroça chegou a um impasse, e Sartes ouviu o som do condutor a falar com os seus animais.

"Vocês são mesmo estúpidos. Ainda assim, pelo menos, vocês não vão passear enquanto eu trato dos meus assuntos de homem nos arbustos homem, pois não?"

Sartes ouviu o som do condutor da carroça a afastar-se, e ele sabia que aquela era a oportunidade deles. Ele agarrou na espada, depois levantou-se, catrapiscando contra a luz do sol enquanto olhava à volta para se certificar de que eles não estavam realmente cercados por guardas que estivessem precisamente à espera deles. Em vez disso, ele viu uma paisagem vazia, algumas árvores e a figura do condutor da carroça, de costas para eles.

Sartes saltou para a frente, para o assento do motorista. Os bois esperavam pacientemente no lugar, mas com um estalido das rédeas, eles começaram a correr com um rugido. Perante aquele barulho, ele viu o condutor a virar-se, amaldiçoando-os e desatando a correr. Sartes passou as rédeas para Bryant e, depois levantou-se com a espada na mão, à espera, não se fosse dar o caso do condutor os apanhar. Ao ver aquilo, o homem pareceu abrandar e, depois, parou.

"Animais! Pequenos demónios! Vou garantir que vocês são mortos por causa disto."

Sartes riu-se e começou a cortar os laços que prendiam os barris nos lugares.

Um por um, os barris de betume saltavam para fora, rebolando sobre o caminho de terra áspera e derramando o seu conteúdo à medida que iam passando.

Libertados da sua carga, os bois aceleraram e a carroça também.

"Nós conseguimos", disse Bryant. Ele soava como se não acreditasse.

"Estamos livres!"

Sartes sentiu a alegria. Mas ele sabia que aquela estrada ainda estava cheia de horrores. Ele não poderia descansar até chegar a Delos, até encontrar um lugar seguro – e até encontrar a sua irmã.

CAPÍTULO CATORZE

A última vez que Thanos havia navegado para o porto de Haylon, tinha sido num dos navios de guerra do Império. Agora, ele navegava em torno de um cemitério esquelético desses navios, de cascos queimados e de destroços semiafundados que saíam da água praticamente em todos os lugares para onde ele olhava como se fossem ossos de longas criaturas marinhas mortas.

"O que aconteceu aqui?", perguntou Felene. Ela guiava o pequeno barco em torno dos destroços tão suavemente quanto ela o havia trazido para Haylon. O

pequeno barco tinha sido mais rápido até do que as galeras que o Império tinha levado para lá. "Quem fez isto?"

"Eu", disse Thanos, a dor daquela memória ainda estava fresca como quando ele havia incendiado os primeiros navios. Se ele fechasse os olhos, ele ainda conseguia ver os destroços em chamas e ouvir os gritos dos homens que ele havia matado. O facto de aqueles homens terem estado lá para assassinar os habitantes da ilha não tinha tornado isso mais fácil.

Eles deixaram-se levar pelas correntes até às docas. Thanos não se surpreendeu ao ver ali reunidos homens armados com as cores dos rebeldes de Akila. É claro que eles iriam vigiar as águas, e se eles vissem um navio desconhecido, era perfeitamente natural que eles quisessem conhecê-lo. Eles não queriam arriscar espões.

"Parece que temos um comité de receção", disse Felene. "Afoga-me nas profundezas, só me trazes aos melhores lugares. Agarra aquela corda."

Thanos tinha-se acostumado a Felene durante o tempo que tinham passado juntos no barco. Ela era tenaz e tratava Thanos com uma espécie de franqueza enganosa que o fazia sentir-se surpreendentemente confortável. Era melhor do que as pessoas na corte que faziam vénias e passavam o tempo todo em conflitos.

Habituar-se a ela também significava alguns nervos.

"Vai ficar tudo bem", disse Thanos. "Eles conhecem-me aqui."

Ela não parecia convencida. "Se tu o dizes."

Eles puxaram o barco até às docas. Thanos viu lá outros navios do Império, muito menos destruídos dos que os que estavam no porto. Estes eram os que não tinham ardido na memória de Thanos, completa com os gritos dos marinheiros, mas ainda assim ele achava que era responsável. Estes eram, obviamente, os navios do general Haven, da segunda força de invasão.

Thanos sentiu o solavanco do barco contra a doca e saltou para terra para amarrar o navio no lugar. Ele olhou para cima e viu uma roda de armas em punho viradas na sua direcção. Essa era uma parte que ele não estava à espera.

"Podes ver quem eu sou", disse ele. "Não há necessidade de armas. Preciso falar com Akila."

"Ele vai querer falar contigo também", disse um dos rebeldes. "E então ele vai decidir o que fazer com vocês os dois."

Felene saltou para o lado de Thanos. "Então, quando dizes que eles te conhecem, é da mesma maneira que os caçadores de recompensas das marchas me

'conhecem'?"

"As coisas são complicadas", disse Thanos, lembrando-se de quando Akila tinha chegado a Delos. Todo aquele caminho só para avisá-lo que ele não confiava no que Thanos estava a fazer. Talvez não tivesse sido assim tão boa ideia ir ali, afinal.

Ele viu Felene a olhar em volta para os rebeldes como se a calcular as suas hipóteses de fugir. "Contanto que eles não sejam tão complicados que eu perca a minha cabeça."

Eles caminharam entre os rebeldes através de Haylon, para um espaço aberto cercado por pilares. Havia mesas ali, colocadas ao sol, e Thanos distinguiu Akila no coração de tudo aquilo, a falar com pessoas, a organizar e a dar instruções, usando a praça da mesma maneira que outro homem poderia ter usado um grande salão.

"Há pessoas que se teriam mudado para o castelo aqui", disse Thanos ao aproximar-se.

Ele viu Akila olhar para cima e esperava um breve momento de reconhecimento amigável. Em vez disso, Akila fixou-o com um olhar duro.

"Tyrants tem castelos", disse ele. "Eu queria um lugar onde qualquer pessoa pudesse vir ter comigo. Eu pensei que te tinha dito que já não eras bem-vindo aqui."

"Disseste-me para fazer mais", respondeu Thanos. "Eu fiz. Fiz tanto que dei por mim a ser enviado para a Ilha dos Prisioneiros. Lucious expulsou-me como um traidor."

"Mas tu fugiste", disse Akila, olhando para alguns dos papéis perante si.

Aqueles papéis continham informações sobre ele, ou Akila simplesmente não queria olhar para ele?

"Stephania arranjou-me uma saída", disse Thanos. "Ela contratou um barco para me tirar de Delos. Ela era para vir, mas Lucious encontrou-nos, e ele disse-me... coisas sobre ela que eu não sabia."

"E esta é a capitã?", perguntou Akila, com um olhar aguçado sobre Felene.

Thanos abanou a cabeça. "Não, é Felene, uma prisioneira que conheci na Ilha dos Prisioneiros. De qualquer maneira, eu fui lá porque eu pensava que Ceres pudesse lá estar. "

"A última coisa que ouvi", disse Akila, "foi que Ceres estava morta."

Isso causou a Thanos uma dor repentina, porque quanto mais tempo passava sem que ele a encontrasse, maiores eram as hipóteses de tal ser verdade. Onde quer que ele fosse, parecia apenas haver a angústia

causada pela sua ausência.

"Eu pensei que ela pudesse ter vindo para aqui", disse Thanos. "Ouviste falar de alguma coisa?"

"Eu ouvi um monte de coisas", disse Akila. "Mas nenhuma acerca de Ceres."

Thanos viu-o a folhear papéis.

"Devo contar-te sobre alguns dos relatos que tenho?", perguntou. "Tenho relatórios do general Haven, que está *ainda* nas colinas, causando problemas.

Este velho tolo que tu alegas ter enviado está a causar-me mais problemas do que qualquer outra pessoa poderia ter causado. Tenho relatos de que Lorde Oeste e a rebelião se uniram para atacar Delos, mas tu não estás com eles, a ajudá-los.

Tenho relatos de que eles foram misteriosamente traídos, e estão a morrer um a um enquanto falamos. Ao mesmo tempo, estás aqui a dizer que estavas na Ilha dos Prisioneiros e que escapaste antes de te terem enviado para lá. Dizes-me que a pior das nobres em Delos contratou um barco para te tirar de lá, que tu a abandonaste, que Lucious te apanhou e que te deixou ir... sabes o quão louca a tua história soa?"

"A parte sobre a Ilha dos Prisioneiros é verdadeira, pelo menos", disse Felene. "Eu estava lá. Ele tirou-me da ilha com ele."

"Mas eu também não te conheço", salientou Akila. "E mesmo se fosse verdade... o que é que estás a fazer aqui, Thanos? Não é só por causa de Ceres, pois não? O que é que queres?"

"Eu queria falar contigo outra vez", admitiu Thanos. "Eu queria tentar persuadir-te a trazer os teus homens para Delos. Está tudo muito certo em ter sucesso em Haylon, Akila, mas de que é que isso serve se deixares o Império continuar a prosperar à tua porta? Se destruíres as possibilidades de todos serem livres?"

Ele conseguia entender a relutância do outro homem, e até mesmo as suas preocupações sobre o compromisso de Thanos, mas Thanos também conseguia sentir que aquele momento era importante. O Império estava a hesitar. Outro empurrão e ele talvez caísse. Se percebessem isso eles podiam *todos* ser livres.

"Eu sei que estás preocupado", disse Thanos, "mas esta é a nossa oportunidade. Tu tens os navios. Tu tens os homens. Vem agora, e vais conseguir escrever o teu próprio relacionamento com o Império como um amigo, em vez de o escreveres como o homem que ficou a cuidar de si mesmo."

Akila ficou ali em silêncio. Finalmente, porém, ele abanou a cabeça.

"Fazes demasiadas perguntas, Thanos", disse ele. "E eu disse-te antes que tu não eras bem-vindo aqui. Os meus homens irão acompanhar-te de volta para o teu barco, mas depois tens de sair. Eu tenho uma rebelião para dirigir."

"Uma rebelião que não está disposta a lutar", disse Thanos.

Ele viu o rosto de Akila repentinamente enraivecido. "Vai enquanto podes."

Akila virou-se para Felene. "Se é verdade que te libertaste da Ilha dos Prisioneiros, então há um lugar para ti aqui se quiseres. Não tens de pagar pelos erros de Thanos."

"Oh, eu tenho muitos erros meus", Felene respondeu. Thanos viu-a a olhar ao redor. "E se estás a mandar embora pessoas como ele, este, na verdade, não é um lugar para aqueles que já fizeram o tipo de coisas *que eu fiz*."

Eles caminharam de volta na direção das docas.

Thanos ficou em silêncio a maior parte do caminho.

"Lá se vai Haylon", disse Felene. "Então, meu príncipe, para onde vamos agora?"

Thanos estava ali, chocado. Ele não conseguia acreditar que tinha sido mandado embora. Ele esperava ter sido recebido como um herói, e, ao invés disso, ele tinha sido tratado como um criminoso.

E sem a ajuda deles, não havia maneira de conquistar o Império. Não havia nenhum lugar para onde ele *pudesse* ir. Não havia nenhum lugar onde ele ficasse em segurança.

Ele abanou a cabeça lentamente e respirou profundamente. Se eles não o ajudavam a conquistar Delos, então ele teria de conquistá-la sozinho.

Ele olhou para ela com um olhar duro, sentindo uma forte determinação dentro de si.

"Delos", disse ele, com uma voz dura. "Vamos navegar para Delos."

CAPÍTULO QUINZE

Mesmo nos seus sonhos Ceres não conseguia fugir dos mortos. Por muito que ela quisesse paz, por muito que ela procurasse liberdade, eles atormentavam-na.

Ela olhou à volta e viu-se em Delos, no meio do Stade, com aquelas areias demasiado familiares sob os seus pés. Só que agora as areias eram cinzentas e a pedra das bancadas era o mármore das lápides. Ceres estava na armadura que tinha usado enquanto lorde de combate, a única coisa que brilhava na arena.

Os mortos estavam lá sentados, fileira após fileira, olhando para baixo com a passividade silenciosa daqueles que estavam para além do reino dos vivos. Eles abriam a boca e, em vez das exclamações da multidão, Ceres só ouvia os gritos dos moribundos. Cada grito trazia consigo memórias, de homens e mulheres a morrem no campo de batalha, daqueles que Lucious tinha executado.

Ceres reconhecia rostos ali. Ela viu Anka sentada no camarote real, com as marcas de ligadura ainda recente em torno da sua garganta. Ela viu Rexus ao lado dela, que parecia já ter morrido há uma vida atrás. Havia tantos ali, mas cada rosto trazia a Ceres um lampejo de dor quando os via. A visão de Anka a olhar assim fixamente trouxe-lhe lágrimas aos olhos, e aquelas lágrimas continuavam a cair ao ver os outros que lá estavam, transformando as cinzas sob os seus pés em algo como a lama.

Uma figura apresentou-se à frente de Ceres. O Último Suspiro deu balanço, na direção dela, às suas espadas em forma de quarto crescente. Ceres saltou para trás mesmo a tempo, espetando-o com uma espada que já parecia estar polida com sangue. Ele caiu e, em seguida, levantou-se novamente.

Desta vez, ele era um soldado, atacando com uma lança de cabeça larga.

Ceres desviava-se para o lado com facilidade, mas derrubá-lo para baixo somente significava que ele se levantava com uma cara diferente. Durante todo o tempo, a multidão gritava a sua aprovação com os gritos dos moribundos.

Havia mais deles agora, aparecendo não apenas um de cada vez, mas em pares e trios. Pior ainda, havia figuras ali que Ceres não tinha matado, não diretamente. Garrant estava ali agora, com uma flecha ainda na sua garganta. Um membro da rebelião juntou-se a ele. O fantasma no sonho tentava apanhar Ceres.

Ceres não queria lutar contra eles, nem mesmo assim, num lugar que não poderia ser real. Ela hesitou, querendo acabar com a violência e a dor. Aquela hesitação foi tudo o que foi preciso para eles a agarrarem.

Ceres gritou quando os mortos a atiraram para o chão do Stade. O peso deles, quando eles se empilharam sobre ela, parecia como se lhe estivesse a arrancar a vida. Ceres sentia-se como se não conseguisse respirar, com qualquer esforço

para expandir os seus pulmões a ser parado pela pressão que havia sobre si, mas também pelo peso da dor que a percorria, ameaçando arrastar todos os vestígios de si mesma.

Ceres viu-se a olhar para cima em direção ao camarote real, onde Anka e Rexus estavam numa qualquer paródia sombria do rei e da rainha.

"Por favor", implorou Ceres. "Ajudem-me."

"Tu não nos ajudaste", respondeu Anka. "Tu levaste-me à morte."

Aquela não era a verdadeira Anka, porque Ceres sabia que ela nunca teria dito algo assim, mas a dor das palavras era real, por uma razão simples. Ela merecia-as. Ceres sabia disso. Ela merecia cada bocadinho de dor que eles despejavam sobre si.

Ela não se surpreendeu quando Anka estendeu a mão, virando o polegar em direção ao chão pela morte.

Ceres tinha pensado que o peso dos mortos era esmagador antes, mas agora eles estavam empilhados sobre ela em tal número que eles pareciam bloquear a luz. Eles formaram um céu em si mesmos, mantendo Ceres no lugar, roubando-lhe a vida enquanto ela lutava.

Tão rapidamente quanto chegou, o momento passou. Ceres deu por si a ser levantada, com os mortos a levantarem-na como uma folha no vento. Em seguida, foi o vento a levantá-la, e Ceres deu por si a flutuar sobre Delos, vendo o Império espalhado à sua volta como uma manta de retalhos de campos e povoações.

Ela via mais do que isso. Ceres via-se num campo de batalha, vestida com uma armadura dourada. Ela via um trono, enquanto vozes gritavam o seu nome.

Ela via pessoas comuns ali de pé, parecendo tão felizes e em paz, como Ceres nunca tinha visto ninguém.

A cena mudou, e aquele mundo era o mesmo, mas diferente. Enquanto o último tinha sido verde e

dourado, este era feito com as cores do arco-íris. Abaixo, ela via criaturas que ela achava serem veados ao início, mas à segunda vista ela viu que tinham os torsos de seres humanos a erguerem-se dos seus corpos. Ceres olhou para cima, com a chamada de um pássaro, apenas para ver um a cruzar o céu com uma pluma de fogo a segui-lo.

O mundo abaixo dela mudou novamente, com a cor a branquear, deixando algo cinzento e morto para trás, com pessoas que se moviam como sonâmbulos e guardas em cada esquina. Era um mundo que se parecia mais com uma prisão.

Ceres não acreditava que poderia ser pior.

Então o mundo mudou de novo, e, quando viu o sangue a correr pelas ruas, ela percebeu que podia.

"Eu não entendo", disse Ceres para o céu onde ela flutuava. "O que é que está a acontecer? O que é tudo isto?"

"São possibilidades."

Instantaneamente, Ceres reconheceu a voz da sua mãe. A paisagem ao redor de Ceres mudou de novo, e, desta vez, ela reconheceu o lugar onde ela estava. Ela tinha lá estado há muito pouco tempo, numa colina com vista sobre o mar, cercada por torres de pedra elegante. No seu sonho, porém, as torres não estavam em ruínas. A Ilha Para Além da Névoa parecia vibrante e completa de uma forma que não parecia na vida real.

Ela sentiu uma onda de amor e paz quando viu a sua mãe ali de pé entre os edifícios. Havia outros ali, movendo-se da torre para casa, rindo e dançando nas ruas. Ceres não conseguia distinguir os seus rostos, mas o da sua mãe era imaculado e nítido.

Ela ficou ali e Lycine aproximou-se para a abraçar. Mesmo assim, foi o suficiente para ela aterrar e trazer-se de volta a si mesma. Mais do que isso, foi o suficiente para convencê-la de que, pelo menos, um aspecto disto tudo não era um sonho.

"O que é que queres dizer com possibilidades?", perguntou Ceres.

"Tu tens um destino e um papel a desempenhar", disse a sua mãe. "Mas ainda podes escolher como o fazer. Tanta coisa depende do que tu fazes. Há tantas maneiras diferentes do mundo acabar."

Ceres abanou a cabeça.

"É tarde demais", disse ela. "Eu já tentei. Eu já perdi. Eu tentei conquistar Delos e correu tudo tão mal. Os meus poderes... eles não estavam lá quando eu precisei deles. Eu não consegui *salvar* pessoas."

"Às vezes não se consegue", disse a sua mãe, e havia o fantasma de algo mais no seu tom. "Às vezes, tu tentas fazer as coisas melhor, e há apenas dor, mas tu tens de ser paciente, e tens de confiar que, eventualmente, serás capaz de ajudar."

"Como é que eu posso fazer alguma coisa?", insistiu Ceres. "Os meus poderes desapareceram, mãe."

O sorriso de Lycine era gentil. "Não desapareceram, Ceres. Apenas... em tensão. Usados em demasia.

Todos nós temos limites. Às vezes limites com base em quem nós somos. Às vezes limites baseados no destino".

"Queres dizer que os meus poderes não surgiam porque não era parte do meu destino?", quis saber Ceres.

A mãe dela abanou a cabeça. "É melhor não especular. Deixa-me olhar para ti. Sim, estás desgastada. Às vezes acontece-nos, quando tentamos muito, e tu apenas acabaste de entrar nos teus poderes."

Ceres sentia as mãos da sua mãe enquanto ela persuadia a energia de dentro de si. Ela passou-a entre as suas mãos como uma sombra, examinando-a da

mesma maneira que alguém poderia ter examinado um pedaço de tecido à procura de buracos ou costuras perdidas.

"As coisas parecem destruídas agora, mas o que está destruído pode ser reparado", disse ela.

"Algumas coisas não podem", respondeu Ceres, pensando em Anka, e todos os outros que haviam morrido.

"Isso é verdade", disse Lycine, com outra estranha nota de tristeza, "mas as coisas ainda podem ser feitas melhor. Lembra-te que esta prenda protege-te, mas não é a única coisa que possuis."

Ainda não parecia suficiente.

"Eu ainda não tenho certeza de que consigo fazer isto", disse Ceres.

"Consegues", insistiu a sua mãe. "Lembra-te que eu amo-te. Lembra-te de quem és. Se tivéssemos tempo... mas nunca há tempo suficiente. Tens de voltar, minha filha."

"De volta para as minhas correntes", disse Ceres.

"De volta para o teu destino. Lembra-te do que viste. O que pode ser se tiveres sucesso e se falhares."

Ceres queria dizer mais. Ela queria ficar ali, tanto para passar mais tempo com a sua mãe como para adiar o momento em que tinha de estar novamente com as correntes. No entanto, o sonho já estava a desaparecer. A luz entrava pela janela da cela dela, fazendo com que ela pestanejasse com o sol da manhã, enquanto acordava.

Preso às suas correntes, Ceres conseguia ouvir os sons de botas fora da sua cela. Ela tentava erguer a sua cabeça para ver o que estava a acontecer, mas ela mal tinha forças para fazê-lo.

Ela ouviu o som da madeira a bater na pedra quando a porta se abriu. Quatro guardas entraram na cela, todos com expressões que prometiam violência, apesar dos capuzes curtos que usavam.

"Está na hora de morrer", disse um deles.

"Quase", acrescentou outro. "Nós temos um pouco de tempo primeiro."

"Tempo suficiente para, pelo menos, te fazer gritar", acrescentou um terceiro.

"Tempo suficiente para nos divertirmos um pouco", disse o último. "O

Príncipe Lucious disse que nós tínhamos de te matar, mas ele não disse quanto tempo isso deveria demorar."

Os quatro avançaram. Ceres lutava contra as correntes que a prendiam.

Naquele momento, ela sentiu medo real, não apenas devido ao facto de que aqueles homens tinham ido ali para matá-la, mas por causa de tudo o mais que, obviamente, eles tencionavam fazer.

"Podemos cortá-la antes de começarmos?", perguntou o primeiro. "Eu sempre gosto quando elas estão a sangrar um pouco."

"Depois", insistiu o segundo. "Depois, nós podemos-lhe bater, chicoteá-la... o que quisermos."

"Ou apenas cortar-lhe a garganta", disse o terceiro.

O segundo abanou a cabeça. "E o que vai o príncipe Lucious dizer quando ele inspecionar o cadáver e não encontrar nenhuma marca nele? Não, nós fazê-lo *meticulosamente*."

Ele chegou-se a Ceres e, seguida, a mão dele roçou na sua bochecha. Ceres encolheu-se para trás então, empurrando-se contra a parede como se ela pudesse ser capaz de se empurrar através dela, se se esforçasse o suficiente.

Ela sentiu as mãos dos outros sobre ela, encaixando-a contra a parede, segurando-a ali tão firmemente como as correntes, para que ela nem sequer conseguisse começar a mover-se para escapar deles.

"Eles dizem que ela era a favorita do príncipe Thanos", disse um deles.

"Elas são todas iguais assim que começam a gritar."

Ceres disse a si mesma que não iria gritar. Que ela iria encontrar uma maneira de lutar, mesmo que tudo o que isso fizesse fosse que eles a matassem mais rapidamente. Talvez até fosse melhor assim.

Ela sentiu-o nesse momento: o mesmo sentimento que ela tinha tido quando a sua mãe estava lá com ela no seu sonho. O mesmo sentimento que ela tinha tido quando a sua mãe tinha feito correr a energia de Ceres através das suas mãos tão casualmente como respirar. Ceres sentiu a presença da sua mãe naquele momento e, no mesmo instante, o seu poder exaltou-se para a vida.

A energia rugiu através de si, parecendo tão familiar quanto um cão leal que vem a correr atrás há muito tempo lá fora. A energia estalou como um relâmpago escuro nas veias de Ceres, e ela sentiu a força que trazia, a vitalidade. Naquele momento, todo o cansaço e fraqueza caíram para longe dela.

Mais do que isso, era fácil de moldar a energia que estalava através de si, fácil de enviá-la quase sem pensar, arqueando através do contato entre ela e as mãos vilmente à procura dos guardas. Num momento, Ceres estava a serpentear para trás sob o toque deles e, no seguinte, eles ficaram quietos, muito quietos.

Tão imóveis quanto as pedras que agora estavam no lugar da carne deles.

Ceres olhou para as estátuas ali, com as suas expressões capturadas, perfeita e permanentemente, entre crueldade e choque. Ela tentou sentir alguma ponta de arrependimento por aquilo que ela tinha acabado de fazer, mas ela não sentia nada a não ser ódio por eles.

Ceres convocou a sua força para ela. Agora ela tinha força suficiente para tirar as correntes que a prendiam, deixando as suas pontas soltas a balançar

enquanto empurrava as estátuas para longe dela. Ceres ficou ali por um momento, sentindo o poder a crescer dentro de si.

Ela correu.

Ela não sabia o suficiente sobre o traçado do castelo para ter certeza sobre o seu caminho para fora dali, mas ela podia imaginar. Ceres foi baixo e para fora, dirigindo-se para as extremidades do castelo, tentando evitar servos e guardas.

Mesmo assim, ela começou a ouvir vozes a gritar atrás dela.

Ceres continuou a correr, virando aleatoriamente, raciocinando que, se nem ela sabia para onde estava a ir, muito menos saberiam os seus perseguidores. Ela correu o comprimento de um corredor, saindo para uma pequena varanda. Lá em baixo, um curso de água corria num silêncio profundo e turvo.

"Caminho errado", disse Ceres, e virou-se, tentando pensar num melhor caminho.

Porém, era tarde demais para isso. Já havia guardas a fazer o seu caminho ao longo do corredor, de espadas em punho. Uma parte de Ceres queria lutar, mas a verdade era que ela não sabia se os seus poderes se iriam aguentar ou não. Ela não podia correr o risco.

Havia apenas uma coisa que ela podia fazer.

Cuidadosamente, quase delicadamente, Ceres ergueu-se sobre a borda da varanda, olhando para o canal.

Espero que seja tão profundo quanto parece.

Ela saltou.

CAPÍTULO DEZASSEIS

Pela primeira vez desde que havia partido a navegar de Delos, Thanos não sabia o que fazer. Ao partir, ele tinha tido uma missão: ele estava a ir para encontrar Ceres. Naquela ocasião, não estando ela na Ilha dos Prisioneiros, pareceu óbvio ir para a rebelião em Haylon.

Agora, ele estava à deriva, sem saber o que fazer a seguir. O barco estava a fazer o mesmo, com Felene a pescar fora da proa, aparentemente feliz o suficiente para perder tempo com a vela para baixo, à deriva perto das pequenas ilhas próximas de Haylon. Enquanto Thanos observava, ela puxou um peixe arco-íris espinhoso, aparentemente despreocupada com tudo à sua volta.

Thanos desejava que as coisas fossem assim tão fáceis para ele.

"Para onde, então, oh príncipe?", perguntou Felene com um olhar por cima do ombro. "Ainda Delos, ou limitamo-nos a ficar à deriva até chocarmos com terra?"

"Isso é um termo náutico?", perguntou Thanos, mas a tentativa de humor não disfarçava a indecisão por trás dele. Ele tinha dito Delos só porque era a sua casa. Ele não tinha pensado para além disso.

"Eu poderia gritar 'terra à vista' quando a embatermos contra terra, se isso ajudar". Felene esventrou o peixe habilmente e Thanos viu as gaivotas a juntarem-se acima do barco. "Agora a sério, tens um plano que não nos mate a ambos, que não nos atire para fora de uma ilha ou que não nos torne prisioneiros?"

Thanos percebia que ela estava preocupada. Ele tinha de admitir, ele compartilhava alguma daquela preocupação. Haylon tinha sido o lugar mais seguro para ir. Delos... bem, Delos era tudo menos seguro.

"Não precisavas de vir comigo", Thanos salientou.

"É o meu barco". Como se para reforçar o ponto, ela começou a içar a vela, colocando o barco em movimento.

"Eu poderia ter encontrado outro", disse Thanos. "Akila teria feito isso, pelo menos."

Ele assim o esperava. Depois de tudo o que os dois tinham passado juntos, era difícil acreditar o quão pouco Akila confiava nele agora. Ele tinha pensado que o outro homem teria visto a fuga de Thanos de Delos como prova do seu compromisso, mas não tinha resultado assim. Thanos tinha ido buscar aliados; em vez disso, ele estava sozinho, ou quase sozinho.

"Então porque é que me seguiste?", perguntou Thanos novamente. "Podias ter lá ficado. Podias ter partido sozinha no teu navio. Podias ter ido para qualquer lugar, mas escolheste vir comigo."

Felene lançou-lhe um sorriso. "Será que o príncipe poderoso acha que eu estou apaixonada por ele? Desculpa ser a portadora de más notícias, mas tu não és o meu género."

Thanos queria dizer que nunca tinha pensado nisso, mas ele questionava-se onde é que aquilo poderia caminhar, dada a ânsia de Felene em ir com ele. Ele tinha de admitir que as palavras dela tinham ferido um pouco o seu orgulho, ser desprezado assim tão rapidamente.

"Se não é isso, então o que é?", perguntou Thanos, e algo deve ter chegado através do seu tom, porque ele viu Felene a sorrir.

"Bem, há a parte onde eu tenho uma dívida para contigo", disse Felene, "e eu pago as minhas dívidas. Quaisquer dívidas que não sejam para com comerciantes de vinho ou alfaiates, de qualquer maneira. E, além disso, como é que eu me encaixaria num grupo tão bem organizado como aquele?"

"Estás a dizer que eu sou desorganizado?", perguntou Thanos.

"Eu estou a dizer que parece que irão existir mais oportunidades de diversão e aventura à tua volta do que ficar numa ilha a tentar erradicar algumas lapas de um general."

Foi só isso que foi realmente preciso para que a ex-prisioneira o seguisse?

"Mas ambos ficaremos muito menos constrangidos se não voltares a falar sobre isso do romance", sugeriu Felene. "Como eu disse, tu não és o meu género.

E és um homem casado."

Stephania. Só de pensar no seu nome Thanos ficou tenso, preso entre o que ele tinha feito e todas as coisas que, ao invés, poderia ter feito. Ele poderia tê-la levado com ele. Ele poderia tê-la visto a ser executada pelo que ela tinha tentado fazer-lhe. Ele poderia tê-la protegido contra Lucious.

Ele poderia ter, pelo menos, tentado proteger a sua criança que estava para nascer.

"Isso é complicado", disse Thanos.

"Bem, talvez possas pensar algum tempo sobre isso enquanto iças o resto das velas?", disse Felene, apontando. "Precisamos de sair daqui, porque temos visitas."

Thanos olhou na direção que ela indicou, e viu um ponto que, lentamente, se estava a transformar num navio.

"Eles viram-nos?", perguntou Thanos.

"Eles estão a vir diretamente nesta direção, pelo que duvido que seja um acaso", respondeu Felene.

"Piratas?", perguntou ele.

"É mais provável que sejam guardas do Império a isolar a ilha. Pessoas com as quais nós não nos queremos encontrar, em qualquer caso. "Felene gesticulou

para as cordas. "Não fiques aí parado, começa a içar."

Ela deu o comando, casualmente, como se Thanos fosse um marinheiro comum.

"Conseguimos ir mais depressa do que eles?", perguntou Thanos.

"Ir mais depressa do que parece ser uma galera com duas grandes velas e três bancos de remos?", perguntou Felene. "Nem pensar. Mas conseguimos ir a lugares onde eles não conseguem. Agarra-te."

Thanos agarrou a amurada do barco enquanto Felene dava sacudidelas no leme, mal se conseguindo baixar a tempo quando a vela mudou de bordo. A visão de alto mar deu lugar a terra quando o barco começou a apontar para as pequenas ilhas próximas.

"Estamos a ir para o meio deles?", perguntou Thanos.

"Se não consegues fugir das coisas e não consegues lutar contra eles, mais vale tentar algo louco", disse Felene.

"Então, isto é uma loucura?", perguntou Thanos. "Isso não é tranquilizador, Felene."

"Oh, tenho a certeza que vai correr tudo bem", respondeu ela. "Eu consigo ir para águas menos profundas

e mais próximas da costa do que aquela monstruosidade. Bem, provavelmente. E se não conseguir, eu começar a gritar terra à vista mais cedo do que pensávamos. Oh, relaxa. Isto está longe de ser a coisa mais louca que eu já fiz."

Aquilo também não era particularmente reconfortante, mas, na verdade, não parecia haver nenhuma opção melhor. A sua pequena embarcação aproximava-se a deslizar das ilhas espalhadas lá à frente como migalhas na mesa de algum gigante, saltando sobre as ondas, enquanto Thanos fazia o seu melhor para se segurar.

"Essa corda aí, içá-a quando eu disser!", disse Felene. "Não antes!"

Thanos preparou-se, agarrando-se e apoiando os seus pés contra o convés.

Atrás deles, a galera estava a aproximar-se. Não havia nenhuma possibilidade de ir mais depressa do que eles, mas o pequeno barco deslizava para um espaço entre as rochas afiadas. Thanos viu Felene a puxar o leme.

"Agora!", gritou ela, e Thanos percebeu a urgência.

Thanos puxou a corda com toda a força que conseguiu reunir. A aspereza daquela queimou-lhe as mãos, mas ele ignorou a dor e continuou a puxar. Ele viu a vela a enrolar-se rapidamente e a falta de vento momentaneamente a acalmar a sua corrida para a frente. Naquele silêncio, Thanos sentiu um empurrão no barco, a navegar uma rota aparentemente impossível entre as rochas.

"Não fiques aí parado a olhar", gritou Felene. "Nós estamos apenas a começar. Naquele lado, vamos precisar do lastro. E volta a pôr a vela para cima.

Nós não queremos estar no caminho das flechas quando eles se aproximarem."

Thanos atirou-se para o outro lado do barco, contrariando a viragem repentina que se seguiu. Havia algo puro, algo limpo sobre simplesmente agir, sobre não ter de pensar no que vinha a seguir quando ele poderia simplesmente reagir.

"Sabes que o meu pai abandonou-nos quando eu era apenas uma miúda?", gritou Felene enquanto direcionava o barco para um espaço tão apertado que Thanos poderia ter esticado a mão e tocado na rugosidade da parede da rocha mais próxima do seu lado.

"Achas realmente que é este o momento?", contrapôs Thanos.

"Algumas coisas são importantes!", gritou-lhe Felene. "Olhando para trás, é bastante óbvio que ele era um vagabundo bêbedo, mas quando tu és uma criança não consegues ver isso. Um dia, ele foi-se embora e eu nunca soube porquê. Eu pensava que era culpa minha. Rápido, baixa a cabeça. Estamos a mudar de bordo novamente."

Thanos baixou-se quando o mastro se atravessou, tão perto que ele pensou que o tinha sentido ao passar. *Não* era assim que ele tinha esperado ter aquela conversa.

"Então foi isso que te fez seguir uma vida de crime?", supôs Thanos, enquanto saíam para o que parecia ser água translúcida.

"O quê?", disse a ex-prisioneira franzindo a testa. "Não! Eu fazia-o porque era divertido! Não era isso que eu estava a quer dizer."

"Então o que é que querias dizer?", quis saber Thanos.

Parecia como se Felene fosse responder, mas a galera escolheu aquele momento para circundar as pequenas ilhas por onde eles haviam navegado.

Thanos susteve a respiração ao ver uma catapulta na frente da galera, com uma carga flamejante pronta a disparar. Bastava que aquilo roçasse no barco deles para que ele rapidamente se afundasse. Pela primeira vez naquela perseguição, Thanos teve finalmente tempo suficiente para sentir medo.

"Por ali", disse Thanos, apontando para um outro conjunto de pequenas ilhas.

As abertas ali eram mais largas, mas talvez isso pudesse ser bom.

Felene assentiu, obviamente entendendo. Thanos sentiu o barco a apressar-se para a frente sob a

orientação dela.

"Bem, o que eu queria dizer", disse ela, como se aquilo fosse tão normal como deambular ao longo de uma rua. "Eu acho é que há coisas que tu não sabes.

Eu teria pensado que tu saberias tudo acerca deles, sendo tu um nobre."

"Tu não te tens cruzado com os mesmos nobres que eu", disse Thanos.

Atrás deles, ele viu a galera disparar. A carga flamejante formou um arco através do ar, e, por um momento, parecia que o mundo tinha parado. Felizmente,

o pequeno barco deles não parou, desviando-se para o lado quando o míssil atirou para o ar um *spray* de vapor ao atingir a água.

"Eu conheci alguns deles. Miúdas sorridentes, todas suficientemente bonitas à sua maneira, mas dificilmente divertidas ao acharem que o mundo gira à volta delas. Jovens que pensam que conseguem tudo o que querem, sem consequências."

Thanos ficou tenso quando eles entraram no novo esconderijo, com o barco deles a deslizar para uma lagoa cercada por pedras afiadas.

"Eu teria pensado que isso não te incomodaria", disse Thanos.

Ao princípio Felene não respondeu. Em vez disso, olhou para trás. Thanos olhou com ela para a galera a tentar aproximar-se deles. O lugar mais largo da lagoa havia obviamente convencido o seu capitão de que eles conseguiriam perseguir o pequeno barco ali, mas as rochas por baixo da água faziam com que tal fosse muito traiçoeiro.

A galera perseguia-os, mas aquelas rochas capturavam-na como dentes, rasgando-o por baixo. Thanos ouviu o chiar da pedra sobre a madeira quando as pedras começaram a rasgar o navio dos seus perseguidores. Ele viu-o a inclinar-se para um dos lados de uma forma não natural, com os remos a remarem para trás.

Ele ficou ali, a observar o dano, a ver os homens a correrem no convés, a tentarem recuperar do que tinha acontecido. Enquanto observava, ele sabia que eles não iriam recuperar. O melhor que eles poderiam esperar naquele momento era conseguirem chegar até à ilha mais próxima.

Ele sabia que aquelas seriam mais mortes na sua consciência se eles não conseguissem. Mais para adicionar à contagem que tinha começado com Haylon, se não antes.

"Há sempre consequências", disse Felene, ao dar um puxão no leme para que o barco deles fosse por um outro intervalo. "Acabas sempre por as pagares, mesmo que seja apenas para ti mesmo. Dívidas, lembras-te?"

Thanos não tinha certeza se deveria estar a aceitar conselhos de uma criminosa confessa. Ele definitivamente não tinha certeza se o meio de uma perseguição como aquela tinha sido o momento certo para discutir o assunto.

Havia apenas um problema:

Felene tinha razão.

Ele tinha uma esposa à espera dele em Delos. Uma mulher que tinha abandonado quando ela estava grávida. Sim, o que ela lhe tinha feito era imperdoável, mas as suas próprias ações tinham sido as de um covarde. Ele optou por não a levar com ele. Ele tinha escolhido abandoná-la lá com Lucious. Ele tinha deixado a sua raiva e o seu desgosto levarem a melhor sobre si. Ele tinha abandonado a sua esposa para perseguir o sonho de Ceres.

"Dessa expressão", disse Felene, "retiro que, afinal, estamos a ir de volta para Delos, certo?"

Thanos assentiu. "Devo a Stephania mais do que isto. Talvez... talvez as coisas nunca mais possam ser como antes, mas eu posso fazer alguma coisa resultar."

"Há o problema menor de tu teres sido declarado um traidor", salientou Felene. "E também de eu ser procurada em ligação com... bem, com muitas coisas. Mas, principalmente, a coisa acerca do traidor."

"Eu vou encontrar uma maneira", disse Thanos. "Talvez eu consiga tirar Stephania de lá."

"E eu vou viajar com um príncipe e uma princesa bonita?", perguntou Felene.

"Como é que é ela a puxar cordas?"

"Ela odiaria cada minuto", respondeu Thanos, e, ao dizê-lo, ele sabia que não iria funcionar assim. Stephania era alguém que precisava de conforto e proteção.

Sim, ela era uma pessoa difícil, mais difícil do que Thanos tinha imaginado, mas eles não conseguiriam educar a sua criança a menos que conseguissem encontrar um lugar seguro para onde fugir.

"Bem", sugeriu Felene, "talvez as coisas tenham acalmado. Isso acontece com vocês, os nobres. Eu conheci em tempos uma duquesa, num dos principados para além da Espinha. Exilada da sua terra natal por causa de uma ou outra conspiração, contratou-me para assediar os seus portos. Então, tudo mudou, um parente qualquer morreu ou algo assim, ela estava a voltar para casa para uma receção de heroína, e eu tive de me ir embora rapidamente."

Thanos abanou a cabeça. "Eu acho que não vai ser assim tão simples."

Havia muitas coisas a acontecer no Império para isso, e dado ser o seu pai quem era, Lucious não iria deixar isso escapar.

"Mas nós ainda vamos voltar?", perguntou Felene. "Porque tu estás a fazer com que isto soe como um plano pior a cada momento."

Thanos parou. Ele sabia que Felene estava certa. Ele não podia apenas voltar para Delos, sem um plano, e esperar que tudo acabasse bem. Felene tinha dito mais do que suficiente.

"Eu tenho de fazer isto", disse Thanos. "E como tu disseste, às vezes precisamos de alguma loucura."

"Voltar é perigoso", disse Felene. "Loucura é... tu não vais mesmo voltar, pois não?"

Thanos abanou a cabeça. "É muito mais do que isso. Se eu conseguir tirar de lá Stephania facilmente, eu tirarei, mas eles vão vigiá-la agora. Então eu provavelmente vou ter de fazer as coisas de outra maneira."

"Que outra maneira?", perguntou Felene.

"Vou ter com o rei", disse Thanos. "E oferecer a minha submissão. Se ele não aceitar isso, então eu vou oferecer a minha vida pela dela. Como tu disseste, há coisas que não se fazem, e deixá-la para trás é uma deles."

Ele sentiu-se melhor por dizer aquilo. Agora, as palavras já lhe tinham saído.

De alguma forma, parecia real. Definitivo.

"Não vais tentar convencer-me a desistir?", perguntou Thanos.

Ele viu Felene a encolher os ombros.

"Da forma como eu o vejo, o pior cenário que pode acontecer é eu ter de fugir com uma princesa e tentar convencê-la das alegrias da vida de pirata". Ela sorriu largamente. "Além disso, eu, de facto, sempre adorei um plano doido."

CAPÍTULO DEZASSETE

O Rei Claudius estava sentado sozinho, contemplando a vida. Contemplando a morte. Era estranho como, quanto mais velho ele ficava, mais aquelas duas pareciam estar ligadas uma à outra. Ele estava nos seus aposentos particulares, com a espada nua sobre os joelhos, da mesma maneira como tinha estado quando Thanos tinha ido ter com ele. Pensando no que ele tinha feito ao seu filho naquele momento, era difícil sentir algo para além de vergonha.

Lorde Oeste estaria morto há muito tempo agora. Aquele pensamento trazia-lhe uma dor aborrecida de tristeza, porque ele tinha sido um homem bom, um homem honrado. O Rei Claudius tinha sempre visto Oeste como aquilo a que um nobre poderia aspirar. O que é que isso dizia sobre ele?

Ele havia estado a pensar nisso há muito tempo, sentado no seu quarto, com os rostos dos seus antepassados a olharem em pedra esculpida a partir dos seus nichos.

"Alguma vez já se sentiram assim?", perguntou ele em voz alta. "Alguma vez já olharam para trás para as coisas que fizeram e aperceberam-se que tinham feito mais o mal do que o bem?"

Ele não o conseguia imaginar. Bastava pensar nos nomes dos seus antepassados. Cleus Punho-de-Ferro, que derrubou as terras florestais do Império do Oriente, deixando inimigos pendurados em cada árvore e destruindo tanto que os agricultores pastavam os rebanhos lá agora. Barathon o Sangrento, que lutou trinta duelos ele próprio contra aqueles que o desafiavam, perdendo apenas o último para o filho que ele não tinha matado.

"E o que é que eles vão dizer sobre mim?" Claudius perguntou-se a si mesmo.

Que ele era o pior do lote, talvez. Que, no seu reinado encharcado de sangue, o Império destruiu-se tanto a si próprio que nunca mais foi o mesmo. Que nunca houve outro governante tão cruel ou desonrado.

Só que isso não era verdade, pois não?

"Ainda há o meu filho que está para vir", disse Claudius aos fantasmas dos seus antepassados. Ele iria fazer com que todos eles se parecessem com nada.

Ele levantou-se ao ouvir o som da porta a abrir-se e viu o servo que entrou encolhido de medo ao vê-lo. Talvez fosse por causa da espada, mas Claudius duvidou que fosse apenas isso. Mesmo sem ela, quantas vezes tinha ele visto servos e escravos afastarem-se encolhidos? Quantas vezes tinha ele convocado miúdas serventes para ele, só para sentir o seu medo?

"O que foi?", perguntou Claudius.

"P-perdoa-me, sua majestade, eu sei que não queres ser incomodado... é só que..."

"Desembucha, homem", disse instintivamente Claudius de rompante. Na verdade, o servo encolheu-se contra a parede, sem dizer nada.

Porém, Claudius podia adivinhar o que ele estava a fazer ali. Tinha sido ele o pobre e infeliz tolo na posição hierarquicamente mais baixa, a ser ordenado a ir aos seus aposentos, mesmo depois que ele ter dito que ninguém devia entrar.

Alguém o tinha mandado ver se o rei ainda estava a respirar e se estava bem.

Possivelmente, a sua esposa, ou o seu filho, embora, na verdade, fosse mais provável que tivesse sido um dos seus guardas. Athena e Lucious eram ambos perfeitamente felizes continuando com as suas atividades, sem ele lá.

Possivelmente demasiado felizes, dado o que alguns desses esforços incluíam.

Ver o servo ali foi o suficiente para dizer a Claudius o que ele precisava de fazer. O que ele deveria ter feito anos atrás.

"Vai buscar água e uma bacia", ordenou ele ao homem. "Traz as melhores vestes, também."

"O ouro, sua majestade?"

O Rei Claudius abanou a cabeça. "Preto de luto. Sem joias para além de uma coroa simples. Depois de toda a morte, este não é um momento para dar nas vistas. E diz ao meu camareiro para anunciar que eu vou falar da minha varanda ao meio-dia. Será permitido às pessoas irem para as ruas para ouvirem. Os guardas não os vão atacar. E tragam papel. Isto precisa de ser dito corretamente."

"Sim, sua majestade", disse o servo, indo a correr para colocar as instruções em prática.

O Rei Claudius preparou-se com cuidado, observando-se a si mesmo num espelho, naquela que seria provavelmente a primeira vez em dias, realmente a *olhar* para si mesmo no que parecia ser a primeira vez em todo o sempre.

O homem que ele via não era o homem que ele tinha esperado ver quando era mais jovem. Não que o seu eu mais jovem jamais concebesse a possibilidade de realmente tornar-se velho. Se ele tivesse pensado nisso, Claudius suspeitava ter-se imaginado como se fosse um gigante de ombros largos, com não mais do que alguns pelos grisalhos a salpicar a sua barba, tão forte como sempre e universalmente amado.

O tempo mostrava a verdade destas coisas como ninguém.

Claudius fez o seu melhor com a roupa que tinha, convocando um barbeiro para lhe cortar a barba ficando novamente aprumado, tentando disfarçar alguns dos anéis escuros ao redor dos olhos. Ele escolheu roupas solenes e elegantes daquelas que lhe tinham sido mostradas, e sorriu ao perceber que estava a usar o

tipo de coisa que Lorde Oeste geralmente preferiria. Talvez aquilo fosse apropriado, naquele dia, tão imediatamente a seguir à morte do seu velho amigo.

Ele preparou outras coisas também, anotando os seus pensamentos, tentando organizá-los. Porém, em última análise, ele sabia o que precisava de dizer e fazer.

"Sua majestade", disse o servo que tinha sido corajoso o suficiente para entrar na sala. "É quase meio-dia."

Claudius olhou lá para fora pelas suas janelas e, garantidamente, o sol estava alto no céu. Tinha chegado o momento. Ao sair da sua varanda, ele só esperava que o seu povo tivesse saído para ouvi-lo falar.

Eles tinham. Claudius sentiu um momento de apreensão ao ver o mar de pessoas que estavam ali. Noutras ocasiões, ver tantos camponeses teria trazido medo verdadeiro com a perspectiva de motim, rebelião ou pior. Ele certamente não se teria sentido ligado ou preocupado relativamente a eles.

Naquele momento, porém, ele pôde ver o quão magros e abatidos alguns deles estavam. Ele conseguia ver crianças que pareciam não comer há dias, e, pela primeira vez, ele não se sentia o impulso de culpar a indolência dos seus pais.

Eles não tinham causado aquilo.

"Meu povo", disse o Rei Claudius e, pela primeira vez, ele sentiu-o. "Os meses que passaram foram difíceis para vocês. Eu sei disso. O conflito contra a rebelião tem-vos custado muito."

Em tempos, ele teria ficado por ali, mas ele pensava em todas as coisas que tinha mandado fazer e na clemência que ele tinha mostrado a Lucius perante as suas ações. Ele viu-os a olhar fixamente para ele em silêncio, à espera de um outro imposto, de mais uma rodada de conscrições, e ele continuou.

"*Nós magoámos-vos. Apoderámo-nos das vossas propriedades para financiar as nossas festas. Levámos os vossos filhos para lutarem nas nossas guerras.*

Matámos-vos como se vocês fossem inimigos a serem destruídos, e não pessoas a serem protegidas. Bem, mas isso vai acabar hoje."

Ele conseguiu sentir a mudança no meio da multidão abaixo. Eles ficaram quietos naquele momento, ouvindo sem sentir medo.

"O tempo do derramamento de sangue já passou", disse ele. "Nós lutámos contra a rebelião, mas o custo de o fazer tem sido as vossas casas e as suas vidas.

Não conseguimos recuperar os mortos, mas eu prometo-vos que os meus soldados irão reconstruir todas as casas queimadas e restituir todas as casas que vos foram roubadas."

Tal provocou um murmúrio na multidão, como se eles não conseguissem acreditar no que estavam a ouvir. Isso, mais do que qualquer coisa, disse a Claudius o quão necessário aquilo era.

"Não haverá mais confiscos arbitrários dos vossos bens ou de vocês," disse o rei. "A partir de agora, as velhas dízimas serão restauradas e não será retirado mais de que isso."

Tal obteve um som de aprovação.

"Quanto ao que resta da rebelião, eu percebi que quando se trata dos nossos inimigos, nós temos uma escolha: podemos destruí-los totalmente, ou podemos torná-los nossos amigos. A segunda opção sempre me pareceu um sinal de fraqueza e uma coisa que convidaria à nossa própria destruição. No entanto, agora eu acredito que é o facto de estarmos a continuar esta guerra inútil que nos está a destruir. A partir de hoje, todos os rebeldes que foram apanhados serão libertados, e nenhuma vingança será procurada para a guerra."

Tal provocou a maior aclamação que Claudius tinha ouvido nos últimos tempos. Ele tinha ouvido aclamações depois de batalhas e aclamações forçadas vindas das bocas de habitantes obedientes. Esta, porém, era mais do que isso. Era a alegria de um povo a perceber que um jugo pesado estava a ser retirado dos seus pescoços. Era a alegria de um povo que tinha acabado de ser informado que ia ser livre.

Para que isso fosse verdade, porém, pelo menos mais uma coisa tinha de mudar.

"Vem comigo", disse ele ao seu guarda-costas. "Ainda há trabalho a fazer hoje."

"Onde, sua majestade?", perguntou o homem.

"Para o salão dos discípulos", respondeu Claudius. "O Velho Cosmas e eu precisamos de conversar."

Ele já não ia há muito tempo pelo castelo até lá abaixo à sua biblioteca.

Enquanto jovem, ele tinha lido os tomos de cada discípulo, dos estrategas aos filósofos. Ele tinha olhado para os mapas das terras para além do mar, imaginando como seria nos desertos do Felldust ou nas pistas dos piratas das Cidades Livres.

Ao ficar mais velho, as responsabilidades tinham-se metido à frente. Ele tinha tido um império para governar. Não lhe sobrava tempo para ler, ou para o tipo de estudos para os quais o Velho Cosmas sempre o tinha querido empurrar.

Demorou algum tempo a chegar até ao salão dos discípulos. Bastante tempo durante o qual Claudius poderia ter reconsiderado o que ia fazer a seguir. No entanto, cada passo que dava só o fazia ter mais a certeza de que era a coisa certa a fazer. Mesmo as aclamações da multidão lá em baixo o diziam, ecoando à medida que eles desciam pelos corredores do castelo.

"Eu construí um legado", disse para si mesmo. "Eu posso construir outro."

"Sua majestade?", disse o guarda-costas.

Claudius abanou a cabeça. "Não importa. Como é que te chamas, soldado?"

"Krin, sua majestade."

"E serviste-me quanto tempo?"

"Praticamente dez anos, sua majestade."

Praticamente dez anos e Claudius não sabia o nome dele. Sim, havia imensas coisas que precisavam de mudar.

Ele alcançou as portas para o salão dos discípulos, entrando e olhando ao redor para as pilhas de livros e pergaminhos. Ele viu Cosmas na parte traseira, trabalhando no que seria, provavelmente, uma cópia de um pergaminho original, ou talvez em algum fragmento da sua obra em curso sobre a comparação de línguas há muito tempo mortas.

"Espera lá fora", disse Claudius a Krin. O guarda-costas assentiu e foi até a porta. Ainda assim, o discípulo da realeza não olhou para cima. "Cosmas?"

Cosmas. "

"Hmm... oh, desculpa-me, sua majestade. Já estavas aqui há muito tempo?"

Ele não teria aceitado as desculpas de qualquer outra pessoa, mas Cosmas fora sempre assim. "Não há muito. Estás a trabalhar em alguma coisa em particular?"

"Encontrei um tratado sobre os pictogramas do povo do vale da Poeira Menor", respondeu Cosmas. "Eu acredito que nós falamos sobre eles uma vez.

Eles têm uns costumes de enterro fascinantes."

Provavelmente eles tinham falado sobre aquilo, em algum momento há muito esquecido no passado. Era o tipo de coisas para o qual Cosmas tinha uma boa memória, enquanto mil e uma coisas tinham acontecido com Claudius desde então.

"Mas não foi por isso que vieste ter comigo, eu imagino", disse Cosmas.

Claudius observava enquanto ele punha de lado a sua caneta. "Como pode um velho discípulo ajudar-te, sua majestade?"

Claudius respirou fundo. "Há muito tempo atrás, eu vim ter contigo e pedi-te que os registos fossem apagados, perdidos e reordenados. Tu fizeste o que eu te ordenei, mas imagino que deve ter sido doloroso para ti fazê-lo, Cosmas."

"Seguir as instruções do meu rei?" respondeu Cosmas. Ele inclinou a cabeça ligeiramente. "Sim, foi..."

testar o meu compromisso com o conhecimento para ajudar a escondê-lo."

"Porém, tu fizeste-lo de qualquer maneira", disse Claudius. Agora era o momento. "E se eu te pedisse para reverteres isso?"

"O que é que estás exatamente a ordenar?", perguntou Cosmas. Claudius percebeu que ele estava cauteloso. Claro que estava. Aquilo era algo sobre o qual ele tinha proibido o velho de falar.

"Eu tenho pensado muito desde que o Lorde Oeste veio ter comigo", disse ele.

"Dizem que ele entrou para o bloco bravamente", respondeu Cosmas.

Claudius abanou a cabeça. "Claro que sim, mas nunca deveria ter chegado àquilo. Eu tenho escondido muito, de mim mesmo, e do mundo. Desejo reconhecer o meu filho."

Ele viu as sobrancelhas de Cosmas a erguerem-se. "O teu filho?"

Claudius conseguia compreender a reticência, mas aquele era um momento para agir, não para esperar. "Não vamos entrar em jogos, Cosmas. Eu quero que escrevas Thanos novamente na linhagem do Império, onde ele pertence. Desejo que se saiba que ele é meu filho. O meu filho primogénito."

Cosmas tamborilou com os dedos sobre a mesa. "Estás ciente, sua majestade, que isso iria fazê-lo... teu herdeiro?"

Um ato que viria com consequências, sem dúvida; já para não mencionar a desaprovação de Athena. No entanto, a verdade é que todas as ações tinham consequências, e as consequências das ações que tinha tomado durante todos aqueles anos tinham distorcido todo o curso do Império desde então. Com Thanos como seu herdeiro, talvez não tivesse havido nenhuma revolta. Talvez tudo tivesse sido diferente.

"Eu sei o que isso vai significar", disse Claudius. "Vai significar que tudo muda. Vai significar que nada mais será igual. Às vezes, porém, as coisas precisam de mudar, e as coisas aqui têm tido necessidade de mudar há já algum tempo. Dá a Thanos o lugar que merece nos registos do Império."

"Claro, sua majestade", entou Cosmas, alcançando o seu estilete, mais uma vez.

"Obrigado", disse Claudius, embora ele sempre tivesse pensado que os reis não agradeciam às pessoas por elas fazerem o que lhes era ordenado. Talvez estivesse na altura de mudar isso também. "Se precisares de mim, vou voltar para os meus aposentos, para lidar com a outra metade disto."

"A outra metade disto, sua majestade?"

Claudius assentiu.

"Eu preciso chamar o meu outro filho e dizer-lhe."

"Dizer-lhe o quê, sua majestade?"

Fez-se um longo silêncio, e, finalmente, Claudius respondeu.

"Que ele já não é meu herdeiro."

CAPÍTULO DEZOITO

Stephania estava sozinha nos seus aposentos, a olhar sobre a cidade e a segurar o pequeno frasco contra a luz, enquanto uma lágrima corria pelo seu rosto.

Ela ponderava sobre o líquido transparente, perguntando-se, debatendo-se.

Ela estava no mesmo local onde ela tinha estado sentada quando Lucious tinha i

do ter com ela para lhe o dar. Toma isto, disse ele, e ela deixaria de estar grávida de Thanos. Toma isto, disse ele, e ela ficaria livre para formar a aliança matrimonial com ele que ele queria.

Pensar naquilo fazia com que Stephania se sentisse indisposta, e não apenas da forma como ela estava a ser assolada desde o início daquela gravidez. Ela sabia em que é que Lucious era melhor do que ninguém. Pensar em casar com ele era abominável, vil. O facto de ele a ter tentado conquistar ao invés de simplesmente a forçar da mesma maneira como normalmente forçava com as mulheres não tornava as coisas muito melhores. Qualquer relação com ele não seria uma coisa de iguais, independentemente do que ele dissesse.

No entanto, Stephania ainda estava a pensar no frasco.

Parte daquilo era que ela conseguia ver por qual caminho o vento soprava.

Lucious tinha conseguido tudo menos ganhar a guerra contra a rebelião. Ele seria o próximo rei e Stephania suspeitava que a sua boa vontade para com ela só iria durar enquanto isso não acontecesse. Talvez a sua única opção fosse ficar ao lado dele, por muito que ela o desprezasse.

Depois, havia o outro lado do seu ódio, o seu amor... Stephania ainda não tinha a certeza onde é que um acabava e começava o outro. Thanos tinha-a abandonado. Quanto é que o iria magoar saber que ela tinha abortado a sua criança? Saber que ela tinha feito isso porque ele se tinha ido embora?

Stephania abriu o frasco, cheirando-o. Ela já o tinha testado para se certificar de que aquilo era o que Lucious dizia ser. Ela não descartava a hipótese de ele a envenenar, fazendo com que parecesse que ela se tinha suicidado de tristeza. No entanto, não havia nenhuma razão para ele fazer isso quando ele poderia simplesmente ter revelado o papel dela na fuga de Thanos, ou deixá-la ir.

Um longo trago e ficaria feito. Stephania levantou o frasco num brinde silencioso. Apenas o facto de alguém ter batido à porta a interrompeu.

"O que é?", quis saber Stephania, arrolhando o frasco e baixando-o.

Uma das aias dela entrou. Esta chamava-se... Elethe, não era? Uma miúda com pele macia e bronzeada, olhos escuros e as bochechas delicadamente desenhadas.

Ela tinha vindo de Felldust e tornou-se útil na corte. Rapidamente encontrou um

lugar no séquito de Stephania. Ela substituiu adequadamente as que tinham morrido nas tentativas para

libertar Thanos. Não que Lucious tivesse executado alguma, mas aquelas que tinham denunciado os segredos dela não eram de se confiar novamente, pois não?

"Minha senhora", disse a miúda. "Há relatos a chegar que pensámos que iria querer ouvir."

Stephania afastou para longe pensamentos de vingança. "O que é que ouviste?"

"Há várias coisas, minha senhora", disse Elethe. Ela fechou os olhos, e Stephania imaginou que ela estivesse a pôr as coisas em ordem. Ela gostava que as suas miúdas guardassem as informações nas suas cabeças de forma a não haver vestígios. "Primeiro, deverias saber que chegaram mensagens a sugerir que o príncipe Thanos está de volta a Delos."

A respiração de Stephania susteve-se ao ouvir aquilo, e ela odiava a forma como uma parte dela respondia com felicidade, mesmo depois de tudo o que ele tinha feito. "Tens a certeza?"

"Algumas das mensagens vieram de Haylon, para onde ele tinha viajado.

Houve também um pássaro de pescadores nas águas para lá da cidade."

Portanto, Thanos estava a voltar. Stephania tentou perceber o que aquilo significava, tanto para ela como para Delos. Ela poderia pensar na razão óbvia pela qual ele teria voltado, é claro.

"Ceres", disse ela. "Ele voltou por causa de Ceres."

Só de pensar naquilo a sua raiva cresceu, fresca e quente. Apenas o pensamento de que Lucious já tinha provavelmente mandado matar Ceres a deteve. Quando Elethe aclarou a garganta, Stephania apanhou-a com um olhar tão duro que a mulher deu um passo para trás.

"O quê?", perguntou ela.

"Há mais, minha senhora. Obviamente não temos os contatos com os guardas que tínhamos..."

Porque Stephania já tinha gasto a maior parte dos seus favores entre os guardas fazendo sair Thanos, e porque os guardas estavam mais cautelosos agora.

"Mas ao que parece", continuou Elethe, "Ceres escapou. O boato é que existem agora quatro estátuas onde os guardas tentaram matá-la."

"Sangue dos Anciãos", disse Stephania, a fazer uma maldição daquilo, apesar de, na verdade, não ser mais do que uma observação. Ela deveria ter sabido que Ceres não seria tão facilmente retida. O simples facto da sua captura parecia como uma prova de que aquelas coisas podiam ser paradas.

Ela devia ter sabido. Ceres tinha escapado uma vez. É claro que ela iria fugir novamente. Ela devia ter-se certificado.

Olhando para Elethe, porém, ela percebeu que aquilo não era tudo o que a miúda tinha para dizer.

"Há mais?", perguntou ela.

A sua aia assentiu. "O rei ... o rei fez um anúncio. Em público, ele disse que pretende anular muitas das duras medidas postas em prática para combater a rebelião. Ele não mencionou as novas Matanças do príncipe Lucious no Stade, mas ele falou sobre muitos outros assuntos."

"E em privado?", perguntou Stephania.

"Um dos outros estava a escutar perto do Salão dos Discípulos. Ela ouviu o rei ordenar a Cosmas para colocar Thanos de volta nos registos... como o seu filho primogénito. Ele tem a intenção de fazê-lo seu herdeiro, e ele mandou chamar Lucious."

De certo modo, aquele facto foi o que empurrou Stephania para os limites da sua raiva. Ela agarrou no frasco que Lucious lhe tinha dado, com a intenção de o engolir, mas depois parou. Ela foi até à varanda do seu quarto e, em seguida, atirou-o, de modo que brilhou por um momento à luz do sol antes de arquear para as pedras abaixo. Se os servos olhassem para cima surpreendidos, pelo menos tinham o bom senso de não dizerem nada.

"Minha senhora?", disse Elethe. "Estás bem?"

"Bem?", Stephania virou-se para ela. Ela deu um murro na sua serva, sentindo os seus dedos em toda a face da miúda. "Acabaste de me dizer que no momento em que parecia que as coisas poderiam estar finalmente resolvidas, tudo mudou, e perguntas-me se estou *bem*?"

"Eu... perdoa-me, minha senhora." Elethe estava de joelhos. Ótimo. Era bom saber que pelo menos alguém ali ia-se lembrar que Stephania ainda tinha algum poder.

Stephania tocou no local que ela tinha atingido, tão gentilmente quanto conseguia. "Não, perdoa-me. Eu sei que tu és leal para comigo, não és?"

"Completamente. Vou fazer tudo o que precisares, minha senhora."

Um dia, Stephania provavelmente iria testar isso. Por enquanto, porém, ela tinha pedidos mais simples. Ela tinha passado muito tempo agindo com base nas suas emoções, como se ela fosse algum tipo de animal, ou pior, como se fosse Lucious. Como é que ele estaria a receber a notícia de que não era o herdeiro?

Será que ele já saberia? Seguir as suas emoções tinha sido o erro que ela tinha cometido a tentar ajudar Thanos. Se, pelo menos, ela tivesse sido cruel quando teve oportunidade, nada daquilo teria acontecido.

Bem, agora tinha chegado o momento de reparar aquilo.

"Traz-me material para escrever", disse Stephania.

A miúda obedeceu e Stephania começou a trabalhar, colocando o material à sua frente, mergulhando uma pena na tinta e tentando pensar nas palavras que teriam o maior efeito. Eram armas tão subtis se bem utilizadas. Elas não poderiam cortar através da carne ou parar corações, mas poderiam convencer as pessoas a fazerem ambas as coisas, e elas poderiam certamente destroçar um coração.

Era apenas uma questão de pensar no que escrever. Stephania sorriu para si mesma ao pensar que a abordagem mais eficaz para aquilo seria provavelmente a mais simples. Na maioria das vezes, ela fazia o

seu trabalho utilizando o sigilo e as mentiras, mas às vezes as pessoas subestimavam o quão devastadora a verdade poderia ser enquanto arma, se bem traçada.

Então Stephania traçou-a, passo a passo. O facto de Thanos estar a regressar.

A conjectura de que o rei tencionava dar-lhe o trono. Dali era apenas um pequeno passo para se soasse menos como uma reconciliação e mais como uma tentativa de destruir a ordem natural das coisas. Ela não incluiu quaisquer sugestões sobre o que fazer sobre aquilo, é claro. Isso teria sido um passo longe demais, e Stephania tinha aprendido da maneira mais difícil que o seu destinatário pretendido não aceitava bem que lhe dissessem o que fazer.

Além disso, ela não precisava de o fazer. Ela podia adivinhar as reações de Lucious, tão facilmente quanto ela podia adivinhar o que aconteceria se ela atirasse um falcão para um pombal. Ela já estava farta de estar ali presa, reagindo a acontecimentos, apanhada ao início pelo fracasso de Thanos em lhe contar tudo e depois pelas maquinações de Lucious.

Estava na hora de começar a tomar o controlo das coisas novamente.

"Leva esta carta e faz com que um dos outros a entregue a Lucious", disse Stephania. "Não o faças tu, porque ele vai ficar com raiva quando a ler, e eu vou ter coisas melhores para tu fazeres do que seres agredida por ele. Manda uma das miúdas que falou muito antes. Deixá-os pensar que eles estão a recuperar a minha confiança."

Ele provavelmente iria torturar quem quer que ela enviasse, só para provar que podia. Ou talvez ele pudesse pensar que a miúda era um canal para os seus pensamentos. Sim, isso tinha possibilidades, e Stephania estava a aproveitar o facto de estar a ver essas possibilidades novamente. Ela estava a voltar a si mesma, com a fraqueza que tinha vindo do seu amor por Thanos já esquecida.

Se ela pusesse Thanos e Lucious um contra o outro, com o rei no meio, ela era a única que garantidamente sairia vencedora. Ela estava a carregar o filho do herdeiro do trono, mas ela era também quem estava a alertar Lucious. Mas ela queria ter a certeza.

"Ainda temos vigias suficientes para nos dizerem quando Thanos se aproximar das docas?", perguntou Stephania.

"Sim, minha senhora."

"Então vais tu ter com ele. Vem cá, deixa-me ver-te."

Elethe estava diante dela, e Stephania pensava no aspeto que era necessário.

O murro que ela lhe tinha dado antes estava a transformar-se lindamente numa contusão. Ela estendeu a mão, pensativa e rasgou o vestido da miúda com um empurrão. Sim, assim estava melhor. Ela poderia ter feito mais, mas era melhor ser subtil com aquelas coisas.

"Perfeito", disse Stephania. "A contusão vai fazer este trabalho muito bem."

Era melhor deixar a miúda pensar que era tudo parte de um plano do que pensar que Stephania a tinha simplesmente atacado. Seria melhor para garantir a sua lealdade.

"Há coisas que eu exijo que digas a Thanos", disse Stephania. "Coisas que eu quero que tenhas certeza de que te lembrás". Ela inclinou-se para a frente e sussurrou, mesmo podendo ter falado. Tal reforçava o quanto ela estava a confiar nela. Stephania sorria para a facilidade com que tudo aquilo estava a voltar a si.

Ela não ia ficar ali, impotente. Ela *não* seria derrotada assim.

"Entendes?", perguntou Stephania quando terminou.

"Eu vou lembrar-me de cada palavra", disse Elethe.

"Deves fazer mais do que isso. Deves convencê-lo. Consegues fazer isso, não consegues? Eu odiaria pensar que tinha colocado a minha confiança na pessoa errada."

"Vou fazer com que te sintas orgulhosa, minha senhora."

"Tenho a certeza que sim", disse Stephania.

Agora, havia apenas a questão de Ceres. Havia uma parte dela que queria ser simples e prática sobre o assunto. Assumir que o Império iria lidar com ela a seu tempo. No entanto, era difícil acreditar nisso, quando ela já tinha escapado duas vezes. E isso eram factos. Depois de tudo com que Stephania a tinha insultado, não havia dúvida de que Ceres iria procurar vingança. Era o que Stephania teria feito, afinal.

"Enquanto não estiveres comigo", disse Stephania, "vou precisar de outra das miúdas para me acompanhar enquanto faço uma viagem à cidade."

"Será totalmente seguro, minha senhora?", perguntou Elethe.

Se Stephania não tivesse percebido que ela estava preocupada, ela poderia ter atingido a miúda de novo, só para lembrá-la a não questionar as suas instruções.

Assim, ela foi buscar o seu manto, deixando Elethe colocá-lo em torno dos seus ombros, enquanto ela enfiava uma faca suplente numa bainha ao fundo das suas costas.

"Se o que tu disseste é verdade, então as ruas vão estar seguras, pelo menos, nos próximos dois dias enquanto as pessoas tentam descobrir o que significa para

elas a proclamação do rei. Ninguém vai propriamente confiar nisso ainda, e eles não vão querer arriscar nada."

Parecia tão óbvio para Stephania quando ela punha as coisas assim, mas a sua aia ainda olhava para ela com surpresa, como se só agora tivesse percebido a verdade do seu raciocínio. Stephania ficava sempre surpreendida por os outros não perceberem aquelas coisas da forma como ela percebia.

"Não te preocupes", disse Stephania, "vou levar uma miúda que é boa com facas."

"Tu é que sabes, minha senhora", disse Elethe. "Mesmo assim, se algo acontecer, onde te devo procurar?"

Onde deve *ela* procurar? Stephania sorriu com aquela dica de proteção. Ela tinha sido sempre tão boa a

inspirar lealdade. Ou ela tinha pensado que era. Ela não tinha sido capaz de inspirá-la em Thanos, graças a Ceres.

Ela iria lidar com ela brevemente, porém.

"Há uma certa bruxa no bairro Emaranhado", disse Stephania. "Eles dizem que ela sabe muitas coisas, e eu pretendo descobrir exatamente o quanto."

"O que poderia uma bruxa ensinar *-te*, minha senhora?", perguntou Elethe.

"Oh, todo o tipo de coisas", disse Stephania com um sorriso.

Coisas tais como matar um Ancião em segurança, sem o risco de ser transformado em pedra.

CAPÍTULO DEZANOVE

Ceres, ainda encharcada do seu salto, praticamente não sentia a água a pingar de si à enquanto andava pela cidade em transe. As pessoas olhavam na direção dela quando ela passava, mas desde que nenhum deles fosse um guarda, ela não se importava. Ela nem sequer se preocupava com o impulso de energia dentro de si, ali novamente após ter desaparecido por tanto tempo.

Ela estava muito ocupada a olhar para os danos na cidade, para a carnificina que permaneceu após o ataque contra o portão.

Ela deveria ter ficado feliz por estar livre, mas como é que ela poderia estar feliz quando havia tantos outros que tinham perdido tudo? A sua liberdade, as suas vidas, tudo lhes tinha sido retirado por causa dela.

Ceres caminhava em direção ao portão onde eles tinham entrado. Ela mantinha-se afastada das principais ruas, mas para além disso, ela não se tentava esconder. Naquele momento, ela praticamente teria dado as boas-vindas à oportunidade de lutar com os guardas que certamente já deviam andar atrás dela.

No entanto, isso desvaneceu-se quando ela começou a ver o estrago na cidade.

Começava com janelas partidas e estuque rachado. Uma flecha alojada na chaminé de uma casa, obviamente enfiada ali enquanto um dos seus cavaleiros tentava devolver os disparos. Tal parecia estranhamente solitário para Ceres, com menos evidências de uma batalha do que a lenda de um homem que se tinha provavelmente encontrado a si próprio morto momentos depois. Era mais fácil chorar por um homem de certo modo do que pelo pensamento de um exército deles.

Ceres via, cada vez mais, evidências de violência à medida que se aproximava. Havia uma mancha de sangue numa das paredes próximas, a secar e a escurecer contra a taipa. Uma ponta de tristeza atravessou Ceres naquele momento, misturada com culpa e raiva ao pensar que ela os tinha levado àquilo.

Ela tinha-os levado para a cidade, tão certa de que tal era o seu destino. Ela fazia parte das suas mortes, tanto quanto Lucious.

Ela viu uniformes do Império lá à frente e percebeu que *não* queria lutar naquele momento. Tinha havido suficientes mortes. Em vez disso, Ceres apressou-se por um conjunto de escadas que conduziam a um

telhado plano, mantendo-se baixa enquanto avançava. Ela tinha de ver aquilo e ela tinha de ver tudo isso.

Lá em baixo, ela conseguia ver os soldados, provavelmente recrutas, a arrastarem corpos para longe. Mesmo depois do tempo que Ceres tinha passado trancada, havia ainda muitos para contar. Havia alguns uniformes do Império

misturados, e mais alguns corpos que Ceres reconheceu como sendo membros da rebelião, mas maioritariamente, eles usavam as cores das forças de Lorde Oeste.

No exato momento em que Ceres observava, um grupo deles baixou-se sobre o corpo seguinte, arrancando tudo o que era de valor antes de o atirar para uma carroça. Eles fizeram-no com tanta naturalidade que Ceres não conseguiu fazer mais nada a não ser ficar ali, tentando controlar a sua raiva com tal falta de respeito.

Ela continuou a andar, saltando para o telhado seguinte. Um vislumbre de armamento imperial ali sugeria que, pelo menos, um dos arqueiros que havia disparado para baixo para os homens de Lorde Oeste havia sido atingido, mas isso não era nenhum tipo de conforto.

Abaixo, ela via mais soldados a desmontar as barricadas que tinham construído, pessoas comuns a juntarem-se a eles para levarem portas e mesas, barris e bancos enquanto apanhavam as juntas que os seguravam. Mais parecia estarem a remendar as suas casas, a repararem os danos causados enquanto soldados desesperados lutavam para fugir. Ceres viu um homem a contemplar uma casa largamente carbonizada, obviamente, tentando perceber o sentido daquilo.

Havia tanta destruição ali, mas aqueles que tinham morrido ali fora nas ruas tinham provavelmente tido melhor sorte do que aqueles em que Lucious tinha metido as suas mãos. Ceres teve de se encostar à borda do telhado ao recordar-se do olhar no rosto de Anka, no momento em que a vida dela se lhe escapava. Ela pensou em Lorde Oeste, que apenas tinha ali estado, porque acreditava no poder que o sangue dela lhe dava.

Poder esse que não tinha chegado quando Ceres tinha precisado.

"Para que sirvo eu se não consigo salvar ninguém?", perguntou Ceres.

Ela precisava de saber naquele momento se alguém tinha sobrevivido.

Olhando para baixo, parecia quase impossível que tivessem. Ela tinha de verificar, porém, e isso significava encontrar o caminho para os túneis e esconderijos da rebelião.

Ela foi pela sombra, à procura das entradas de que se lembrava. Muitas tinham soldados por perto, não para as guardar, mas porque estavam a trabalhar ali. Alguns estavam a preencher buracos, construindo entradas com tijolos. Ceres viu outros a carregarem caixas e malas cheias de coisas, obviamente tudo o que tivesse sido deixado para trás pela rebelião.

Ela teve de rastejar à volta durante, pelo menos, mais meia hora, antes de encontrar uma entrada que parecia não ter vigilância. Era pouco mais do que uma fenda com uma inclinação acentuada atrás, que ia dar ao que estava por baixo.

Ceres desceu com cuidado, dando por si nos túneis de que a rebelião se tinha apropriado.

Ali estava silêncio de uma forma que não tinha estado antes. A última vez que ela tinha ali estado, havia tantas pessoas que havia sempre algum barulho de fundo, independentemente do que estivesse a acontecer.

Ela foi pela quase escuridão dos túneis, à procura de algum sinal de habitação. Contudo, parecia-se mais com uma cidade fantasma do que com um lugar com vida. Anka havia levado tantos do seu povo consigo para lutar, e agora... o que restava? Pertences deixados no chão para proprietários que nunca os devolveriam? Comida deixada por acabar, em alguns casos, já a apodrecer.

Ceres ouviu vozes no escuro e avançou na sua direção. Ela viu luzes de velas e aproximou-se daquele brilho cautelosamente, vendo uma mulher mais velha com um casal de filhos ali numa sala que aparentava já ter sido esvaziada.

Ceres viu-a olhar para cima quando ela se aproximou. A mulher mais velha empurrou as crianças para trás de si, puxando uma faca.

"Não tens de te preocupar comigo", disse Ceres, levantando as mãos. "Eu não estou aqui para te magoar."

"Se tu és quem eu julgo que és", disse a mulher, "és tu a razão deste lugar estar vazio."

"Isso não fui eu", respondeu Ceres, embora ela soubesse que *era* culpa dela.

"Fomos traídos."

"Ouvi dizer", admitiu a mulher. "Eu e as crianças viemos para aqui porque não havia mais nenhum lugar para onde ir depois de toda a luta. Quando eles não voltaram, eu tive de tentar encontrar uma maneira de sobreviver, e eu percebi que estava vazio. Os soldados voltaram. Nós ficámos à frente deles."

"Há mais alguém aqui?", perguntou Ceres.

A outra mulher encolheu os ombros. "Uns quantos. Eles têm estado a contar-me coisas. Aparentemente, o rei anunciou que acabou tudo."

Ceres não sabia o que sentir sobre isso. Por um lado, a paz era boa, mas não podia ser a qualquer preço. O rei não podia simplesmente decidir que a rebelião tinha acabado.

"Será que ele pensa que finalmente eles mataram o suficiente?", perguntou ela.

Tal fez com que ela encolhesse novamente os ombros. "Talvez. As pessoas começaram a voltar para os túneis. O rei ordenou para que os deixassem ir."

Um lampejo de esperança brilhou então. Aquilo ainda não havia terminado.

"Os homens de Lorde Oeste?", perguntou Ceres. "Os lordes de combate?"

"Eles dizem que os nobres que eles libertaram dirigiram-se para fora da cidade", disse a mulher. "Que eles querem encontrar-se com qualquer um dos seus amigos que ainda restam lá fora e ir para casa. Os lordes de combate..."

Houve algo na maneira como ela o disse que fez com que o medo crescesse no peito de Ceres.

"O que aconteceu?", perguntou ela.

"Lucious anunciou que iam ter grandes jogos no Stade", disse a mulher. "O rei parou o resto, mas isso... eu acho que ainda está a acontecer. As pessoas dizem que eles são apenas escravos de qualquer maneira, e é para isso que eles estão lá."

"Então porquê não matá-los a todos em nome de um grande sacrifício para a paz?" Ceres conjeturou. Ninguém iria querer tentar que parasse, por causa dos riscos de reiniciar o conflito. Eles ficariam em espera. Provavelmente, eles até iriam assistir.

A menos que ela fizesse alguma coisa.

"Disseste que os homens de Lorde Oeste estão fora da cidade?", perguntou Ceres. "Conheces o caminho de saída para o exterior pelos túneis?"

Quando Ceres tinha chegado pela primeira vez à cidade com Lorde Oeste, o acampamento do seu exército era uma maravilha de se ver, estendendo-se quase até ao horizonte, preenchido com armaduras brilhantes e bandeiras agitadas.

Agora, pareciam ossos em vias de serem apanhados, e o contraste era de partir o coração. Ceres viu homens ali: cavaleiros e seus assistentes, guerreiros agredidos em armaduras amachucadas. Muitos estavam feridos, e, mesmo aqueles que não estavam olhavam com um olhar assombrado enquanto apanhavam o que conseguiam do seu acampamento, preparando-se para ir.

Ceres sentia ali hostilidade desde que havia entrado no acampamento. Estava ali em cada passo, nos olhares que a seguiam, substituindo rapidamente quaisquer olhares de surpresa.

Um grupo de soldados avançou, dirigido por um homem com uma barba avermelhada, cuja armadura ainda parecia intocada. Ceres não o reconhecia da batalha. Tinha havido ali tantos homens no início que teria sido impossível lembrar-se de todos eles.

"O que estás a fazer aqui?", quis ele saber. A sua mão repousava sobre o punho da espada.

"O que estás *tu* a fazer?", contrapôs Ceres. "Melhor ainda, *quem* és tu?"

"Eu sou Nyel de Langolin, terceiro primo de Lorde Oeste, protetor das terras ao redor da aldeia do Alto Flewt, e segundo cavaleiro nas provas dos campos do norte oriental. Eu sei quem tu és. Foste tu que levaste o meu primo à ruína."

Aquilo atingiu Ceres, mas ela manteve o seu temperamento, principalmente porque aquele homem tinha todos os motivos para culpá-la. Ela culpava-se, mas não havia tempo para pensar assim.

"Estás a fazer a trouxa?", quis saber Ceres, olhando em volta para o acampamento. Para onde quer que ela olhasse, os homens pareciam estar a recuperar o que podiam das tendas e a colocar em ordem o que sobrava do seu armamento. A maioria estava a acondicioná-lo de uma forma que deixava claro que eles

não se estavam a preparar para outra luta.

"Que mais deveriam estar eles a fazer?", disse Nyel. "Você conduziste-os a um ataque suicida contra a cidade, e eles perderam. O rei declarou que a luta acabou, e é só por causa da sua benevolência que a maioria deles estão vivos. Se eu tivesse lá estado quando tu foste para a proteção de Lorde Oeste, eu tê-lo-ia aconselhado contra esta loucura."

"E onde estavas?", perguntou Ceres. "Onde estavas quando o resto de nós estavam a marchar para aqui? Onde estavas enquanto nós estávamos a arriscar as nossas vidas? A tua armadura parece impecavelmente *limpa* para ter estado sequer em algum lugar perto de uma luta."

Ela viu-o a ficar quase tão vermelho quanto a sua barba com o que ela havia dito.

"Como te atreves, miúda! Nós recebemos a mensagem do meu primo tarde, e, depois, ficámos presos na estrada. Se nós tivéssemos adivinhado os apuros em que tu porias as nossas forças, nós teríamos encontrado uma maneira de te salvar de nós próprios!"

Em outras palavras, ele retraiu-se, querendo uma desculpa para não fazer parte de tudo aquilo. Ceres ignorou-o então, voltando-se para os outros e levantando a voz para que os homens que estavam a fazer a trouxa para se irem embora das suas tendas a ouvissem.

"Ouçam-me, todos vocês! Este não é o momento para sair. Ainda não terminámos aqui."

"Terminámos", disse Nyel. "Claro que terminaste. O rei declarou o fim do conflito."

"O Rei Claudius não decide quando nós paramos de lutar", respondeu Ceres.

"Especialmente quando o seu filho está prestes a abater os lordes de combate. O

rei pode não saber sobre isso, mas eles estarão certamente mortos quando Lucious terminar."

"Os escravos e os animais", disse Nyel. "Esperas que esses homens vão arriscar as suas vidas por eles?"

"Espero que todos vocês honrem o juramento que me fizeram, a mim e a Lorde Oeste!", respondeu Ceres. Naquele momento, uma multidão de homens começou a reunir-se em torno dela. Ela falou para eles, não para o primo convenientemente atrasado de Lorde Oeste Ocidente.

"Nós ainda temos uma hipótese de ganhar isto", disse Ceres. "Fomos espancados no portão por traição, mas as barricadas que eles usaram estão a cair.

O Exército não está preparado agora. Os males do Império não desaparecem simplesmente porque o rei declarou vitória. Com os lordes de combate e o que resta da rebelião, ainda conseguimos fazê-lo. No mínimo, poderíamos conseguir que os lordes de combate ficassem em segurança."

"Então o que queres que façamos?", contrapôs Nyel. "Avançar com corcéis reluzentes para atacar a cidade? Olha para os homens ao teu redor. *Olha* para eles. Eles já tentaram isso uma vez. Eles colocaram a sua confiança em ti uma vez. Vê o que lhes custou."

Ceres sabia exatamente o que tinha custado a todos os que a tinham seguido.

Ela sabia o que a rebelião lhe tinha custado a *ela*. Ela ainda não tinha ideia se o seu irmão ou o seu pai estavam a salvo, enquanto pensamentos sobre Rexus, Anka, Garrant e todos os outros que tinham morrido assombravam os seus sonhos.

"Vocês juraram", disse Ceres, mas ela sabia que aquilo não iria resultar. Ela não podia forçar aqueles homens a lutarem por ela.

"Lorde Oeste confiou nos juramentos", disse um dos homens ao seu redor. "Vê o que aconteceu."

"E nós juramos-te a ti enquanto um dos Anciãos", gritou outro. "Mas quando chegou a hora, os teus poderes não fizeram nada."

Ceres conseguia ver ali a dor nos rostos dos homens que tinham lutado. Ela tentou apelar-lhes uma última vez.

"Por favor", gritou ela para os soldados ao seu redor. "Homens bons vão morrer lá no Stade, quando poderiam estar a ajudar-nos a acabar com o Império."

Eu sei o que aconteceu da última vez. Eu estava lá, no meio daquilo, mas isso não é motivo para parar. Este é um momento para agir!"

Ela esperava pelo menos ter alguma resposta. Se não fosse uma aclamação empolgante, então pelo menos que fossem alguns homens dispostos a avançar ou anunciar que estavam com ela. Em vez disso, Ceres recebeu um silêncio.

"Parece que esta é a tua resposta", disse Nyel.

Parecia que sim, mas Ceres não podia deixar que os homens no Stade morressem.

Os lordes de combate iam morrer, e ela não podia deixar que isso acontecesse.

Ela virou-se e partiu, voltando para a cidade, sozinha e preparado para enfrentar a sua morte.

CAPÍTULO VINTE

Thanos estava extremamente nervoso enquanto Felene os levava até ao porto de Delos. Ele conseguia ver que ela, que estava ao leme, também estava tensa. O

barco deles deslizava por entre os navios mercantes e as galeras, os barcos de pesca e os esquifes menores.

"Há muito tempo que não entrava em Delos isso tão honestamente", disse Felene. "Eu continuo à espera de encontrar uma fila de guardas à nossa espera nas docas."

Thanos sabia exatamente como ela se sentia. Ele estava a voltar a uma cidade de onde ele tinha escapado com dificuldade, e onde, tanto quanto ele sabia, os guardas poderiam ter sido instruídos a matá-lo à vista. Porém, ele sabia que tinha de mostrar confiança. Aquela afinal tinha sido uma ideia sua.

"Mantém a cabeça baixa", disse Thanos. "Vai tudo correr bem."

"Precisas de aprender a mentir melhor", disse-lhe Felene. "És péssimo nisso."

"Eu mantive em segredo o facto de estar a ajudar a rebelião", disse Thanos.

"Eu menti a generais e cortesãos. Eu menti à minha própria família."

"Tudo por esta miúda Ceres", disse Felene. "Ela deve ser algo especial."

Thanos reprimiu um reflexo de aborrecimento, porque era verdade. Ceres era especial. Mas ele tinha-se envolvido com a rebelião por muito mais do que apenas por ela.

"Eu fi-lo porque era a coisa certa a fazer", disse Thanos. Da mesma forma que voltar por Stephania estava certo, independentemente do que ela tinha feito.

Independentemente do que tivesse acontecido desde então.

"É uma coisa rara por estes dias encontrar um nobre que pensa assim", disse Felene. "Eu sou feliz por ser uma ladra e uma assassina. Isso torna as coisas muito mais simples."

Thanos duvidava que fosse assim tão simples para ela. Afinal de contas, sido ela a convencê-lo a entrar naquilo.

Ele viu-a a acenar com a cabeça em direção às docas. "Parece que há pelo menos uma pessoa à espera. Eu mudei de direção duas vezes, e eles mudaram-se para estarem na parte da doca para onde eu estou a ir."

Thanos olhou e viu uma figura vestida com um manto lá perto da beira do cais. Parecia-lhe uma figura feminina, e, por um momento, a esperança cresceu dentro de si. Talvez fosse Stephania, lá à esperar para fugir. Talvez eles fossem capazes de fazer aquilo e fugirem antes que alguém notasse. Talvez ele não tivesse de oferecer a sua própria vida.

Porém, à medida que se aproximavam, ele conseguiu ver que não era Stephania. Ele conhecia a sua figura, o porte dela, a forma como ela fazia as coisas. Stephania nunca teria ficado com um ar tão assustado à espera de ninguém.

Mesmo com a sua vida em perigo, ela estaria ali como se fosse a dona do mundo à sua volta. Aquela era outra pessoa.

"Devo-me preparar para lutar?", perguntou Felene. Thanos viu-a a olhar para os edifícios que cercavam as docas, obviamente, à procura de potenciais atacantes.

Thanos fez-lhe sinal. Não havia mais ninguém ali. Não, aquilo era outra coisa.

"Vou amarrar o barco", disse Thanos, agarrando o cabo quando eles se aproximaram. "Está preparado para se alguma acontecer coisa."

Ele sentiu o barco a embater contra a madeira da doca, saltou e amarrou o barco no lugar. Havia um risco naquele momento, porque se a figura encapuzada fosse um assassino, Thanos estava de costas para ela. Ele tinha de confiar que Felene iria intervir se isso acontecesse.

No entanto, isso não aconteceu. A figura encapuzada ainda estava lá parado quando Thanos se voltou para ela. Ela deu um passo para a frente, puxando para trás o capuz da sua capa. Ela era uma mulher jovem que Thanos não sabia, com uma pele suavemente bronzeada, cabelo escuro cortado curto e olhos escuros.

Thanos conseguiu ver uma contusão que florescia num arco-íris de cores numa das suas bochechas. Viu também o seu vestido, de aparência cara, rasgado, como se ela tivesse escapado das garras de alguém.

"Príncipe Thanos", disse ela, e Thanos conseguiu ouvir a sua respiração suspensa com o que parecia ser um alívio. "Graças aos deuses. Eu não tinha a certeza se eras realmente tu que estavas a chegar, ou se isso era apenas uma das armadilhas do príncipe Lucious."

"Lucious?", disse Thanos franzindo a testa. "O que é que se passa? O que é que estás a fazer aqui? Quem és tu?"

"E estamos prestes a ter uma centena de guardas a atacarem-nos?", perguntou Felene, atrás dele, num tom muito mais duro. Thanos viu a miúda a encolher-se.

"O meu nome... o meu nome é Elethe. Eu sou uma das aias de Lady Stephania."

Thanos viu Felene a saltar por cima do barco, pulando rapidamente para atrás da miúda e envolvendo-lhe um braço em torno da garganta. A sua mão mergulhou na capa, saindo com uma adaga.

"Enviada para matar Thanos e todos que estivessem com ele? Dá-me uma razão para eu não colocar esta lâmina nas tuas costelas."

"Eu não estou aqui para isso!", insistiu Elethe, contorcendo-se ao aperto de Felene.

Thanos levantou a mão. "Já chega, Felene. Os assassinos normalmente não aparecem com aspeto de quem acabou de escapar de algo."

"Se acreditas nisso, não passaste tempo suficiente na Ilha dos Prisioneiros", ripostou Felene, mas ela largou Elethe.

"Ainda não disseste o que estavas a fazer aqui", disse Thanos. Felene poderia pensar que ele estava a confiar demais, mas ele não era cego quando se tratava de Stephania ou das tramoias que dominavam Delos.

"Eu... eu consegui fugir", disse a miúda. "Quando eles vieram atrás de Lady Stephania, eles tentaram levar-me também. Tenho estado escondida desde então, a ouvir todos os rumores que consegui, tentando encontrar uma maneira de ajudar."

Alguns dos velhos informadores de Lady Stephania... disseram-me que tu estavas a vir. Eles ouviram-no de pessoas... em Haylon."

Naquele momento, Thanos viu lágrimas a saírem dos olhos dela. Ela seguramente soava como se temesse pela sua vida, embora, dada a ameaça que Felene tinha feito, fosse difícil ter a certeza.

"Tudo bem", disse Thanos. "Acalma-te. Relaxa. Estás segura agora. Ninguém te vai magoar."

Levaram-na para o barco, sentando-a lá, para que pudessem conversar sem serem apanhado na rua caso se fosse dar o caso de eles a terem seguido. Thanos podia vê-la a olhar em redor ansiosamente, como se esperasse que as coisas corressem mal a qualquer momento.

"Precisas de nos contar tudo", insistiu Thanos. "O que aconteceu com Stephania? Porque é que os guardas foram atrás dela? A última vez que a vi, Lucious disse que não iria deixar que isso acontecesse."

"E tu acreditaste nele?", perguntou Felene.

Ela estava certa, claro. Thanos amaldiçoou-se por ter sido um tolo, por ter confiado em Lucious. Por dizer a si mesmo que ele não se importava com o que acontecesse a Stephania, quando o simples facto de ele estar ali dizia-lhe que ele se preocupava. Parte disso tinha a ver com a honra, mas tinha de ser mais do que isso, não tinha?

"Príncipe Lucious foi ter com Lady Stephania com um frasco que destruiria a criança dentro de si", continuou Elethe. "Ele disse que ela iria continuar a estar em segurança somente se o bebesse e se te pusesse de lado."

"Stephania não faria isso", disse Thanos, mas mesmo ao dizê-lo, ele percebeu que não tinha qualquer ideia do que Stephania faria e não faria. Afinal, ele não tinha pensado que ela iria mandar um assassino atrás dele.

"Ela ficou zangada depois de te teres ido embora", disse Elethe, e isso era verdade. "Ela estava em sofrimento por causa de ti de uma forma que eu nunca vi

antes. Eu acho... eu acho que tu eras a única coisa com que ela realmente se importava, e tu foste-te embora."

Uma onda de culpa atingiu Thanos ao ouvir aquilo, porque ele sabia que era verdade. Independentemente de qualquer outra coisa que ela fosse, Stephania tinha-o amado e ele tinha-a abandonado. Ele havia navegado para longe, deixando-a com Lucious. Ele tinha feito aquilo, tanto quanto ela.

"Estás a dizer...", começou ele, mas ele nem sequer conseguia perguntar.

Porém, Elethe pareceu entender o que ele queria saber, porque Thanos viu-a acenar com a cabeça. Isso trouxe uma nova explosão de dor, mesmo antes de ela dizer as palavras seguintes.

"Lady Stephania... ela tomou a poção. Ela formalmente afastou-te. Ela não tinha escolha."

Thanos cambaleou de uma maneira que parecia como se o barco onde ele estava tivesse ficado, de repente, envolvido numa tempestade. Ele sentiu a mão de Felene no seu braço e sacudiu-a. Aquilo não era o tipo de coisa em que alguém o pudesse ajudar. Pareceu-lhe, naquele exato momento, como se o mundo inteiro tivesse desaparecido debaixo de si.

De certa forma, tinha. Ainda há pouco tempo atrás, ele havia sido um homem casado, com tudo à sua frente e um filho a caminho. Agora ambas as coisas tinham-lhe sido arrancadas de forma tão abrupta que parecia impossível. Era demais. Era demasiado cedo.

E isso era o mais difícil. Thanos mal tinha tido tempo para se acostumar à ideia de estar casado quando

tudo acabou. A ideia de ser pai tinha sido como um sonho a realizar-se e, logo de seguida, o mesmo tinha-lhe sido arrancado quase tão rapidamente. Ele nunca chegou a ter tempo para pensar em como seria ser pai.

Ele pensava agora. E mesmo sonhar acerca disso doía-lhe com a promessa do que poderia ter sido. Ele poderia ter tido um filho e poderia tê-lo criado para ser o tipo de nobre o mundo precisava, mostrando-lhe como usar uma espada, mas também ensinando-lhe o que era certo, generoso e bom. Thanos poderia imaginar-se com o rapaz, ensinando-o a montar e a lutar, mas também a pensar e a defender os mais fracos do que ele. Ele poderia ter tido uma filha, e... bem, porque não ensinar-lhe todas as coisas que ele teria ensinado a um filho? Ceres havia-lhe mostrado que uma mulher conseguia usar uma espada tão bem quanto um homem.

Ele poderia imaginar como a filha deles teria sido. Tão bonita e tão inteligente quanto Stephania, mas desejavelmente dedicada aos outros como Thanos e com a sua necessidade de tornar o Império um lugar melhor para aqueles que lá viviam. Imaginar tudo aquilo causava-lhe sofrimento, porque ele sabia que isso nunca mais poderia acontecer, por causa do que Lucious tinha forçado Stephania a fazer.

Por causa do que *ele* a tinha forçado a fazer. Se ele não a tivesse deixado para trás, nada daquilo teria acontecido. Stephania tinha-lhe dito que as coisas poderiam ser diferentes, que *ela* poderia ser diferente e, na sua ira, Thanos tinha-lhes roubado a ambos a hipótese de um futuro.

Quando ele olhou para cima para as duas mulheres no barco com ele, era como se ele estivesse a voltar a si mesmo de um longo e longínquo caminho. Ele mal se conseguia lembrar do que estava a fazer ali, muito menos do que precisava de perguntar a seguir.

Felizmente, Felene perguntou por ele. "Se Stephania fez o que Lucious queria, então porque viriam os guardas atrás dela? Que tipo de mentira estás a enrolar?"

"Nenhuma", insistiu Elethe. "Lady Stephania fez o que Lucious mandou, mas havia outras coisas que ela *não iria* fazer. Ela não iria para a sua cama. Ela não seria sua amante nem se envolveria nas... coisas que ele andava a fazer. Por vingança, Lucious disse ao rei acerca dela te ter ajudado a fugir."

"E o Rei Claudius mandou-a prender?", perguntou Thanos.

Ele viu Elethe acenar. "A ela e a todas as suas aias que lá estavam. Lucious reivindicou-as. Eu consegui fugir, mas... Eu ouvi que o rei aprisionou Stephania numa das torres mais seguras do castelo até decidir o que fazer com ela. Ele está zangado, Príncipe Thanos. Ele está *muito* zangado."

Então, Thanos sentiu algo que ele não tinha acreditado que sentiria: pena de Stephania e medo em seu nome. Uma parte dele achava que Stephania merecia qualquer destino que lhe calhasse depois de ter matado tantas pessoas e de ter manipulado pessoas tantas vezes. No entanto, ele também sabia que tinha de encontrar uma maneira de fazer aquilo bem. Ele tinha de encontrar uma maneira de salvá-la, antes que o pior acontecesse.

E isso iria acontecer. Thanos era o filho do rei e o rei Claudius ia mandar executá-lo ou enviá-lo para a Ilha dos Prisioneiros. Stephania iria sofrer pelo menos o mesmo, se não pior.

"Tens a certeza de que ela ainda não está morta?", perguntou Thanos. Isso seria a coisa mais cruel de

todas: saber que ele tinha vindo até tão longe, sem qualquer esperança de a salvar no final.

Elethe abanou a cabeça. "Eu não tenho certeza de nada, mas ouvi dizer que o rei está a segurá-la. Eu acho que ele está à espera que os nobres concordem com ele sobre o que deve acontecer, ou talvez ele esteja distraído com tudo o que tem acontecido nas últimas semanas. Eu não sei."

Thanos sabia. O seu pai estava a segurá-la como uma espécie de refém, sabendo que, no fim, Thanos iria ouvir o que tinha acontecido. Ele sabia que Thanos iria ter com ela, apesar de haver apenas ainda uma coisa a fazer.

"Felene, fica aqui com o barco. Certifica-te de que há uma forma de sair daqui para Stephania, quando ela vier."

"Queres dizer para ti e para Stephania", disse Felene.

"Espero que sim", respondeu Thanos, embora soubesse que tal não iria funcionar assim. "Se tiveres de sair do porto, tenta sair sorratamente quando poderes."

"Fora dos muros, há um sítio de um velho contrabandista, para desembarcar", disse Felene. "Se eu não conseguir voltar aqui, eu estarei lá até ter a certeza que estás morto. Eu pago as minhas dívidas."

Thanos assentiu agradecendo. "Elethe, fica com o barco. Ficarás segura aqui."

"Mas..."

"Para onde é que poderás ir na cidade?", perguntou Thanos. "Felene irá manter-te em segurança, e, depois, partimos juntos."

"Oh, eu vou cuidar dela, seguramente", disse Felene. "E, enquanto isso, o que é que exatamente vais estar a fazer, Thanos?"

A única coisa que podia fazer.

"Vou ter com o meu pai."

CAPÍTULO VINTE E UM

Sartes soltou um grito de alegria quando o carro de bois saltou ao fazer o seu caminho pela estrada baixo. Ele e Bryant estavam a ir muito mais rapidamente do que os bois provavelmente estavam habituados, mas por enquanto, ele divertia-se com isso.

"Estamos livres!", gritou Bryant ao seu lado. "Livres!"

Sartes sorriu ao ouvir aquilo. O outro rapaz parecia mais forte só por ter escapado. Mesmo com toda a dolorosa magreza e marcas de abuso ainda lá, ele sentia-se esperançado agora, fazendo parecer menos provável que ele pudesse desabar a qualquer momento. Sartes suspeitava que ele estivesse exatamente igual. Ele certamente não queria que aquele momento alguma vez acabasse.

Mesmo assim, ele sabia que tinha de acabar. No fim, eles teriam de desacelerar o carro de bois, nem que

não fosse só para evitar que os bois ficassem cansados antes de eles chegarem ao seu destino.

Eles precisam resolver isso também. Sartes não sabia se eles poderiam voltar a Delos ou não e se não pudessem, então para onde poderiam ir? Porém, Sartes não gostava da ideia de ir para qualquer outro lugar, a não ser Delos. Era ali que estava Ceres e o seu pai. Ele ainda não sabia o que tinha acontecido com o ataque. Talvez eles tivessem recuado. Talvez eles tivessem até conseguido, mas não tinham sido capazes de encontrá-lo, embora Sartes duvidasse disso. Se tivessem vencido, uma das primeiras coisas que a rebelião provavelmente teria feito seria parar a crueldade dos lagos de betume.

Talvez a batalha por Delos ainda estivesse a decorrer. Não importava. O que importava era que Sartes precisava de ver a sua família novamente e certificar-se de que eles estavam seguros.

Antes disso, porém, eles precisavam de comida e água, e de notícias suficientes para descobrir o que estava a acontecer. Sartes não sabia onde havia um lugar seguro para encontrar qualquer uma daquelas coisas. Por enquanto, eles só tinham de continuar a andar e ter esperança. Mesmo assim, ele abrandou os bois para uma caminhada que eles conseguissem manter, procurando no horizonte por qualquer indício que os pudesse apontar na direção certa.

Por causa disso, ele avistou a linha de escravos quando aquela era apenas ainda uma mancha. Era inconfundível; homens e mulheres acorrentados uns aos outros e forçados a andar por um quarteto de guardas, todos supervisionados por um traficante de escravos que andava numa carroça. Só de ver aquilo, Sartes sentiu-se indisposto e com medo, demasiado consciente do quão vulnerável dois rapazes numa carroça podiam ser.

Mas isso também o enraiveceu e aquela raiva consumiu tudo o resto.

"Precisamos de sair da estrada", disse Sartes. "Para algum lugar onde eles não nos consigam ver."

Ele olhou para as armas que eles haviam tirado ao guarda. Elas não eram muitas, certamente não eram suficientes para apanhar quatro, talvez cinco, homens? No entanto, ele não poderia ficar ali e simplesmente assistir àquelas pessoas a serem arrastadas para a escravidão, não quando a sua mãe tinha vendido Ceres assim.

Eles puxaram a carroça para fora da estrada, encontrando um grupo de árvores para escondê-la por trás. Sartes passou as rédeas para Bryant, deixando o outro rapaz manter os bois quietos enquanto Sartes agarrava na espada do guarda e observava o grupo a avançar.

"Eles não nos vão ver aqui, pois não?", perguntou Bryant. "Este é um bom lugar para nos escondermos."

Era um bom lugar para se esconderem. Ou um bom lugar para uma emboscada. Sartes via-os a aproximarem-se, querendo avaliar bem aquilo.

Quando ele viu o seu pai no centro da linha, ele ficou com medo.

"Bryant, ouve, nós não temos muito tempo", disse Sartes. "O meu pai está naquela linha de escravos. Eu não o posso deixar lá."

"O que é que precisas que eu faça?" perguntou Bryant. Sartes só podia sentir-se grato por ele ter colocado a questão daquela forma. Não era uma questão do que Sartes ia fazer, mas o que ambos eram.

"Eu vou aproximar-me a rastejar", disse Sartre. "Quando eu te fizer sinal, preciso que tu coloques aqueles bois a moverem-se. Eu preciso que os ponhas em pânico, se conseguires. Depois disso... faz o que conseguires para afastares as pessoas para longe dos guardas."

Ele viu Bryant engolir, e ele não culpava o outro rapaz. Sartre estava com medo também, mas ele não poderia ficar de braços cruzados.

Ele rastejou para a frente na direção da ponta do grupo de árvores. Ele certificou-se de que se mantinha baixo, e a sujidade do betume aí era uma ajuda, misturando-o com a folhagem, de modo que Sartre tinha a certeza de que ninguém iria vislumbrá-lo, a menos que o pisasse.

Ele esperou enquanto o grupo ficava em igualdade com ele. Havia dois guardas à frente, vestidos com o que provavelmente tinha sido em tempos uma armadura imperial, mas agora estava maltratada e remendada. Eles ladeavam o vagão onde estava o traficante de escravos. Mais dois estavam na parte de trás, guiando o grupo acorrentado de escravo com chicotes.

Sartre conseguia ouvi-los a falar um com o outro enquanto eles o faziam, e ele agachou-se por um momento, ouvindo, esperando.

"Parece que saímos da cidade mesmo a tempo", disse um deles. "A rebelião pode ser destruída, mas aqueles ordens novas do rei? Podia ser a última linha de escravos durante um tempo."

"Haverá sempre linhas de escravos", disse o outro. "Vê quantos desses rebeldes o príncipe Lucius deu. Achas que, quando ele for rei, não haverá todo o trabalho que poderíamos precisar?"

"Porém, pode ser um pouco antes", disse o primeiro. "E ele matou muitos deles. É um desperdício."

"Apenas significa que não há escassez no mercado", respondeu o segundo.

"Mas pensa em todos os lordes de combate que ele tem assassinado no Stade!

Se ele nos tivesse dado os lordes de combate, nós faríamos uma fortuna!"

"E o patrão teria de contratar mais uma dúzia de homens, portanto quanto daquilo é que nós veríamos?"

Sartre tinha ouvido o suficiente. A linha estava quase em posição. Estava na hora de agir.

"Agora!", gritou ele, correndo, depois, para a frente. A surpresa era a sua única esperança naquele momento. Ele só tinha de confiar que Bryant faria tudo o que Sartre tinha pedido.

O primeiro dos guardas estava a virar-se para ele naquele momento, mas Sartre já estava a apunhalar com a sua espada roubada. Entre o seu pai e o exército, ele tinha aprendido mais do que suficiente sobre onde estavam as lacunas no armamento imperial. A sua espada deslizou sob o braço do guarda, e o homem tropeçou para trás, parecendo quase chocado com o que tinha acontecido enquanto caía.

Sartre ouviu um estrondo e os gritos dos animais, e olhou para trás e viu a sua carroça a querrenar na do traficante de escravos. Um dos guardas estava no chão, obviamente tendo sido atingido por ela, e Sartre viu o traficante de escravos saltar do carrinho e tropeçar.

Talvez porque ele estivesse à espera daquilo, ele recuperou mais depressa do que o segundo guarda, voltando-se para ele e golpeando a sua espada na perna do homem.

"Vais morrer por isso, rapazola!" O guarda gritou e saltou para a frente, mas o corte na perna abrandou-o. Sartes era capaz de dançar para os lados, atingindo novamente enquanto o seu adversário tropeçava. Desta vez, Sartes apanhou-o na garganta.

Ele correu para a frente da coluna, vendo Bryant a ser empurrado para trás por um guarda enquanto o traficante de escravos estava deitado de costas, a gritar instruções e a apontar.

"Não fiques aí parado! Mata-o! Para que é que eu te pago?"

Sartes passou a correr por ele, ignorando o homem enquanto ele enterrava a sua espada nas costas do último guarda. Ele ouviu o homem a dar um suspiro, depois a cair para a frente, a pouca distância do local onde Bryant estava apenas uma faca.

O outro rapaz parecia impressionado. "Quatro homens", disse Bryant.

"Conseguiste matar quatro homens!"

Sartes abanou a cabeça. "Um foi atingido pela carroça e eu apanhei os restantes de surpresa."

Mesmo assim, o rapaz continuou a olhar para ele como se ele fosse um lorde de combate. Era assim que Ceres se sentia, com as pessoas a olharem para ela como se ela pudesse fazer alguma coisa?

A seguir ele tinha coisas mais importantes para tratar. O traficante de escravos ainda estava de costas e a sua anterior confiança tinha dado lugar ao medo.

"Não me mates!", disse o homem. "Por favor, não me mates!"

"Onde estão as chaves das correntes?" quis saber Sartes, nivelando a sua espada. A visão de sangue na lâmina fê-lo sentir-se doente, mas ele forçou-se a ficar tão assustador quanto conseguia. "Dá-mas. Agora!"

"Aqui... aqui!" O traficante de escravos lançou-lhe um molho de chaves. "Não me vais matar, pois não?"

"Eu não te vou matar", disse Sartes. Ele gesticulou para as figuras acorrentadas por detrás do carrinho. "Eu vou desacorrentar todos. Porém, eu não posso fazer promessas sobre o que *eles* vão fazer."

Ele viu o traficante de escravos começar a correr, coxeando para longe da estrada com a sua perna boa. De certo modo, aquilo dava-lhe muito mais satisfação do que esfaquear o homem.

Ele foi ter a correr com o seu pai em primeiro lugar. Não havia palavras para dizer. Ele só conseguia envolver os seus braços ao seu redor.

"Eu pensei que estavas morto!", disse o pai. "Ao não voltares, eu tive a certeza de que tinhas de estar."

"Eu tentei voltar para vocês todos", disse Sartes. Ele estava radiante de alegria pelo facto do seu pai estar ali seguro e vivo. Rapidamente, ele destrancou as correntes, deixando-as cair e, em seguida, atirou

as chaves para o prisioneiro seguinte.

Eles libertaram-se uns aos outros, gritando de alegria perante a sua liberdade.

"Tu salvaste-os", disse o pai. "Tu salvaste-nos a todos nós. Estou orgulhoso de ti, filho."

Os outros estavam ali reunidos ao seu redor. Alguns deles aproximaram-se para tocar em Sartre pressionando as palmas das mãos no seu ombro. Parecia que todos ali precisavam de mais do que palavras para expressarem o quão gratos

estavam. Sartre conseguia perceber isso. Se alguém o tivesse libertado da carroça prisão, ele também não teria palavras suficientes.

"Eu gostava que nós nunca tivéssemos sido separados", disse ele ao seu pai.

"Ainda bem que não estavas lá", disse o pai. "Fomos traídos, Sartre."

Sartre olhou fixamente para o seu pai. "Quem... o que aconteceu?"

"Eles agarraram-nos enquanto tentávamos abrir o portão. Depois disso...

Sartre, eu sinto muito, mas Anka está morta."

A dor invadiu Sartre naquele momento. Anka tinha sido a pessoa que tinha visto o potencial nele dentro da rebelião. Tinha sido ela que tinha melhorado as coisas para todos eles. Agora ela estava morta e Sartre mal podia acreditar.

"E Ceres?", perguntou Sartre. Ele não iria aguentar se ela também tivesse morrido.

"Eu não sei", admitiu o seu pai. "Eu gostaria de ter notícias melhores para ti."

Ele olhou em volta. "Precisamos decidir o que vamos fazer agora. A rebelião foi-se embora. Temos de decidir onde pode ser seguro."

Sartre tinha uma resposta para aquilo. "Eu ouvi os guardas a falar. Lucious está a planear matar os lordes de combate no Stade. Nós ainda podemos ajudá-

los". Ele deu por si a pensar em Anka e em Ceres. Isto era o tipo de coisa que eles iriam fazer. O tipo de coisa que eles *haviam* feito.

"Sartre, tu fizeste um trabalho incrível a salvar-nos", disse-lhe o seu pai, "mas o Stade é diferente. Vão lá estar mais guardas. Nós nem sequer temos uma forma de nos aproximarmos."

Sartre olhou para a carroça do traficante de escravos, questionando-se se aquela se conseguiria mover. Ele ergueu as correntes.

"Eu acho que temos."

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Ceres aproximou-se do Stade com a sua raiva e a sua necessidade de salvar os lordes de combate a arder em fulgor. Ela vacilava perante a enormidade da tarefa à sua frente. Seria ela mesmo capaz de chegar ao Stade? Havia sempre maneiras de ir pelas ruas da cidade sem ser vista. A parte mais difícil seria conseguir entrar. Era demasiado desejar que ela não fosse reconhecida, e quanto a entrar lá com armas...

Ceres abanou a cabeça.

Não, não há nenhuma maneira de fazê-lo.

Porém, ela tinha de *encontrar* uma maneira, e era por isso que ela continuava a ir na direção do Stade.

Ela já conseguia ver as multidões a reunirem-se nas ruas, à espera do início dos jogos. Ela tinha ouvido falar bastante sobre o rei supostamente recuar com a brutalidade de antes. Mas ou era uma mentira, ou Lucious não tinha ouvido o que se esperava dele ou ele simplesmente ignorava o seu pai.

Ceres não se importava qual era. Fosse o que fosse, tal dizia-lhe que não se podia confiar nas promessas de paz do Império.

Ela misturava-se com a multidão o melhor que conseguia, enquanto se aproximava. Ela conseguia sentir o mal-estar. As pessoas ainda não estavam certas se aquilo era um truque ou não. Provavelmente eles não gostavam da ideia do rei ter acabado de declarar que a rebelião deles terminara. No entanto, eles pareciam estar a ir em direção ao Stade de uma forma bastante ordenada. Parecia que eles ainda queriam a violência das Matanças.

Talvez houvesse uma espécie de esperteza retorcida de Lucious nestes jogos.

O povo da cidade tinha sido treinado para esperar violência. E isso não desaparecia simplesmente sem algum tipo de libertação. As Matanças fariam isso ao colocarem as coisas novamente na sua antiga ordem.

Ceres misturava-se juntamente com a multidão na medida do seu atrevimento, mas, em pouco tempo, ficou evidente que ela não conseguiria simplesmente entrar a caminhar para o Stade. Havia muitos guardas ao redor, demarcando a rota para o Stade e, em alguns casos, eles estavam misturados com a multidão. Ceres viu um pelotão desses homens a aproximar-se e pensou que ela poderia ter sido descoberta, mas eles desviaram-se no último minuto para agarrar dois homens que tinham começado uma briga. Aparentemente eles não permitiam nenhuma violência, a não ser a sua própria.

Como se para confirmar isso, havia mesas do lado de fora do Stade, com um punhado de armas espalhadas sobre elas, e guardas a vigiar nas proximidades. Os guardas levavam as armas dos poucos que as haviam trazido, e apenas os deixavam entrar no Stade uma vez desarmados. Ceres não tinha dúvidas de que iriam reconhecê-la, mesmo os outros não a tendo reconhecido até àquele momento.

"Tem que haver outra maneira de entrar", Ceres murmurou, continuando em torno do Stade. Ela conhecia as entradas traseiras, os caminhos por onde eles deixavam entrar os lordes de combate e as provisões para os dias das Matanças.

O instinto dizia-lhe que um daqueles tinha para oferecer uma oportunidade melhor do que tentar entrar pela frente.

Então ela tentou fazê-lo, apenas para descobrir que alguém já estava a tentar fazer o mesmo. À entrada

estava uma carroça de um traficante de escravos, com os seus ocupantes a discutir com os guardas, enquanto uma linha de figuras acorrentadas estava atrás, obviamente, como mais forragem para o Stade.

Ver aquilo foi suficiente para fazer Ceres abandonar a sua cautela. Aqueles escravos mereciam a sua ajuda tanto quanto aqueles no Stade. Ela avançou.

"Estou a dizer-te", Sartes ouviu o seu pai dizer. "Estamos aqui para as Matanças."

Do seu lugar na carroça, Sartes olhava ao redor, tentando encontrar uma maneira melhor para entrar. Tinha parecido um estratagema tão óbvio quando ele tinha pensado naquilo. Fingiam ser traficantes de escravos a entregar carne fresca no Stade, e os guardas iriam deixá-los passar.

Porém, ele não tinha previsto assim *tantos* guardas, ou que eles fossem estar tanto tempo a fazer perguntas. Se eles vissem demasiado de perto, até talvez conseguissem encontrar armas escondidas na carroça.

Ele viu o guarda a olhar para os rebeldes nas suas correntes. "Este lote não me parece assim tanto como sendo lordes de combate."

"Eles são o aquecimento", disse Sartes. "Deixem os lordes de combate matarem alguns deles, enfureçam a multidão, esse tipo de coisa."

"Eles vão ficar mais do que suficientemente irritados", disse o guarda. "Não és um pouco novo para mercenário?"

A respiração de Sartes susteve-se, mas ele forçou-se a continuar. Ele encolheu os ombros. "O exército tentou recrutar-me e, depois, os rebeldes tentaram recrutar-me. Podes imaginar como aquilo foi."

"Estás a tentar dizer-me que *tu* capturaste este lote?", perguntou o guarda.

Sartes viu o seu cenho aprofundar-se.

Talvez tivesse exagerado um pouco com aquela mentira. A mão de Sartes apertou o punho da espada.

Uma figura passou a correr por ele, já com a espada a deixar um rasto.

Caíram guardas para todos os lados. Bryant tinha olhado para Sartes como se ele fosse uma espécie de mestre da espada por ter superando três guardas de surpresa, mas *aquilo* era pura habilidade. A figura baixou e serpenteou, cortando e golpeando, enquanto os guardas caíam em torno dela como milho na colheita.

Sartes olhou espantado quando o último deles sucumbiu e a recém-chegada, girava, erguendo a sua espada.

"Ceres, espera! Sou eu, Sartes! "

Ele mal conseguia acreditar que era realmente a sua irmã que ali estava. Ele viu-a parar, de espada

pronta, olhando para ele em choque óbvio ao reconhecê-lo.

"Sartes? O que é que... Pai? Vocês estão *ambos* vivos? O que é que estão a fazer aqui? O que é isto?"

Ceres parecia não conseguir compreender o que estava a acontecer com ela naquele momento.

"Poderíamos fazer-te as mesmas perguntas", disse Sartes. Ele correu para abraçá-la. "Mas estou feliz por estares viva."

"É bom ver-te também, irmãozinho", Ceres reconfortou-o, e Sartes sentiu-a a despentear o seu cabelo.

"Acho que, na verdade, não te transformaste num traficante de escravos, enquanto eu estive acorrentada?"

"Gostas dos nossos disfarces?", perguntou Sartes, e havia ali uma parte infantil dele que queria mostrar à sua irmã a sua inteligência, apesar da escuridão de tudo o que tinha acontecido. "Nós pensámos que poderíamos ser capazes de ajudar os lordes de combate."

"Íam fazer isso?", perguntou Ceres.

"Achas que não conseguimos?", ripostou Sartes. "Nós pensámos nas coisas."

Se eles pensarem que nós estamos a trazer escravos, eles deixam-nos passar. E se não o fizerem, nós podemos pelo menos apanhá-los de surpresa". Ele suspirou.

"Eu sei, é uma ideia estúpida, mas não te esperávamos aqui para discutir tanto."

Ele viu Ceres a sorrir. "Eu acho que é perfeito. Especialmente agora que já passámos a primeira linha deles."

Sartes viu-a escorregar para o seu lugar na fila, entregando a sua espada para que o seu pai pudesse escondê-la na carroça. Eles começaram a sua caminhada misturada em direção ao Stade novamente. No entanto, eles misturaram-se mais rapidamente do que antes, porque eles precisavam de chegar lá antes que as consequências daquela luta pudessem ser descobertas.

Havia outras razões também. Enquanto caminhavam para os trabalhos do Stade, Sartes ouvia os apelos da multidão, e o clangor de cornetas a anunciar a morte que estava por vir. Os melhores jogos que o Stade havia visto tinham começado e Sartes não sabia se eles conseguiriam entrar no coração do lugar a tempo de deter aquilo.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Mesmo sem ter essa intenção, Ceres sentiu a sua excitação a aumentar no momento em que a linha de falsos escravos caminhou através das portas externas do Stade. Ela lembrava-se da última vez que tinha entrado naquele espaço. Ela lembrava-se do som da multidão a chamar pelo seu nome.

Mesmo através das paredes de pedra, naquele momento, ela conseguia ouvir uma multidão, com os seus gritos a intensificarem-se pedindo violência. Ceres conseguia ouvir a emoção. Ela sabia que violência poderia ser saciada da maneira que Lucious queria, ou poderia ser transformada noutra coisa qualquer.

Eles conseguiram chegar praticamente até ao chão do Stade antes de quaisquer guardas os desafiarem.

Eles retumbaram através das portas exteriores sem comentar e, depois, pelos trabalhos internos da arena. Só quando chegaram aos portões de ferro que conduziam às areias é que os guardas se puseram no caminho deles, desembainhando as espadas para que eles as vissem. Até eles pareciam confusos, como se aquilo ainda lhes parecesse um erro.

"Não deviam estar aqui", disse um deles.

Ceres abanou a cabeça. "Aqui é *exatamente* onde eu deveria estar."

Ela atirou as correntes que compunham o disfarce dela, passou a correr pelos outros e foi contra o primeiro guarda. O impacto foi suficiente para atirá-lo contra a parede ao lado dele. Ele deslizou por ela abaixo inconsciente.

Ceres já estava em movimento. Ela desviou-se do empurrão do segundo guarda, apanhando a espada dele e arrancando-lhe das mãos. Ela atirou-o para o grupo de rebeldes que estavam com ela, e não se surpreendeu ao ver uma corrente rapidamente envolvida em torno da garganta dele, estrangulando-o até ele entrar em colapso.

Ceres viu o seu irmão a lançar-se para a frente, mas ela abanou a cabeça.

"Espera aqui, Sartés. Eu preciso que tu e os outros mantenham esta saída, ou não teremos forma de sair."

"Mas não podes ir lá sozinha", insistiu Sartés.

Ceres tirou as espadas aos dois guardas, erguendo uma em cada mão. "Confia em mim, irmãozinho. Eu amo-vos, a ti e ao nosso pai."

Ela respirou fundo e saiu para o túnel que levava para as areias do Stade.

Quanto mais se aproximava, mais ela conseguia ouvir os aplausos e as vaias da multidão, o som apoderando-se dela como o rugido do oceano. Nas areias, ela via homens que ela reconhecia, lordes de combate com quem ela havia treinado e que tinham lá estado lá com a rebelião.

Eles estavam com as suas armas favorecidas num círculo desalinhado, demasiado longe uns dos outros para alcançarem rapidamente. Mesmo a armadura

parcial que normalmente eles usavam no Stade já não existia, deixando-os vulneráveis e expostos. Este não era um combate para eles sobreviverem.

Por cima de tudo aquilo, Ceres ouviu a voz de Lucious a gritar lá para baixo do camarote real.

"Povo de Delos. Meus súbditos. Camponeses. Hoje vocês vão testemunhar a morte de escravos e traidores. Eles morrem para o vosso entretenimento, mas para mais do que isso. Lembrem-se quando os virem a diminuir o poder do Império. Lembrem-se do preço de se erguerem contra os vossos governantes legítimos!"

De onde ela estava, Ceres via Lucious em pé na varanda como um singular ponto dourado cercado por guarda-costas mercenários. Ela encheu-se de raiva então, por tudo o que ele era, por tudo o que ele tinha feito a ela, à sua família e ao povo do Império.

"A estes chamados lordes de combate ser-lhes-á permitido lutar para vossa diversão", disse Lucious. "Eles vão lutar até à morte, e ao último a permanecer de pé ser-lhe-á permitido viver, mesmo tendo em conta a sua liberdade!"

Ceres viu os lordes de combate no lugar, a olharem uns para os outros como se nenhum quisesse ser o primeiro.

"Se você não lutarem, vou ter de vos abater enquanto escravos que vocês são", disse Lucious de rompante. "Vocês vão estar de joelhos e eu vou mandar soldados executarem-vos. Não é melhor terem uma hipótese de viver? Não é melhor morrerem com dignidade?"

Ceres já tinha aturado o suficiente. Ela saiu para as areias, sentindo-as a girar em torno de si por causa do vento.

"O que é que vais realmente fazer com o último homem, Lucious?", gritou ela e, ao som da sua voz, o Stade pareceu ficar desconfortavelmente em silêncio ao seu redor. "Vais matá-lo tranquilamente, da mesma maneira que tentaste comigo?"

Vais dizer que mudaste de ideias, da mesma maneira que vais mudar de ideias sobre deixar de fazer sofrer as pessoas comuns? Qual vai ser a tua desculpa?"

Ceres viu os olhos de Lucious sobre ela, e ela conseguia ver ali ódio.

"Ceres, aqui estás tu", disse ele sobrepondo-se ao silêncio do Stade. "Não consegues perceber quando foste derrotada? Quanto a desculpas... eu sou um príncipe. Eu não *preciso de nenhuma*."

Naquele momento, Ceres ouviu sussurros e murmúrios a viajar ao redor do Stade. Perguntas, expressões de surpresa, a necessidade de saber se era realmente ela. Por fim, apenas uma palavra se fez ouvir, de novo e de novo, subtil como o vento através de uma floresta.

"Ceres. Ceres."

Lucious olhou em volta com uma raiva óbvia ao som do nome dela. "Chega", gritou ele. "Eu mandar matar quem quer que entoe o nome dela! Quanto ao resto de vocês... o homem que matar Ceres viverá sem lutar com mais ninguém!"

Ceres esperou que os lordes de combate avançassem sobre ela. Pelo menos um aceitaria a oferta de Lucious, e, assim que o fizesse, os restantes viriam a seguir. No entanto, nada mudou. Um deles, um homem de peito largo, com uma barba dourada pendurada quase até à cintura, tirou uma mão do cabo do machado para fazer um gesto rude.

"Vais-nos *dar* a nossa liberdade, não vais?", perguntou ele. "E que tipo de liberdade vais ser essa? Eu fico com a minha liberdade, rapaz! Vou tirá-la de ti e de todos aqueles como tu, ou vou morrer a tentar!"

Ceres sabia reconhecer uma oportunidade quando ouvia alguma.

"Todos vocês", gritou ela para a multidão. " Vocês querem viver apenas enquanto Lucious vos deixar? Vocês querem paz só até à próxima vez que o Império escolher tirar-vos tudo o que vocês têm? Eles deram-vos a paz, mas o preço é que nada vai mudar! Mas vocês podem mudar isso, todos vocês!"

"A única coisa que vai mudar aqui", disse Lucious, "é a tua mudança para a terra dos mortos! Se esses escravos não o fizerem, os meus homens fá-lo-ão.

Matem-nos a todos!"

Ceres ouviu o som de cornetas. Abriam-se portas em torno do Stade. Tal fê-

la lembrar-se dos momentos em que eles tinham libertado grandes animais para ela lutar, só que, desta vez, foram homens em armaduras que entraram. Soldado após soldado entrava no Stade, movendo-se para cercar o grupo de Ceres, evitando a fuga deles. Continuavam a chegar mais.

"Tantos", disse um dos lordes de combate.

Ceres ouviu outro a rir-se. "Bem, eu não queria que se dissesse que foi preciso menos de uma legião completa para derrubar Naras da Montanha Cinzenta!"

Ceres ficou ali a observar os soldados que continuavam a chegar. Ela sabia que tinha de fazer algo. Mais do que isso, só havia uma coisa óbvia a fazer. Ela avançou para atacar.

Ela infiltrou-se nas fileiras dos soldados, golpeando à esquerda e à direita, no meio da estranha calma que o povo da floresta lhe havia ensinado. Ela girava e empurrava com as técnicas que ela tinha aprendido de início enquanto lorde de combate, e, quando um dos soldados tentou agarrá-la, Ceres sentiu os seus poderes a atacarem automaticamente, deixando para trás nada para além de pedra.

"Ceres! Ceres!"

Ela ouvia o cantar da multidão enquanto lutava. Ela baixou-se de um golpe de espada e golpeou à altura do tornozelo. Depois, saltou alto dando a um soldado

um pontapé para trás e fazendo-o cair em cima de outros dois. Ela aparou um golpe e, em seguida, agarrou um soldado e atirou-o com toda a força que o seu sangue lhe deu.

À sua volta Ceres via os lordes de combate a lutarem pelas suas vidas. Eles não tinham nenhuma armadura e nenhuma da disciplina dos soldados, mas todos eles já estavam a começar a abater inimigos. Ceres viu o barbudo a balançar o seu machado em arcos que deixavam rastos de trilhos carmesins de sangue, enquanto outro virou uma lança, lançando-a para além dos escudos diretamente nas fileiras daqueles por detrás deles.

Cada um deles lutava como dez homens ou mais, mas para Ceres mesmo os lordes de combate pareciam lentos. Ela atravessou as tropas de Lucious tão facilmente como uma senhora nobre a dar um passeio através de um jardim, apanhando flores enquanto passeava. Ela inclinou-se para trás desviando-se de um corte de espada, cortou o braço de um inimigo, e, em seguida, desencadeou uma explosão de força mortífera que atirou os soldados para longe dela.

"Ceres! Ceres!"

Por um momento, Ceres teve espaço para pensar, e ela conseguia ouvir a multidão realmente a torcer por ela agora. Mas torcer por ela não era suficiente.

Eventualmente, aqueles imensos soldados podiam derrubá-la, mas não poderiam derrubar toda a multidão.

"Parem de ficar aí sentados a ver", gritou Ceres por cima do barulho do choque do metal contra metal. "Se querem ser livres, não podem deixar isso com os outros! Vocês têm de lutar por vocês mesmos!" Ela esquivou-se de um ataque, dando um golpe nas costas de um soldado. "Lutem agora! Controlem o vosso destino!"

Ceres lutava. Mesmo tendo lutado tantas vezes antes, ela sentia esta luta de uma forma diferente. Os poderes dentro dela pareciam pulsar em harmonia com todos os seus movimentos. Ela golpeava e lutava com uma velocidade e força maiores do que alguma vez ela teria imaginado. Contudo, ainda se sentia como se estivesse simplesmente a encaixar-se na forma como as coisas precisavam de ser, exatamente como tinha sido ensinada. Ela sabia, sem ter de pensar exatamente onde colocar as suas espadas a seguir, mantendo-se em movimento, sem nunca parar num só lugar por muito tempo.

Mais soldados tentavam agarrá-la, e, mais uma vez, os seus poderes atacavam, deixando estátuas onde antes tinham estado homens. Isso preocupava Ceres, porque tinha sido esse legado da sua linha de sangue que a havia esgotado antes.

No entanto, por agora, pelo menos, Ceres sentia-se tão viva e tão forte como nunca. Ela apanhou uma espada entre as suas duas lâminas cruzadas, espetando-as

na garganta de outro inimigo e, em seguida, impulsionou-se para ambos os lados para derrubar mais. Parecia que, para onde quer que ela se virasse, havia carne para cortar, ameaça de espadas para desviar ou a presença de soldados de Lucious para evitar.

Ao pensar em Lucious, Ceres olhou para a varanda real. Ela ainda conseguia vê-lo ali, a olhar para o combate, enquanto observava o derramamento de sangue, só que agora, a sua alegria com a violência parecia ter dado lugar à preocupação, até mesmo ao medo.

"Ótimo", disse Ceres para si mesma enquanto continuava a lutar. Lucious merecia estar com medo. Se Ceres se conseguisse aproximar dele, ela iria certificar-se que seria a última coisa que ele sentiria.

Ela continuava a girar, atacando e defendendo o mais rápido que ela poderia ter conseguido antes dos seus poderes lhe chegarem, abrindo um espaço livre entre os soldados que a rodeavam. Ela esquivava-se entre as formas de pedra dos soldados que tentavam agarrá-la, usando-os como uma espécie de anel de fortificações de pedra para defender. Corpos empilhavam-se em torno dela, e, ainda assim, Ceres lutava.

Ela via os outros lordes de combate continuarem a lutar ao seu redor, cada um no centro da sua própria pilha de corpos, mas nenhum deles parecia estar a dançar entre os seus inimigos como Ceres dançava, e vários pareciam estar a abrandar. Enquanto observava, Ceres viu um grande homem que lutava com luvas perfurantes cair sob as lâminas de uma dúzia de homens.

Outro lorde de combate tropeçou no corpo de um soldado, caindo. Outro soldado estava de pé sobre ele, erguendo uma espada. Automaticamente Ceres tirou para fora uma mão e os seus poderes sacudiram a espada dele para longe. O

lorde de combate rebolou, conseguindo pôr-se em pé a tempo de esfaquear o soldado no estômago.

"Lordes de combate, para mim!", gritou Ceres, sabendo que ela tinha de assumir o controle. Os lordes de combate eram lutadores incríveis, mas eles não sabiam como trabalhar juntos. Ceres ficou dentro do círculo de figuras de pedra que ela havia criado, abatendo quaisquer soldados que se aproximassem, enquanto os lordes de combate a protegiam.

Eles pareciam entender o que ela pretendia, porque eles abriram caminho na direção do círculo de figuras de pedra que ela havia criado, defendendo-o da mesma maneira que eles provavelmente teriam defendido uma fortaleza.

Protegidos por pedras daquela maneira, os soldados não os conseguiam cercar ou atacar mais do que um de cada vez. Eles podiam lutar e eles podiam ganhar.

Mais do que isso, Ceres viu que havia lutas a começarem nas bancadas quando a assistência começou a agarrar os guardas que ali estavam para controlá-

los. Ela viu um grupo a derrubar um guarda, tirando-lhe as armas enquanto o atacavam com os punhos. Ela viu outro guarda abater uma mulher, apenas para mais três tomarem o lugar dela, derrubando-o da bancada.

Ceres podia sentir a energia da revolta a crescer naquele momento, e ela sabia que, numa questão de minutos, aquilo iria estourar para fora do Stade.

Todas as tentativas para declarar que a rebelião tinha acabado não contariam para nada em face daquela nova efusão de raiva popular. As multidões saíam do Stade e derramar-se-iam para as ruas para tomar a cidade.

Tal deixava Ceres profundamente satisfeita. Aquela era o tipo de revolta que Anka poder-se-ia ter orgulhado. Aquela era o tipo de coisa que Sartre e o seu pai teriam desejado. Talvez eles já estivessem a lutar lá em cima, a ajudar onde podiam.

Porém, Ceres não conseguia ter a certeza disso. Ela não podia fazer nada a não ser aparar a espada seguinte, lidar com o próximo soldado e tentar proteger a sua secção da fortaleza improvisada que os seus poderes tinham construído no chão do Stade.

Independentemente do quão bem eles lutassem, os soldados ainda estavam entre eles e a saída. Não havia nenhuma maneira de saírem, e os guerreiros armados do Império continuavam a chegar.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Stephania mal conseguia controlar a sua repugnância ao caminhar pelas áreas mais pobres de Delos, pelas ruas tortuosas do bairro Emaranhado, apesar de haver nisso um lado positivo. Era um lembrete do quanto ela tinha, do quanto havia pelo qual ela lutar.

Era o mesmo que ela sentia de cada vez que tinha de ir até à cidade para se encontrar com um informador ou para se abastecer com o tipo de coisas que ela não poderia deixar que fossem as suas aias a fazer. O mundo fora do palácio era brutal e sujo, e essa era mais uma razão para Stephania garantir que mantinha o seu lugar.

Havia algumas coisas pelas quais valia a pena correr riscos, apesar de tudo.

Não pelo amor – ela tinha aprendido isso da pior maneira. Porém, ódio, vingança, valeriam sempre o esforço.

"Continua vigilante", disse Stephania à sua aia enquanto elas caminhavam ao longo das ruas sinuosas que fediam com demasiada humanidade num espaço demasiado pequeno.

"Sim, minha senhora", respondeu a miúda.

Stephania suspirou. Qual era o ponto de se envolverem em capas para se disfarçarem se a miúda estúpida insistia em publicitar quem elas eram cada vez que falava? Talvez ela devesse ter levado Elethe com ela afinal. Pelo menos, a sua nova aia sénior sabia o que devia fazer em circunstâncias mais exigentes do que seduzir um nobre menor ou ouvir às portas. Pior, a miúda parecia não ter nenhum sentido de orientação. Há uma hora que elas estavam à procura da bruxa que queriam encontrar.

Stephania não gostava do ambiente da cidade naquele dia. Ela tinha tido a certeza, na sequência da declaração de paz, que a cidade estaria tranquila, e estava, mas havia diferentes tipos de tranquilidade no mundo. Ela sabia a diferença entre alguém que fingia estar a dormir e alguém na profundidade dos sonhos. Ela sabia a diferença entre um quarto vazio e um onde alguém estava a esconder-se. A cidade parecia tudo isso, mas parecia ainda mais.

Parecia o silêncio que havia quando um falcão estava a voar sobre uma floresta, à procura de presas.

"Prepara-te", sussurrou Stephania.

"Sim, minha..."

Eles saíram de um beco: dois homens de aparência rude e uma jovem mulher que não era muito melhor. Todos vestidos de farrapos. Os dois homens seguravam facas. Como é que alguém se poderia deixar chegar àquele ponto?

"Olha para eles", disse a jovem. "A tentarem-se esconder sob mantos tão ricos que nem serviriam para nenhum deles conseguir comprar comida para um mês."

"Não sabem que está a haver uma revolta?", perguntou um dos homens.

"Coisas más acontecem aos nobres nas ruas."

"Coisas más", concordou o outro.

Stephania empurrou para trás o capuz. "Por acaso conheces uma bruxa que vive por aqui?", perguntou ela, tão facilmente como se estivessem estado a conversar enquanto bebiam um vinho aromático.

"Oiçam-na. A perguntar pela Velha Hara como se fossem amigas", disse a jovem num tom zombeteiro.

Stephania enfiou a mão na capa. Ela sacou de uma bolsa com moedas e acenou levemente para a sua aia. Era hora de ver se a miúda valia alguma coisa.

"Eu posso pagar-te pela informação", disse Stephania.

"Oh, nós aceitamos", respondeu um dos homens, dando um passo para a frente. Ele bateu em Stephania, naquele momento, e ela provou o gosto do sangue.

"Isso, e tudo o mais que tiveres."

A mão de Stephania correu para a capa, e o homem arfou quando uma faca o apanhou no peito. Ela deu um passo atrás para o deixar cair, e viu a sua aia a lutar com o outro. Ela cortou-lhe a garganta atacando-o por trás, não se importando com o sangue ter ido parar acima da sua serva. Era muito mais fácil agora do que tinha sido da primeira vez que ela tinha esfaqueado alguém. Isso era interessante de notar.

"Agora", disse Stephania, voltando-se para a jovem que tinha acompanhado os homens, "ias dizer-nos onde encontrar essa 'Velha Hara'."

Stephania conseguia ver que ela estava com medo. Ótimo, ela poderia confiar no medo.

"V-vira à esquerda onde vês o sinal de três moedas", disse a mulher. "Ela vive na casa com a cobra de pedra acima da porta."

"Obrigado", disse Stephania. Ela virou-se para a sua aia. "Achas que podes matar *esta* tu mesmo, ou devo fazê-lo também?"

Stephania não se incomodou a olhar enquanto a sua serva fez o que era necessário. A miúda apanhou-a com rapidez suficiente, limpando um pouco do sangue, enquanto Stephania estava mesmo a aproximar-se da casa da bruxa.

Porque é que aqueles conhecimentos ou poderes viviam em lugares como aquele? A casa parecia inclinada, situada entre dois cortiços maiores que pareciam prontos para cair sobre ela a qualquer momento. O batente da porta, de fato, tinha uma cobra de pedra esculpida, a olhar para baixo como se pudesse morder todos os visitantes indesejados.

Stephania empurrou a porta, baixando-se, em seguida, por instinto, quando um par de corvos de olhos vermelhos saiu a voar, com as garras a brilharem à luz do sol.

"Não deixes que eles te arranhem, Lady Stephania", gritou uma voz vinda de lá de dentro. "Eles têm estado a pisar alguns dos meus venenos mais raros."

Stephania não perguntou como é que a mulher sabia quem ela era. Bruxas verdadeiras tinham maneiras de saber estas coisas, embora raramente tivessem muito a ver com magia. Provavelmente, a mulher tinha-a visto a chegar.

"Entrem", chamou a bruxa. "Se vieste até aqui para me ver, imagino que tenhamos muito que falar."

Stephania entrou em casa da mulher. O interior não era muito melhor do que o exterior. Por todas as paredes, as prateleiras estavam numa confusão. Havia crânios ao lado de frascos cheios de insetos preservados. Havia livros abertos em bancos. O cheiro do lugar misturava esterco com o cheiro acre de alquimia e flores raras com queimado.

Uma grande panela de ferro estava pendurada sobre uma lareira numa extremidade do quarto principal. A mulher que estava à frente dele não era tão velha quanto Stephania tinha imaginado. Provavelmente não

mais do que quarenta ou assim. Ela tinha alguns fios grisalhos no seu cabelo e finas linhas ao redor dos olhos. Porém, aqueles olhos diziam que já tinham visto mais do que a maioria tinha e havia algo cruel no sorriso dela.

"É raro a realeza vir-me visitar", disse a Velha Hara. Ela apontou para a panela de ferro. "E trouxeste ajuda. Que bom. Posso tentar-vos a comer algo, minhas queridas?"

Stephania olhou para o pote e nem queria imaginar no que poderia ter sido lá cozinhado. O cheiro que de lá saía era nauseabundo.

"Não foram lendas sobre as tuas habilidades culinárias que me trouxeram até aqui", disse Stephania.

"Não?" Aquele sorriso desagradável estava de volta. "Então o quê, minhas queridas? Eu tenho pós, poções e venenos para qualquer ocasião. Um pouco tarde para ajudar uma solteira ou para uma poção de amor, eu suspeito, e eu tenho a certeza que os médicos do castelo conseguem lidar com a maioria dos outros problemas com que uma senhora nobre se pode deparar. Algo para lidar com um rival, talvez? Uma boa tintura de arsênio, ou uma dose de mosto selvagem para colocar no em chá de alguém?"

"O mosto selvagem é uma piada que os dramaturgos colocam porque eles não conhecem nada melhor", Stephania atirou de volta. "Consegue-se sentir o cheiro a uma dúzia de jardas, dar pelo seu sabor em qualquer coisa que não as especiarias mais fortes, e no tempo que demora a fazer efeito, eu conseguiria criar um

antídoto duas vezes mais forte. Se me estás a oferecer *isso*, tenho dúvidas que eu tenha vindo ao lugar certo."

"Ficarias espantada com a quantidade de nobres ingénuos que me o compram", disse a Velha Hara. "Eu faço uma boa quantidade de dinheiro com ele.

Eu nem tenho a certeza se metade deles sequer o chegam a usar. Eles apenas o mantêm por perto para que possam parecer perigosos. No entanto, imagino que para ti seja mais do que simplesmente *parecer*, senhora."

O sorriso de Stephania era muito mais fechado do que o da mulher mais velha.

"Um olhar para a minha companheira poder-te-ia dizer isso. Até agora, oferecete-me coisas reles de bruxa, a maioria das quais poderia eu preparar.

Incluindo melhores venenos que o mosto selvagem."

Stephania disse-o como se fosse um aviso. Ela não gostava de perder o seu tempo, e muitas vezes, o tipo de pessoas que vendiam venenos não eram de confiança.

"Então o que eu posso fornecer-te, minha senhora?", perguntou a Velha Hara.

"Se podes criar os teus próprios venenos tão facilmente, porque é que vens visitar a pobre velha com um talento para coisas esquecidas?"

"Para obter informações", disse Stephania. Ela tirou o ouro que quase ia oferecendo aqueles que não

chegaram a atacá-la. "Informações caras."

"Hmm... Eu teria pensado que seria eu a dizer-te isso. Se estás a dizer isso, é porque devem ser informações *muito* caras. Então, exatamente, o que é que é tão importante para ti?"

Stephania havia estado a pensar, desde que tinha deixado o palácio, sobre qual seria a melhor maneira de o dizer. Em última análise, porém, havia momentos em que era preciso ser direta.

"Eu quero saber qual a melhor maneira de matar um dos Anciãos."

Ela viu o sorriso da Velha Hara desvanecer-se e a sua expressão a endurecer-se. Havia algo sobre a mudança que lhe disse que ela tinha ido ao lugar certo, ali entre os retalhos e as poções. Aquela mulher sabia alguma coisa, e Stephania iria descobri-lo, custasse o que custasse.

"Isto é sobre a miúda que superou o lorde de combate do príncipe Lucious?", perguntou a Velha Hara. "Uma miúda que conseguia transformar um homem em pedra, e que conseguia criar um exército com a conversa da sua linhagem."

Stephania não ia ficar impressionada só porque a outra mulher tinha ouvido alguns rumores.

"Ceres", disse Stephania. "O nome dela é Ceres. Ela tirou-me demasiadas coisas. Agora é tempo de ela me pagar."

"Eu tinha ouvido que ela foi capturada", disse a bruxa.

"Ela fugiu. Há soldados transformados em pedra na cela onde ela estava

detida. "Naquele momento, Stephania não conseguiu deixar de pensar no óbvio. E

se tivesse sido ela? E se ela estivesse a tocar nos camponeses quando os seus poderes tivessem atacado assim? Os *seus* poderes? Não era mais do que um acidente de sangue, mas de alguma forma isso significava que todos eles deveriam curvar-se perante ela. Bem, Stephania não permitiria isso.

Ela podia ver a bruxa a pensar, como se tivesse uma escolha entre falar ou não com Stephania. Se necessário, Stephania teria o que queria torturando-a.

Contudo, era perigoso meter-se em confusões com a espécie dela. Era melhor fazê-lo de uma forma mais civilizada.

"Se sabes de alguma coisa, eu preciso da tua ajuda", disse Stephania, tentando que a sua voz parecesse o mais suplicante possível.

Ainda assim, a velha bruxa parecia pensativa, esfregando as suas mãos uma contra a outra, como se a lavá-las. "É um caminho perigoso você estás a contemplar percorrer", disse ela. "Eu tenho informações que te podem levar onde tu queres, mas tenho uns conselhos primeiro. Vira-te. Volta para o teu palácio.

Vais ser mais feliz. A partir do momento em que entres por alguns caminhos, será difícil voltares para trás."

Talvez fosse, mas Stephania suspeitava que tal valeria o esforço de qualquer das maneiras.

"Eu vim aqui para obter respostas", disse ela.

"As respostas são caras", respondeu a Velha Hara. "Mais caras do que moedas, porque dar-te essas informações vai trazer-me problemas com pessoas com as quais é melhor nem nos cruzarmos."

Stephania voltou a colocar a bolsa de moedas sob o seu manto. "E então?"

Ela viu a bruxa a encolher os ombros. "Há rituais, poções... pesquisas que precisam de ingredientes especiais. Os contrabandistas trazem-me muitos, mas mesmo assim, o tempo está a escassear."

"O que é que queres?", repetiu Stephania.

"Há rituais que exigem o sangue de uma mulher mais jovem e saudável, a sua pele, os seus ossos." Stephania viu-a a fazer sinal em direção à aia. "Se quiseres realmente saber, então eu levo- a."

O impulso de Stephania foi dizer à mulher que não. Torturar as informações a partir dela como ela tinha planeado. As suas aias eram-lhe leais porque em troca ela as protegia. Aquilo não era o tipo de coisa que ela fizesse.

"Minha senhora?", disse a miúda, com aquela sua voz irritante que lhes tinha arranjado tantos problemas na rua.

A verdade era que a miúda tinha sido menos do que inútil até àquele momento.

Agora, a única questão era saber o quão desesperadamente Stephania queria saber como derrotar Ceres. Até que ponto é que ela se queria vingar?

Havia apenas uma resposta para isso.

"Leva-a", disse Stephania. "Ela deixou-me ser *atingida*."

A miúda levantou as mãos como se para afastar uma ameaça, mas ela parecia não ter palavras para acompanharem, ao princípio. Quando as palavras chegaram, eram pouco mais do que um murmúrio.

"Minha senhora... por favor, eu posso fazer melhor... tu não podes fazer isso..."

Stephania viu a Velha Hara aproximar-se da aia, levantando uma mão e, em seguida, soprando através dela quase como se estivesse a mandar um beijo.

Stephania viu a pulverização dourada de pó a apanhar a miúda no rosto fazendo-a arfar.

Ela caiu um momento mais tarde, enquanto a bruxa tirava o pó das suas mãos.

"Respiração dourada", disse Stephania com uma certa dose de temor. O

veneno era uma raridade, destilado a partir dos caules do solo das flores trazidas das Terras do Sul.

"Eu tinha-o pronto não fosses tu ser tola o suficiente para me atacar", disse ela para Stephania. "Estou impressionada por o teres reconhecido."

"Eu fiz a minha parte", disse Stephania. "É bom que o que tenhas para me dizer valha a pena. Como é que detenho um Ancião?"

"Não deténs."

Naquele momento, a raiva cresceu em Stephania, e ela enfiou a mão na capa.

"Mas há uma pessoa que pode deter um Ancião", continuou a bruxa rapidamente. "Um feiticeiro que passou a sua vida a estudar as obras deles. Eu vi-o a matar um com as suas próprias mãos."

"Onde posso encontrar este feiticeiro?" quis saber Stephania.

"Nas terras de Felldust", respondeu a bruxa. "Onde o sol poente se encontra com os crânios de pedra mortos."

"E o que significa isso?", perguntou Stephania.

Ela viu a bruxa a estender as mãos. "Foi o que me foi dito no caso de eu alguma vez precisar de o encontrar. Deve ser simples o suficiente, para alguém com os teus recursos, e se disseres que fui eu que te enviei, ele pode até não te tirar a mente e não te despromover a serva dele. Porém, vou dizer mais uma vez, este é um negócio perigoso. A tua raiva vale o risco?"

A raiva por si só não valia. Stephania estava acostumada a ser fria com a sua raiva, empurrando-a para baixo. A vingança, porém, valia sempre a pena.

"Isso não é da tua conta", disse Stephania. "Diz-me, se eu te tivesse matado depois de saber o que queria, que sinal não me terias dado para o feiticeiro?"

Ela viu a Velha Hara sorrir novamente. "Um corvo enviado para ele com a minha marca. Tu tens a astúcia para aprender o ofício, minha senhora."

Provavelmente era um elogio, mas Stephania tinha coisas muito melhores para aprender. Ela afastou-se, deixando a sua serva ao seu destino.

Era hora de vingança.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Lucious estava tudo menos feliz por estar a ir-se embora do Stade e de volta para o castelo. Ele tinha estado tão ansioso para ver o desaparecimento final dos escravos.

Parecia que ele não tinha escolha, no entanto.

"Tens a certeza de que isto não poderia ter esperado?", perguntou Lucious a um dos homens. Ele usava a armadura de gumes dourada da guarda real, e não o comum vermelho e prata dos guardas.

"O rei disse 'imediatamente', sua alteza", disse o homem, com uma planura que fez Lucious lembrar-se de teca ou pedra.

"E ele disse do que se tratava?", quis saber Lucious, enquanto eles continuavam apressados em direção ao castelo.

Ao lado dele, o silêncio era palpável. O guarda-costas real não fez mais do que não dignificar o pedido com uma resposta. Se Lucious pudesse tê-lo feito, ele teria despromovido o homem por isso, ou tê-lo-ia enviado para as franjas do Império para lutar contra os invasores que, por vezes, vinham ao longo da fronteira, mas esses guardas respondiam apenas ao rei.

A caminhada até o castelo pouco fez para melhorar o humor de Lucious. Não era apenas a turbulência na cidade, quando todos deviam ter ficado nas suas casas, com medo dele. Era a maneira como ele tinha de andar entre os dois guardas para manter afastadas as ameaças das ruas, parecendo-se menos como uma figura que eles estavam a proteger e mais com um prisioneiro que eles estavam a guardar.

Quando chegaram ao castelo e às portas para as câmaras do seu pai, Lucious estava a fumar. Quando um dos guarda-costas que lá estava se colocou no seu caminho, Lucious quase atacou o homem. Apenas o pensamento de que ele era provavelmente mais do que capaz de bater em Lucious e transformá-lo numa polpa o impediu.

"Sai do meu caminho, homem!", ordenou Lucious.

"Perdoa-me, sua alteza, mas ainda estás a usar a tua espada."

Lucious queria desembainhá-la e enfiá-la no homem, mas, em vez disso, ele entregou-a contra vontade, atirando a sua adaga apenas para marcar a sua posição. Os guardas finalmente recuaram e Lucious passou por eles.

"Lembra-te que um dia eu vou ser o teu rei", disse Lucious no que ele esperava ser um tom adequadamente perigoso. Mais uma vez, encontrou silêncio.

O seu pai estava sentado no trono que ele mantinha dentro dos seus aposentos, é claro. Ele sempre o fazia quando queria parecer grave. Lucious teria acreditado

melhor se ele não tivesse sabido de todas as miúdas servas que ele havia tido ali para o 'atenderem' naquele trono, e de todas as vezes que ele tinha ficado tão bêbado que tinha caído dele. Lucious tencionava continuar ambas as tradições quando fosse rei.

Hoje, a expressão do seu pai era séria, mesmo severa. Não havia nenhum sinal da mãe de Lucious. Depois da última vez que tinham falado ali, Lucious teve a sensatez de se curvar profundamente, mesmo sentindo que deveria ser o seu pai a levantar-se para ir ao seu encontro.

"Lucious, meu filho", disse o seu pai, levantando-se. "Eu esperava que viesses mais cedo."

"Eu estava ocupado com as coisas no Stade. A proteger o *nosso* Império", disse Lucious. "A fazer todas as coisas que tu querias que eu fizesse."

"As coisas que eu queria que tu fizesses, sim", disse o pai. Ele entrou na área das câmaras, onde as

estátuas dos reis há muito mortos olhavam para baixo.

Lucious seguiu, mesmo odiando os olhos mortos a olharem para ele.

"Lembraste das lições que Cosmas te ensinou?", perguntou o pai. "Sabes quem são estes homens?"

"Os meus antepassados", respondeu Lucious, porque, com sinceridade, quem é que tinha tempo para se lembrar dos nomes dos mortos?

"Os teus antepassados, sim", disse o pai. "Alguns deles eram homens bons.

Alguns deles eram tiranos sanguinários. Este é Nemius, o Rei de Um Ano. Eles dizem que ele era um homem sábio e bom que tentou mudar o Império."

"A mim parece-me mais como um tolo", disse Lucious. "Porque é que o chamam de Rei de Um Ano?"

"Ele morreu em menos de um ano, tentando ajudar com a borbulhante praga", disse o pai. "Como tu saberias se tivesses aprendido a tua história."

"Chamaste-me mesmo aqui para falar de antepassados tão estúpidos que não se conseguiam manter afastados de poços de pragas?", quis saber Lucious.

Ele ouviu o seu pai suspirar da mesma maneira que sempre havia incomodado Lucious, como se Lucious só existisse para o desapontar.

"Tu não tens paciência, Lucious. É apenas um dos teus problemas."

Lucious pensou que tinha tido muita paciência, à espera da sua vez para governar, mas ele não o disse. Em vez disso, ele riu-se.

"E o que é que a paciência fez de bem ao teu Rei de Um Ano?", perguntou.

"Provavelmente, se ele tivesse tido menos, ele teria conseguido fazer mais."

"Tens algum respeito pelas façanhas dos homens anteriores a ti?", quis saber o seu pai. "Tens algum respeito por *alguma coisa*?"

"Eu tenho respeito pelo poder", disse Lucious. "Pela força dos nossos braços e pela posição que o nosso sangue nos dá. Ajuda-me saber sobre os homens

mortos?"

"Pode ajudar a evitar alguns dos seus erros", retorquiu o seu pai.

Lucious duvidava. Ele apontou para um aleatoriamente, uma vez que para si eles eram todos iguais. "E este?"

"Phenus", respondeu o pai. "Ele lutou em guerras para expandir o Império. Ele também tributou os seus camponeses em demasia e suportou anos de fome". Ele seguiu para outro. "Este é Falkon o Traficante de

Escravos, que levou as filhas dos seus nobres para a sua cama, e foi envenenado pelos seus próprios cortesãos.

Este é..."

"Vais passar por todos eles?", quis saber Lucious.

Ele encolheu-se quando o seu pai se virou para ele. Maldito fosse ele por sempre ser capaz de fazê-lo sentir medo, apesar da sua idade.

"Tu não estás a ouvir, Lucious. Estes são homens que foram longe demais, como tu! Tu tens aterrorizado Delos e a paisagem ao seu redor. Tu tens retirado e retirado, sem pensar no que é deixado para trás. Tu tens sido cruel só por ser, e apenas alimentaste a rebelião!"

"Eu não fiz nada que tu não me dissesse para fazer", relevou Lucious. "Tu disseste-me que os nobres podiam levar o que quisessem dos camponeses, e foi o que eu fiz. Tu disseste-me para lembrá-los do seu lugar, e foi o que eu fiz."

"Mas eu esqueci-me que *nós* temos um lugar também", respondeu o pai. "Eu não estou apenas a culpar-te a ti, meu filho. Eu esqueci-me, tanto quanto tu, que nós existimos para cuidar do Império, e não apenas para extrair dele. Um pastor que cuida do seu rebanho ano após ano, e não os lobos que caem em cima dele para o abater."

"Isso soa ao tipo de disparate que Lorde Oeste poderia ter dito", contrapôs Lucious. Ele estava feliz por o velho tolo estar morto, embora irritado por ele ter morrido tranquilamente. Um traidor assim não o merecia.

"Lorde Oeste foi um dos meus amigos mais próximos", disse o seu pai, parecendo mais velho do que nunca para Lucious. "Ele era um homem honrado.

Tu ias matá-lo como se ele estivesse ali para tua diversão."

"Eu ia dar um exemplo que iria parar os outros", respondeu Lucious, com a raiva a correr através de si a cada batida do seu coração. "Não comeces a dar sermões, Pai. Tu tens feito imensas coisas cruéis no teu tempo, e tu tens a tua quota-parte nisto. Tu *querias* isto."

O pai dele virou-se para o olhar nos olhos. "E agora, eu não quero."

Ele disse-o como se fosse assim tão fácil. Como se o mundo se virasse de acordo com os seus caprichos. Como se Lucious devesse mudar quem ele era, simplesmente porque o seu pai não queria mais o que, em tempos, tinha querido.

"Eu hoje tenho estado a emitir ordens", disse o pai. "Eu ordenei que os rebeldes capturados fossem libertados. Os impostos vão ser novamente colocados nos seus níveis anteriores e não haverá mais apreensões de bens ou torturas aleatórias. Isto acaba, Lucious."

Lucious congelou, mal acreditando no que estava a ouvir.

"E como é que parecer fraco nos ajuda?", quis saber Lucious.

"Não é fraqueza mostrar contenção, ou fazer o que está certo", disse o rei.

"Embora tenha demorado muito tempo a lembrar-me disso, e eu não tenho a certeza de vos ter ensinado tudo isto."

Porque *não era* verdade, pensou Lucious. Era simplesmente uma mentira contada pelos fracos para tentar conter os fortes. Ele pensava que o seu pai era mais esperto.

"E é por isso que eu tenho outra coisa para te dizer, Lucious", disse o pai.

"Algo que eu devo admitir para o mundo."

Um silêncio pesado caiu, até que ele finalmente olhou-o nos olhos com grave solenidade.

"Thanos... ele é teu irmão."

Ele disse-o como se fosse uma grande revelação, e Lucious teve de se lembrar que não era suposto ele saber o segredo da paternidade do seu irmão.

Felizmente, o seu pai estava muito embrenhado na sua própria confissão para perceber o deslize.

"Eu era jovem e tolo", continuou o Rei Claudius. "Mas ainda fui mais estúpido por tentar encobrir o que aconteceu. Eu mandei retirar os eventos dos registos, mas já mandei por tudo no lugar. Eu vou voltar a ter Thanos como meu filho".

Tal apanhou Lucious de surpresa, roubando-lhe a respiração. Ele sentiu o seu mundo a desabar.

"Não", disse ele suavemente. "Não, isso não pode..."

"É verdade", assegurou-lhe o seu pai, como se fosse com isso que Lucious estava preocupado. "Thanos é teu irmão."

"Eu sei disso!", gritou de volta Lucious. "É claro que eu sei disso! E ele sabe disso, e, provavelmente, metade da rebelião já sabe disso agora! Achas que esta charada enganou alguém?"

O seu pai parecia atordoado.

"Não me levantes a voz, rapaz", disse o rei. "Eu ainda sou o teu pai."

"E pai de quem sabe quantos mais", disse Lucious. "Todos nós damos as nossas voltas com as camponesas, mas isso não significa que temos que reconhecer os seus fedelhos!"

O seu pai ficou vermelho.

"A mãe de Thanos não era uma camponesa!", disse-lhe, de repente o seu pai, e, por um momento, Lucious pensou que ele poderia atacá-lo. Lucious deu por si a recuar automaticamente, e ele odiava-se por isso.

"Eu não vou aceitar isto", disse Lucious, com os punhos cerrados. "Não vou."

Eu sou teu filho. A minha mãe é a tua esposa!"

"Tudo isso é verdade", disse o seu pai, e houve algo no seu tom que fez com que Lucious pensasse que talvez ele lamentasse tudo aquilo. Isso fez com que a raiva se instalasse no peito de Lucious como uma pedra, com o seu peso a fazer com que respirar fosse difícil.

"É tudo o que tens a dizer?", quis saber Lucious. "Apenas que é verdade que eu sou teu filho, que a minha mãe é tua esposa? Faz com que isto pareça ter algum significado, seu velho tolo."

"Eu *tenho* sido um tolo", disse o pai. "Um tolo por pensar que tu irias entender isto, Lucious. Eu passei a minha vida a não ver o que tu és. Eu inventava desculpas para ti, quando o que eu deveria ter feito era ter-te ensinado melhor. Eu dei-te o pior tipo de exemplo, e tu seguiste-o."

Lucious não disse nada então. Ele não tinha a certeza do que restava por dizer.

"Tu e Athena, eu sei, vão levar tempo a adaptar-se", disse o pai, "mas vocês *vão* habituar-se à ideia, Lucious". O pai dele estendeu a mão para tocar na estátua que representa o avô de Lucious. "Vocês devem habituar-se, porque quando eu reconhecer Thanos, ele será o meu filho mais velho. O meu herdeiro. Ele será o teu rei um dia, Lucious."

Lucious abanou a cabeça, recusando-se a aceitar o que estava a ouvir.

"Ele é um traidor. Ele ajudou a rebelião e tu vais recompensá-lo assim?"

"Ele é um homem disposto a arriscar tudo pelo que ele acredita ser certo", disse o pai. "O Império precisa de um governante com esse tipo de honra."

Lucious sentia-se como se ele pudesse ser uma das estátuas em torno dele, tão frio e vazio quanto qualquer um delas. Ele tinha passado para além da simples raiva agora, para algo vazio, perigoso e puro.

Talvez se o pai não lhe tivesse tocado naquele momento, talvez pudesse continuar tudo bem. Lucious havia engolido a sua raiva antes, muitas vezes. Ele havia empurrado-a para trás, havia-se contido. Então, mais uma vez, onde é que isso já o tinha alguma vez levado?

Assim, o seu pai era estúpido o suficiente para alcançar e tocar no seu ombro, como se isso fosse suficiente para acalmá-lo. Como se afeição vinda do homem que tinha acabado de arruinar a sua vida fosse melhorar as coisas.

Lucious atacou por instinto, sentindo o seu punho afundar-se profundamente no estômago do seu pai. Soube-lhe bem finalmente fazê-lo quando ele havia sonhado com isso tantas vezes. Tão bem que, na verdade, ele fê-lo novamente.

"Lucious", disse o pai, "o que é que estás a fazer? Pára com isso."

A melhor parte daquilo, a parte que Lucious suspeitava que fosse ficar com ele até ao dia em que morresse, era o medo que ele ouvia ali. O medo que ele sempre havia querido ouvir do seu pai. O mesmo medo que ele, de alguma forma, conseguiu inspirar em Lucious toda a sua vida. Lucious sentia como se estivesse a assistir de longe, disfrutando da mesma maneira que poderia ter disfrutado um desempenho particularmente brutal no Stade.

Foi a partir desse ponto de vista que ele se viu a levantar o busto de pedra do Rei de Um Ano. Parecia apropriado, de alguma forma, usar o busto de um tolo real em outro, um rei que mal tinha reinado tempo suficiente acabar com outro que tinha reinado demasiado tempo.

"Lucious", implorou-lhe o pai. "Não!"

Lucious atacou, e a sensação não foi a que ele esperava. Ele tinha antecipado que seria uma sensação espetacular, como estar deitado com um bando de donzelas ou chacinar uma aldeia. Em vez disso, como em muitos dos momentos da sua vida, pelos quais ele tinha almejado, ele não sentia nada. Nada para além do embate da pedra contra o crânio, pelo menos, o aborrecido impacto da pancada de tudo aquilo.

Lucious atingiu-o novamente, de qualquer maneira, só para ver se sentiria alguma coisa, então.

Nada ainda.

De pé sobre o seu pai, ele sabia que deveria ter sentido culpa, vergonha ou uma das outras emoções que os camponeses pareciam sentir tão fortemente.

Sobretudo, ele sentiu satisfação.

Satisfação e uma sensação de que aquilo era tudo culpa do seu pai. Ali de pé assim, a observar o que eram certamente os últimos suspiros do seu pai, ele não conseguia pensar em nada a não ser na estupidez do homem. Ele havia andado a fazer as coisas certas. Ele havia dado a Lucious a oportunidade de fazer o que quisesse. Lucious tinha até acreditado que, com o tempo, ele ficaria orgulhoso de tudo o que o seu filho tinha feito para proteger o Império.

Em vez disso, ele provou ser tão fraco e tão tolo quanto todos os outros.

Lucious deixou a estátua cair da sua mão, tendo o cuidado de limpar o sangue.

Sem dúvida que a guarda real iria tentar matá-lo se o vissem assim, apesar de que, uma vez estando o seu pai morto, ele seria o rei, e eles não se atreveriam a levantar uma mão.

"Lucious...", o seu pai suspirou a partir do chão, dando o seu último suspiro.

Lucious franziu o olhar olhando para baixo.

"Queres dizer *Rei* Lucious", respondeu ele, enquanto se dirigia para a porta.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Thanos caminhava pelo castelo em ponta dos pés, olhando à volta, a cada passo, pelos guardas que podiam estar à espera. Ele não se podia deixar capturar antes de fazer a sua oferta ao seu pai.

Ele apertou-se num nicho atrás de uma cortina quando uns guardas passaram, não se atrevendo a respirar enquanto ecoaram passos à frente do seu esconderijo.

Ele manteve-se quieto até ter a certeza de que a ameaça se tinha ido e, em seguida, continuou o seu caminho.

Ele conhecia os caminhos secretos do castelo, tão bem quanto ninguém. Ele havia corrido pelos salões e pelas passagens quando era criança, aprendendo cada esconderijo, desviando os seus tutores ou brincando com as outras crianças do castelo quando ninguém estava por perto para dizer-lhe que não podia. Agora dava-lhe jeito, deixando-o chegar cada vez mais perto do seu destino.

Contudo, não havia maneira de esgueirar-se para os aposentos reais sem ser visto. Reis com passagens secretas para os seus quartos não duravam muito tempo, e havia guarda-costas na porta, parecendo tão implacáveis como nunca.

Thanos pensou em distrai-los, atrai-los para longe, ou mesmo apenas apelar à sua lealdade, mas ele sabia que não devia tentar.

Os guarda-costas reais sabiam as suas tarefas, e eles estavam absolutamente comprometidos com a segurança do rei. Talvez fosse porque eles sabiam que seriam executados se algo acontecesse à realeza na sua responsabilidade. Não, só havia uma maneira de passar por eles.

Thanos foi pé ante pé tão perto quanto conseguiu, e depois avançou para ataque.

Ele apanhou o primeiro homem com um soco no queixo atirando-o para o chão e, em seguida, atirou-se contra o segundo, agarrando-o e arrastando-o para baixo com ele. O homem era forte, mas Thanos havia treinado com o melhor dos lordes de combate, e ele ficou por cima. Ele enrolou um braço em torno da garganta do homem, apertando com força. O guarda agitava-se para apanhar a sua arma, mas Thanos agarrou-lhe o braço e continuou a apertar até o seu adversário ficar mole.

Ele soltou-o e tentou a porta, abrindo-a o mais silenciosamente que conseguiu.

"Pai?"

A sala do outro lado parecia estar preparada para receber visitas, mas parecia vazia. Por um momento, Thanos pensou que tinha avaliado mal onde o seu pai estaria naquele momento do dia, mas se o rei não estivesse na sua sala do trono ou fora a caçar, aquele seria o lugar mais provável.

Então Thanos olhou para além do trono.

Ele ficou em estado de choque.

"Não", disse ele em voz alta. "Não pode ser."

O seu pai estava deitado no chão, com as suas vestes reais manchadas de escuro com sangue. A sua cabeça parecia uma confusão sangrenta, enquanto uma das estatuetas da coleção que representava reis anteriores estava deitada no chão ao lado dele, avermelhada na base.

"Não!", gritou Thanos.

Ele correu e ajoelhou-se no sangue que fazia poça no chão do quarto do seu pai. Ele não se importou por o sangue estar a ser embebido pelas suas roupas e por estar a cobrir as suas mãos.

Ele segurou gentilmente a cabeça do seu pai. O rei parecia tão leve, tão frágil que poderia ser uma criança. Thanos sentiu as lágrimas nos olhos de uma maneira que ele nunca poderia ter pensado ser

possível para um homem que tinha sido tão cruel ao longo da sua vida. No entanto, aquele era o seu pai, que estava ali morto entre as estátuas dos seus antepassados.

Só que, quando Thanos se ajoelhou ao lado dele, viu o peito do seu pai a subir e a descer em fraqueza mas em agitação. Ele estava a respirar, mesmo que por um fio, e, tal foi o suficiente para fazer florescer a esperança no coração de Thanos.

Quando os olhos do Rei Claudius se abriram, Thanos atreveu-se a pensar que as coisas podiam afinal correr bem.

"Pai, consegues ouvir-me?", perguntou Thanos. "Aguenta-te, vai correr tudo bem. Vou buscar ajuda."

"É tarde demais", respondeu o rei, entre respirações irregulares. "Eu estou.. a morrer, Thanos. Eu consigo... senti-lo."

"Não", insistiu Thanos. "Tu não consegues saber isso. Tu já viste homens no campo de batalha que pensavam que iam morrer e viveram. Deixa-me ir buscar o médico da realeza."

"Eu vi mais que... morreram quando lhes disseram que eles viveriam", disse o pai. "Lucious... matou-me."

"Lucious", repetiu Thanos.

A necessidade de retribuição, por algum tipo de justiça, ardia dentro de si.

Ele tinha deixado Lucious escapar com tantas coisas, ele havia-o poupado por causa de ele ser quem era ou por causa dos problemas que isso causaria.

"Eu vou matá-lo por isto. Vou destruir o castelo se tiver de o fazer."

"Thanos, ouve-me", disse o pai. "Nós não temos... muito tempo."

Pela primeira vez, a realidade bateu à porta. Estes eram os últimos momentos que ele jamais iria ter com o seu pai. Se alguma vez tivesse havido uma hipótese

para eles se reconciliarem, para que as coisas melhorassem, isso tinha-lhes sido arrancado.

"Pai", começou Thanos, mas tentar fazê-lo naquele momento parecia errado de alguma forma. Ele tinha ido ali para implorar pela vida de Stephania. O rei interrompeu-o em qualquer caso.

"Thanos... existem... coisas que eu tenho de te contar. Fui tolo". Por um momento, o seu pai fechou os olhos, e Thanos pensou que o fim havia chegado, mas de alguma forma ele continuou. Houve ali um indício da velha força quando o seu pai falou novamente. "No que dizia respeito à tua mãe, eu era um tolo e mais do que isso. Eu era cruel. Eu colocava a política à frente do que eu sentia. Nós precisávamos das terras que Athena trazia com ela, e a tua mãe... teria tornado as coisas difíceis."

Thanos tinha ouvido essa parte, mas ele achava que o seu pai queria, pelo menos, tentar fazer as coisas como devia ser.

"Não importa agora", disse Thanos.

"Importa mais do que nunca", respondeu o pai. "Eu tentei empossar-te, mas Lucious não vai permitir isso agora. Ele irá impedi-lo, encobrir a verdade. Tu terás de ser capaz de provar a verdade, toda a verdade. Isso significa que..". Ele prendeu a respiração, lidando com isso enquanto lutava pela vida.

"O que foi, Pai?", perguntou Thanos.

"Pai. Eu gosto de te ouvir chamar-me assim", o rei conseguiu dizer. Um olhar de dor atravessou o seu rosto e Thanos viu-o a ficar pálido. "Felldust. Vais encontrar as respostas que precisas em Felldust. Foi para aí que ela foi depois de eu..."

Ele suspirou novamente, naquele momento, com os seus olhos a olhar para algo para além de Thanos.

"Aguenta-te", disse Thanos. "Eu vou pedir ajuda. Os médicos devem ser capazes de fazer *alguma coisa*."

Porém, não houve resposta. Na sua vida, Thanos já tinha visto mortes suficientes a chegar para reconhecer o momento em que o olhar vítreo dos olhos paravam de olhar para este mundo.

Quase automaticamente ele fechou os olhos do seu pai.

Ele não esperava dor naquele momento. Afinal, este era o homem que havia aterrorizado o seu próprio império, que tinha dado a Lucious a liberdade de fazer o que queria e que tinha sacrificado desafios à sua governação com mãos tão sangrentas quanto as de Thanos estavam naquele momento. Este era o homem que tinha tentado controlar a vida dele, que o havia enviado para Haylon e que o tinha declarado um traidor pelo seu papel ao ajudar a rebelião.

Ele não deveria ter sentido nada por este homem, mas ele sentia. Um vazio profundo cresceu em si, pela tristeza provocada não apenas pela perda de um pai, mas pela perda do que poderia ter sido. Ele poderia ter tido um pai de verdade, mas ele nunca tinha tido isso. O Império poderia ter tido um rei que se importava consigo. Thanos poderia ter estado numa posição em que respeitava e amava o seu pai, em vez de vê-lo como o símbolo de tudo o que era cruel e duro na maneira como o Império governava.

Thanos lamentava-o. Lamentava também o facto de que ele nunca ter tido a oportunidade de conhecer o seu pai *como* seu pai, apenas como o rei a dar-lhe ordens que magoavam tantas pessoas. Ele lamentava o homem que o seu pai poderia ter sido, um homem que ele tinha apenas visto por breves vislumbres.

Ele estava ali ajoelhado no sangue do seu pai, e ele sentiu as lágrimas começarem a cair-lhe. Thanos enxugou-as, mas isso apenas o deixou com sangue no rosto, com o calor das manchas de sangue a ser cortado por trilhos de lágrimas recentes. Ele limpou-as com as mangas, mas isso apenas fez com que as suas roupas ficassem vermelhas.

Ele ficou parado, sem saber o que fazer a seguir. Sem sequer saber por onde começar. Ele tinha ido lá para salvar Stephania, e, em vez disso, tinha encontrado *isto*. Mas o que deveria ele fazer agora? Deveria ele fugir como se nada tivesse acontecido? Deveria ele tentar chegar a Stephania e tirá-la de lá em segurança?

Deveria ele fazer o que todos os ossos do seu corpo lhe estavam a mandar fazer e ir atrás de Lucious e estripá-lo pelo que ele tinha feito ao seu pai?

Deveria ele ficar ali, simplesmente porque não conseguia abandonar o corpo do seu pai?

Thanos não sabia o que fazer. Ele não conseguia pensar, naquele momento, não conseguia fazer nada a não ser sentir. Ele ficou ali, a olhar para as suas mãos ainda sangrentas, e nada parecia fazer sentido.

Ele não tinha a certeza de há quanto tempo ali estava, porque até mesmo os seus próprios batimentos cardíacos pareciam não ter qualquer significado naquele momento, a não ser para chamarem a atenção para o facto de que o coração do seu pai já não batia.

Ele ainda estava ali quando ouviu as portas das câmaras a abrirem-se. Ele deu meia-volta, pronto para lutar. Algum instinto lhe disse que poderia ser Lucious, e, se fosse, então Thanos tencionava certificar-se de que ele não deixaria aquela sala novamente.

Não era Lucious, porém.

Eram guardas. Mais de uma dúzia a desdobrarem-se em torno da borda da sala num círculo ameaçador. Os dois que Thanos havia nocauteado estavam

juntamente com eles, atordoados, a olharem como se tivessem acabado de ser sacudidos de volta à consciência.

A Rainha Athena estava no meio deles, com uma expressão fixa, parecendo uma pintura cruel de uma deusa da vingança. Thanos viu-a a olhar para a sala, para ele e para o seu marido morto, assimilando tudo. Ele via-a a ofegar e cambalear ligeiramente enquanto assimilava, com a sua máscara de perfeição impassível a deslizar por um momento enquanto ela o fazia.

Thanos viu dor e horror por baixo, e, uma parte dele, ficou com melhor impressão acerca da rainha por causa disso. Ele não tinha pensado que ela fosse capaz de sentir qualquer coisa para com os outros.

"Tu!", rosnou ela, com o seu olhar fixado nele. "O que é que fizeste? O que é que fizeste?"

Um guarda passou a correr por Thanos, dirigindo-se para o corpo do rei e curvando-se sobre ele.

"Ele está morto!", gritou o homem. "O rei está morto."

Seguidamente, dois guardas sacaram das suas espadas, indo na direção dos guarda-costas reais que Thanos havia derrubado. Antes dos homens se conseguirem mexer para os deter, as espadas dos guardas entraram nas suas gargantas e saíram, deixando os guarda-costas a agarrarem-se às feridas enquanto caíam.

Thanos recuou horrorizado ao ver aquilo e ao ver a maneira casual como aqueles homens conseguiam matar os seus próprios por falharem. Sentia-se culpado também, porque se ele não tivesse lutado com os guardas para conseguir entrar, eles ainda poderiam estar vivos agora. Talvez não, contudo, porque ainda poderiam ter sido mortos quando eles descobrissem o que Lucious tinha feito.

"Tu mataste-o", disse a Rainha Athena, olhando para Thanos. "Tu mataste o meu marido!"

Naquele instante, ocorreu a Thanos o que aquilo poderia parecer. Ele tinha entrado furtivamente no

castelo, e tinha lutava com os guardas à porta para entrar para os aposentos reais. Agora, o rei estava morto atrás de si, e Thanos estava ali, tão coberto pelo seu sangue que, provavelmente, parecia um louco ou um monstro.

Se Thanos tivesse encontrado alguém naquela situação, o que é que *ele* pensaria?

Mesmo assim, Thanos tentou explicar a verdade.

"Foi Lucious que fez isto", disse ele. "Lucious matou o rei porque o Rei Claudius ia reverter a violência de Lucious e colocá-lo em segundo na linha de sucessão ao trono, por mim."

Mesmo ao dizê-lo, Thanos conseguia ver a descrença em cada um dos rostos que ali estavam. Em cada rosto, exceto no da rainha. Para ela, parecia haver uma

espécie de reconhecimento horrorizado da verdade, sabendo que era exatamente o tipo de coisa que o seu filho podia fazer.

"Porque faria ele uma coisa dessas?" quis saber a Rainha Athena.

"Porque eu sou filho do rei", respondeu Thanos, e ele viu que a rainha sabia a verdade. "Tu sabes o que está a acontecer. Tu sabes que foi Lucious que fez isto."

"Eu não sei de tal coisa!", berrou a Rainha Athena, e Thanos conseguia vê-la a tentar encobrir a sua reação. "És tu que estás aí de pé coberto com o sangue do meu marido. Foste tu que te juntaste à rebelião. Essa é que é a verdade! A derradeira tentativa de inviabilizar a vitória do Império! Porque é que não está ninguém a agarrar esse traidor?"

Eles avançaram para ele, então, e Thanos lutou, porque ele sabia que ninguém o ia ouvir ali. Ele deu um murro que apanhou um guarda de lado com força.

Depois, passou entre mais dois, para ir para a porta. Desarmado, ele não podia desejar lutar contra tantos homens. Ele só podia desejar escapar.

Ele correu para a porta, mas umas mãos agarraram-no. Thanos girou, sentindo o seu cotovelo na cabeça de um guarda, mas, em troca, choveram golpes na sua cabeça. Os guardas atacavam-no de todos os ângulos, e se eles fossem apenas um ou dois, então talvez ele tivesse conseguido aguentar, e até mesmo lutar em resposta.

Mas assim, eram simplesmente muitos. Um par de guardas atacou-o e Thanos caiu sob uma massa alastrada de corpos. No entanto, os guardas estavam a meter-se à frente uns dos outros para evitar que Thanos fosse espezinhado até à morte.

Por fim, ele sentiu umas mãos a agarrarem-no em torno dos seus braços, pondo-o de pé e segurando-o no lugar, apesar dos seus esforços para fugir. Ele viu a rainha Athena a observá-lo com um ódio cortante que parecia envolver alguma congeminação.

Thanos podia adivinhar o que ela estava a pensar. Que se tivesse de escolher entre o seu filho e um homem que odiava o sistema que lhe tinha dado tanto, não havia escolha. Que isto poderia ser uma oportunidade assim como uma perda.

Que só uma coisa lhe daria o controlo sobre um filho encarregue do Império.

"Tu sempre nos odiaste", disse ela, "mas eu nunca pensei, ainda assim, que tu fizesses algo tão mau. Tu traíste o teu império, mas eu nunca pensei que fosses tão louco ao ponto de assassinar o teu rei!"

"Lucious vai trair-te em tempo", disse Thanos. "Se ele consegue fazer isso ao seu pai, achas realmente que estás em segurança?"

A Rainha Athena avançou e atingiu-o com força na cara.

"Levem este traidor e executem-no", disse ela.

A última coisa que Thanos viu foi um monte de corpos a esmurrarem-no, arrastando-o para longe, tapando-lhe a luz à medida que o seu mundo ficava

preto.

CAPÍTULO VINTE E SETE

De uma entrada ensombrada Stephania olhava para os navios em todo o cais, incapaz de afastar as memórias de tudo o que tinha acontecido da última vez que ela tinha lá estado. A raiva aumentou ao pensar que Thanos a havia abandonado, e a frieza do abandono era mais do que suficiente para afastar o seu medo.

Ela estava com medo do que pudesse acontecer se Lucious descobrisse que ela estava a tentar sair de Delos. Muitos dos seus velhos informadores eram dele agora e ela não sabia em quem confiar. Se ele descobrisse alguma coisa sobre isso, ele provavelmente *iria* mantê-la a sete chaves, obrigando-a a cumprir as suas ordens.

Ou tentando, de qualquer das maneiras. Stephania iria vê-lo morto antes disso.

O que seria tão bom quanto o suicídio, pensou Stephania, apertando ainda mais a sua capa em torno de si mesma. Ela tentava dizer a si mesma que a razão pela qual ela estava a tremer era do frio do ar do mar.

Ela ainda estava a tentar perceber o caos nas docas. Havia muitos navios, com muitos nomes desconhecidos. Ela poderia ter tentado uma das poucas galeras imperiais que estavam lá alinhadas, mas demoraria tempo para reunir o material de chantagem apropriado sobre um dos capitães, e naquele momento, Stephania não tinha tempo.

Havia um monte de coisas que ela não tinha. Ela não tinha as suas aias, porque ela tinha tido de as deixar para trás no castelo para manter alguma pretensão de normalidade. Ela não tinha os seus recursos completos, apenas três sacos contendo ouro, prata e pedras preciosas, quase tão cuidadosamente escondidos, como as facas e frascos de veneno que havia trazido. Em comparação com as vantagens que estar no coração do Império lhe dava, aquilo era praticamente nada.

Stephania conseguia ver homens armados a fazer o seu caminho ao longo das docas naquele momento. Homens de aparência rude; exatamente o género que Lucious podia empregar calmamente. Stephania comprimiu-se mais profundamente no recanto de pedra da entrada, certificando-se de que eles não a tinham visto.

Tinha de haver alguém. Algum navio que fosse para onde ela queria e que a levasse como um passageiro, sem perguntas. O *Dantenine*? Não, o seu capitão tinha a reputação de trair os passageiros. O *Fire Adder*? Podia estar a ir para o destino dela, mas se Stephania conseguisse ter subornado o seu capitão tão facilmente, ela tê-lo-ia usado para a sua primeira fuga com Thanos. Ela tinha

queimado tantas pontes a tentar salvá-lo que agora ela não conseguia encontrar uma segura para atravessar.

Era só mais uma coisa pela qual o odiava, até ao momento.

Da mesma maneira que um dia luminoso se transforma em noite, o amor pode transformar-se em ódio, pensou Stephania, tentando lembrar-se de onde era o pequeno fragmento de poesia. Não parecia o tipo de coisa que um dos seus supostos pretendentes pudesse recitar. Ah, era isso; o poeta dos Anciãos, Varaeth. O Velho Cosmas tinha conseguido que ela lesse as suas obras uma vez quando...

Stephania abanou a cabeça. Ela estava a tentar distrair-se do momento em que ela tinha de agir, quando aquele era um momento que pedia determinação. Ela tinha de se lembrar quem ela era. Não *importava* que ela não conseguisse encontrar o navio perfeito. Ela iria encontrar um e fazê-lo funcionar, por meio de suborno, ou ameaças ou de qualquer outra coisa que fosse preciso.

Stephania olhou para o outro lado do cais, e foi quando ela viu o barco que tinha a sua serva, Elethe. Stephania tinha assumido que a miúda ou havia sido morta no decurso da sua tarefa, levada juntamente com Thanos, ou tinha simplesmente decidido demorar muito tempo na cidade. Em vez disso, ela estava num pequeno barco, vigiada por uma outra mulher que parecia, aos olhos de Stephania, poder ter sido uma pirata ou uma mercenária.

Bem, isso era aceitável. Ambas eram suficientemente fáceis de subornar e, no pior cenário, onde ela simplesmente tivesse de envenenar a mulher, pelo menos ela teria a sua aia de volta para a ajudar a procurar um outro navio.

Stephania caminhou ao longo da doca, apertando a sua mão numa das suas facas sob a capa, para o caso de ser necessário, sentindo o punho da faca pressionar profundamente a palma da sua mão. Para sua surpresa, a mulher no barco olhou para cima quando ela se aproximou. Ela não se tinha movido tão silenciosamente quanto pensava.

No barco, Stephania viu um lampejo de reconhecimento misturado com esperança atravessar o rosto de Elethe. Era amoroso que, apesar de tudo, a miúda ainda pensasse nela como uma salvadora. Se ela estivesse estado lá com Stephania, quando elas visitaram a velha bruxa, ela poderia ter descoberto o quão pouco aquilo contava.

"Minha senhora", disse Elethe.

Stephania rosou para si mesma. Será que *nenhuma* das suas aias compreendia a estupidez daquilo?

"És Lady Stephania?", perguntou a outra mulher.

"Tal como prometi", respondeu Elethe. "Thanos ajudou-a a escapar e mandou-a para nós."

Stephania sorriu então, porque ela percebeu que aquela era uma serva capaz de ver mais possibilidades

do que a maioria. Ela tinha dado a Stephania informações mais do que suficientes para começar. Ela retirou o capuz para que elas a pudessem ver melhor. Ela instruiu as suas feições para uma imagem perfeita da fugitiva assustada, com medo de ser apanhada. Não era difícil.

Bastava-lhe pensar no que lhe aconteceria se Lucious a apanhasse.

"Elethe", disse ela. "Quem é esta mulher? Thanos... ele enviou-me para aqui.

Ele... ele disse que me podias ajudar."

Ela estava provavelmente a exagerar um pouco, mas Elethe parecia estar divertida. Ela levantou-se atrás da outra mulher em silêncio, obviamente, pronta para atacar.

"Bem, não precisas de te preocupar", disse a mulher. "Assim que Thanos chegar aqui, vamos todos ficar em segurança. Levo-vos de barco para qualquer lugar no mundo para onde queiram ir."

Stephania apressadamente sinalizou Elethe para parar. Apenas uma contração dos dedos, mas foi o suficiente para a sua serva voltar a sentar-se. A outra mulher rodopiou como se estivesse à espera de um ataque, mas Stephania avançou.

"Qualquer lugar? Lamento, mas eu nem sei quem tu és, não propriamente."

"Lady Stephania", disse Elethe. "Posso apresentar-te a Capitã Felene? Ela tem... muitas façanhas, aparentemente. Ela esteve a falar-me sobre algumas enquanto esperávamos."

"Podes tratar-me somente por Felene", disse a outra mulher. "Irá Thanos demorar-se?"

Stephania abanou a cabeça, lembrando-se de fazer parecer como se ela estivesse angustiada com tudo o que lhe estava a acontecer.

"Thanos... não virá", disse ela. "Eles mataram-no."

Ela tinha tido sempre a capacidade de chorar a pedido. Ela tinha aprendido a fazê-lo quando era miúda, como o melhor método para conseguir o que queria.

Mesmo agora, ainda tinha o seu valor, ao sentir uma lágrima a rolar pelo seu rosto.

"Então tu sempre *sentes* algo por ele", disse Felene.

"Não me perguntes isso", disse Stephania.

Ela viu a expressão da capitã do barco a endurecer. "Pergunto se é para viajarmos juntas. Se Thanos morreu por causa de ti."

"Então, sim, eu sinto algo por ele!" retrucou Stephania. Afinal, ela tinha acabado de dizer a si mesma que o amor e o ódio não estavam assim tão distantes.

"E sim, ele morreu por mim, e eu sinto-me mal por isso. Eu não teria deixado que ele o fizesse, mas ele insistiu."

Ela viu Felene acenar. "Sim, esse é o tipo de coisa que Thanos faria."

Stephania viu a mão da capitã a apertar a borda do barco. Stephania esperava não ter ido longe demais. Seria inútil se a mulher fugisse numa qualquer busca desesperada para vingar Thanos.

"Eu espero que saibas o quão sortuda és por o teres conhecido", disse Felene.

"Ele salvou-me, e eu estou em dívida para com ele, e agora também tu estás.

Deves-lhe a ele fazer com que o sacrifício que ele fez tenha valido a pena."

"Eu vou fazer com que tenha valido a pena", disse Stephania, com o que esperava ser um nível adequado de sinceridade. "Eu vou até mesmo vingá-lo, mas para isso, há alguém que eu tenho de encontrar. Alguém que nos pode ajudar contra o Império, mesmo que o tenhamos de fazer em segredo. Mesmo que tenhamos de fingir que os apoiamos."

"Quem?", perguntou Felene, e apenas pelo tom dela, Stephania sabia que já a tinha.

"Há um feiticeiro, na terra de Felldust", disse Stephania. "Eu acho que ele pode-nos ajudar."

Ela viu Felene a considerar, mas não foi por muito tempo. A marinheira assentiu bruscamente.

"Tudo bem", disse ela. "Para Felldust. Como eu disse a Thanos, eu sempre quis levar secretamente uma princesa. Porém, nós *vamos* ter vingança?"

"Absolutamente", disse Stephania. "Eu prometo-te."

Era apenas uma questão de sobre quem. Elas iriam para Felldust, encontrar o feiticeiro e Stephania vingar-se-ia de Ceres. Quanto a Thanos, se ele não estava, na verdade, já morto, ela tinha uma maneira de certificar-se que ele acabava assim.

Ela colocou a mão na sua barriga. Ela ainda não conseguia sentir a criança a crescer dentro de si, mas isso iria acontecer. Ela iria criar o seu filho com pleno conhecimento do seu lugar no Império, e ela iria ensinar-lhe todas as habilidades que ele precisasse. Ela iria criar o seu filho com um ódio puro de Thanos que asseguraria a morte dele no caso de eles alguma vez se encontrarem.

"Está tudo bem, minha senhora?", perguntou Elethe enquanto ajudava Stephania a embarcar no barco.

Stephania assentiu e, pela primeira vez, sorriu largamente.

"Está tudo exatamente como deveria estar."

CAPÍTULO VINTE E OITO

Naquele preciso momento, Ceres sentia-se mais como um comandante a defender uma fortaleza do que como um lorde de combate no meio do Stade. A batalha parecia fluir em anéis concêntricos à sua volta, e ao golpear e dar impulso, ao girar e saltar, Ceres sentia-se como se ela fosse o centro do alvo do besante de algum arqueiro gigante.

Havia o anel de lordes de combate ao seu redor, cada um a lutar com a força de uma dúzia de guerreiros normais. Havia o anel de soldados petrificados, que parecia um antigo círculo de pedras em pé e que obrigava os soldados do Império a passarem um de cada vez, empurrando e espicaçando, enquanto se aproximavam do combate real. Para lá deles, havia o anel mais largo da multidão, atirando tudo o que conseguiam encontrar, tirando armas aos guardas e derrubando-os com as suas mãos nuas onde precisassem.

Todavia, Ceres não tinha tempo para observar; ela estava muito ocupada a lutar, correndo de um lorde de combate para outro, golpeando e apunhalando com ambas as suas espadas. Ela passou a golpear por um guarda de um oponente, baixou-se para trás de uma das figuras de pedra quando outro a atacou, e golpeou novamente.

A flecha da besta saltou de uma das figuras de pedra que ali estavam, mas mais nenhuma se seguiu. Havia, obviamente, muitos soldados a cercarem-nos para arriscar disparar. Qualquer pessoa que o fizesse tinha mais hipóteses de matar os seus próprios homens do que atingir um dos lordes de combate.

Mesmo assim, Ceres não se atrevia a recuar para espaço aberto. Em vez disso, com a velocidade e a força que o sangue dela lhe dava, Ceres dançava de adversário para adversário, passando pelas defesas a deslizar, evitando ataques e derrubando os seus atacantes. Ela atirou um para trás com toda a força da energia que estava dentro de si, fazendo com que ele fosse embater nas espadas dos seus companheiros e, em seguida, cortou a cabeça de uma lança com as espadas cruzadas.

Chegavam mais lanças por entre os espaços do anel de pedra que os protegia, à procura de carne como trepadeiras com o topo coberto de folhas de lâminas afiadas. Ela viu o lorde de combate com o machado enfiado no seu ombro, gritando ao arrancá-lo e dando balanço ao seu machado, em troca.

Ceres arrancou um das mãos de um atacante, passando-o para um lorde de combate o usar. O homem grande impulsionou-o com uma mão, empunhando uma espada curva com a outra para afastar as reações.

Não havia nenhuma da elegância do Stade na luta. Havia simplesmente demasiados oponentes para isso. O Stade era um lugar onde o espetáculo normalmente florescia a partir de dois adversários equilibrados, empurrando-se um ao outro até aos seus limites. Aqui, todos os adversários que tentavam forçar o seu caminho para dentro do círculo de pedra eram fáceis de derrubar, mas havia sempre um outro.

E depois outro.

Tornou-se uma questão de lutar de uma forma tão limpa e eficiente quanto possível. Mesmo com toda a força que os seus poderes lhe davam, Ceres sentia os braços cansados com a repetição mecânica de cortar carne e derrubar os inimigos. Uma das suas espadas partiu-se num escudo e Ceres teve de cair sobre um joelho para evitar a espada que se seguiu. Ela esfaqueou para cima, apanhou a espada do soldado que estava a morrer enquanto ele a soltava e, depois, girou para atacar um segundo soldado com ambas as espadas.

Havia um outro anel a formar-se em torno do primeiro agora, composto pelos corpos dos mortos, a empilharem-se uns em cima uns dos outros à medida que mais e mais soldados subiam sobre os seus companheiros mortos para tentarem romper e serem eles finalmente a matar Ceres.

Ceres não conseguia acreditar que eles não paravam de chegar. Certamente haveria de chegar um

momento em que eles perceberiam que não iriam prevalecer, e que continuar a atacar o anel de figuras de pedra era suicídio.

Mesmo enquanto eles o continuavam a fazer, eles estavam a ser atormentados pela multidão, mas se os soldados alguma vez voltassem a sua total atenção para as pessoas ali, eles iriam abatê-los. Eles estavam simplesmente muito bem armados.

A única esperança era continuar, mas não *havia* nenhuma esperança nisso, porque independentemente de quantos eles matassem, parecia sempre haver mais.

Ceres conseguia ver a pressão a aumentar agora, à medida que a exaustão se instalava entre os lordes de combate. Um aparou um golpe demasiado tarde, e grunhiu quando uma espada lhe cortou o braço. Outro caiu, quando outra lança se alojou profundamente no seu peito.

Ceres viu o perigo imediatamente, correndo para preencher a lacuna. Ela transformou um soldado em pedra enquanto ele tentava entrar no círculo e, depois, golpeou o braço de um segundo que tentou passar pela abertura.

Fez-se silêncio, sem novos atacantes a aparecerem, e, por um momento, Ceres pensou que talvez tivesse acabado. Ela atreveu-se a olhar através das pedras. O

que ela viu ali fez com que se baixasse às pressas. Besteiros e arqueiros estavam à frente de um anel de soldados, com as armas levantadas.

"Escondam-se todos!", gritou Ceres, apressando-se para a proteção de uma das pedras.

Flechas e dardos escureceram o céu, pendurados durante um momento antes de caírem. Ao caírem, eles cobravam o seu pedágio. Ceres estremeceu ao ver lordes de combate a cair, salpicados com flechas. A maioria das flechas falhava ou atingia as pedras, mas com tantas no ar, algumas tinham de atingir a casa.

A pior parte era que não havia nada que ela pudesse fazer para parar aquilo.

Ceres tinha criado o abrigo que mantinha alguns deles seguros, mas, no fim, a chuva de flechas iria matá-los a todos. Eles conseguiriam atacar fora do espaço, mas isso iria apenas torná-los melhores alvos. Eles nem sequer conseguiriam ajudar as pessoas nas bancadas, que ainda estavam a lutar bravamente, mas que estavam lentamente a ser empurrada para trás pelos guardas. Ceres viu um a abater uma mulher que tinha trazido as crianças com ela, empurrando-a para a queda.

Ceres preparou-se. Chegou um ponto em que ela tinha de agir apesar de isso ser suicida. Onde a única coisa a fazer era atirar-se para a frente e ter esperança.

Ela respirou, colocando as mãos sobre as pedras mais próximas para se impulsionar.

Ela só parou quando ouviu o som de cornetas, e viu os portões de ferro, que levavam ao chão do Stade, começarem a abrir-se.

"*Mais soldados?*", disse ela para si mesma.

Havia mais soldados, mas não os que ela esperava. Homens em armaduras avançaram pelo Stade a

cavalo, com lanças preparadas para o impacto do seu ataque. Seguiram-se mais, disparando arcos curtos enquanto cavalgavam, escolhendo arqueiros do outro lado e, em seguida, girando enquanto eles sacavam as suas espadas.

Ceres observava os restantes homens de Lorde Oeste a embaterem contra soldados do Império e, naquele momento, afinal, o ataque dela não parecia estar tão condenado.

"Para cima!", gritou Ceres para os lordes de combate. "Ali, nós temos de ajudá-los!"

Apesar das suas feridas, apesar do seu esgotamento óbvio, os lordes de combate seguiam-na. Ceres sentia-se orgulhosa deles por causa disso. Sem questionarem, eles seguiam-na, atacando com uma cunha de aço, músculo e violência.

Enquanto, de um lado, o contingente de Lorde Oeste atingia soldados do Império, Ceres e os seus lordes de combate atingiam-nos do outro. No instante antes de embaterem contra as fileiras imperiais, ela teve um momento para ver os soldados ali cheios de medo, sem saber que adversário enfrentar. Ceres chegou até a ter pena deles, ali a mando de um governante mau sem qualquer bondade.

Em seguida, eles embateram contra eles e não havia tempo para pensar em mais nada, a não ser no próximo golpe, no próximo desvio, no próximo clarão de energia a piscar dela. Naqueles primeiros momentos, parecia quase a Ceres como se ela estivesse a escalar para cima de uma linha de soldados, preparando um escudo e, em seguida, empurrando-o para saltar sobre a primeira fileira dos seus inimigos.

Ela aterrou em espaço aberto, com uniformes imperiais ao redor dela. Ceres atacou com duas espadas, mantendo-se em movimento, sem se atrever a parar.

Naquele momento, ela não conseguia ver o seu próprio lado; era como se ela estivesse perdida numa floresta, e todas as árvores em torno dela tivessem arestas e más intenções.

Bem, se Ceres estivesse numa floresta, ela teria apenas de desbravar o seu caminho.

Ela fê-lo, atacando à esquerda e à direita, à procura de qualquer sinal dos seus lordes de combate. Ela viu-os, um trio de soldados que convergiam em um que empunhava um tridente. Ceres esfaqueou um por trás, deixou o seguinte passar por ela para o lorde de combate o abater e, em seguida, bateu no terceiro.

Ela viu os cavaleiros à frente e apontou para eles. "Juntem-se aos homens de Lorde Oeste!"

Ela não tinha certeza se as suas palavras transpunham os sons do aço ou dos gritos dos moribundos, mas os homens com ela pareciam entender o que ela queria. Eles abriram caminho pelo meio dos homens à sua frente, mergulhando em direção às figuras que montavam a cavalo e que lutavam para lá deles.

Eles aproximaram-se uns dos outros, e, algures no meio, os soldados do Império separaram-se. Alguns viraram-se e fugiram, outros lançaram-se desesperadamente aos seus novos assaltantes. Nenhuma das situações funcionou.

Ceres viu soldados que fugiam, a serem arrastados pela multidão, com as suas armas a encontrarem rapidamente casa em novas mãos. Ela enterrou as suas próprias espadas na areia, disposta a deixar que outros fizessem aquela parte.

Em questão de minutos, a sua última e desesperada posição, deu lugar a uma arena onde os únicos rostos que Ceres conseguia ver eram rostos simpáticos. A multidão estava ali de pé, levantando os seus prémios roubados e aplaudindo o seu sucesso. Os anteriores homens de Lorde Oeste estavam a circular, a enxugar os inimigos, à procura de qualquer um que pudesse estar à espera deles.

Sobretudo, eles cavalgavam com os seus galhardetes a voar, parecendo a cada polegada como os gloriosos e vitoriosos guerreiros que eram.

Cada grupo comemorava à sua própria maneira. Os lordes de combate rugiam e davam socos no ar, saudando a multidão da forma como eles conseguiam depois

de uma Matança particularmente cruel. Os rebeldes que ali estavam abraçavam-se, enquanto a multidão gritava a sua aprovação.

"Ceres, Ceres, Ceres!"

Ceres estava ali, assimilando e olhando tudo aquilo.

Ela conseguia sentir a energia do combate a desvanecer-se. Provavelmente, em breve, ela precisaria de descansar, para deixar os seus poderes crescerem novamente. Por agora, tudo estava acabado e...

De repente, uma nova legião de soldados do Império marchou para o Stade, maior do que a que tinha estado lá antes. Ceres assistia com espanto. Eles marchavam num passo totalmente fresco, enquanto Ceres e as suas forças estavam praticamente gastas. Até mesmo os soldados a cavalo das forças de Lorde Oeste pareciam exaustos.

Eles não poderiam lutar novamente.

E ainda assim eles teriam de o fazer.

Com a lentidão sombria da exaustão, Ceres ergueu da areia as suas espadas e preparou-se para o confronto seguinte.

Um que, ela sabia, podia muito bem ser o último.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Akila estava na proa do navio, a observar tudo aquilo com um crescente sentimento de justiça, à medida que a cidade ficava maior. Atrás dele navegavam mais navios, com as cores das galeras imperiais.

"Estejam prontos", gritou ele para os seus homens. "Eles terão homens nas docas, mesmo se eles acreditarem que nós somos dos deles a voltarem vitoriosos de Haylon". Ele riu-se. "Bem, isso é em parte verdade, pelo menos."

Ele não conseguiu manter o seu sentido de humor por muito tempo. Aquele seria um trabalho severo. Quantos dos seus homens morreriam ali naquela costa longínqua? Quanta destruição iriam eles causar em nome da liberdade?

Ele deu por si a pensar nos momentos que o tinham levado ali; que o haviam convencido a fazer aquilo. Quando Thanos tinha vindo ter com eles a Haylon, Akila tinha-o mandado embora. Ele tinha pensado que o príncipe tinha apenas querido usá-los para ganhar um reino.

Eu deveria ter imaginado, pensou Akila. Thanos tem mais honra do que isso.

Se ele tivesse percebido isso à data, talvez ele tivesse navegado de volta com ele. Mas assim, ele tinha afastado Thanos. Só mais tarde percebeu o erro que estava a cometer, quando já não era capaz de dormir por pensamentos acerca do que ele tinha rejeitado.

Os navios estavam a aproximar-se naquele momento, entrando nos limites do porto com apelos estridentes e o agitar de bandeiras. Akila observava tensamente, esperando que o último dos seus navios libertasse a linha das correntes que protegiam o porto.

Eles estavam quase na doca agora, e Akila levantou a mão. *Estejam prontos.*

O que tinha sido verdadeiramente vergonhoso tinha sido a mulher que Thanos tinha trazido com ele para Haylon. Ela tinha sido uma prisioneira, uma ladra confessa e, pior, ainda lhe tendo sido dada a hipótese de escolher entre seguir Thanos e forjar uma nova vida em Haylon, ela tinha ido com o príncipe, sem sequer ter de pensar sobre isso. A honra tinha sido mais importante para ela.

Assim como deveria ter sido para mim, pensou Akila, no instante antes de ele deixar a sua mão cair.

"AGORA!"

Os seus homens puxaram cordas e as cores do mastro mudaram, indo do vermelho do Império ao azul de Haylon. Em torno dele, ele viu os seus outros navios a revelarem o seu verdadeiro propósito, mesmo quando ele sentiu a galera a bater contra as docas.

À frente, ele viu a cidade espalhar-se diante de si. O fumo que se erguia por cima da maior parte do Stade dizia-lhe que eles poderiam ter chegado a tempo.

Akila desembainhou a espada.

"Avante! Para a glória! Para a liberdade!"

CAPÍTULO TRINTA

Ceres lutava como se fosse sonâmbula, erguendo e descendo o seu braço quase mecanicamente. Havia tantos soldados, e ela já conseguia ver aqueles ao lado dela a caírem.

Ela viu quando um dos homens de Lorde Oeste foi arrastado do seu cavalo.

As espadas a atacar traziam-lhe de volta memórias desconfortáveis de tudo o que tinha acontecido quando eles tinham invadido a cidade.

Ceres abanou a cabeça, desviou uma espada e contra-atacou com força suficiente para decapitar um adversário.

Eu não posso deixar que isso aconteça novamente, disse Ceres a si mesma.

Outra vez não.

Imagens da morte de Garrant vieram até si. Ceres empurrou-as para o lado e continuou a lutar, balançando as espadas e continuando em movimento, mesmo mal tendo forças para fazê-lo. Ela não ia parar. Ela não ia deixá-los morrer.

Só que eles estavam a morrer. Para onde quer que Ceres olhasse, as pessoas estavam a morrer. O público estava a morrer nas bancadas. Os homens de Lorde Oeste estavam a morrer na areia. Mesmo alguns dos lordes de combate estavam a morrer, derrubados, um por um, pelo cansaço e pelo peso dos números, apesar das suas habilidades.

Ceres não podia deixar que aquilo acontecesse, independentemente do que fosse necessário.

Ela procurou em si mesma a última das forças que ainda tinha. Ela sacou essa força e, em seguida, tirou ainda mais força de si mesma, apesar do mal que isso provavelmente lhe faria. Ela não se importava se isso a matasse, desde que ajudasse a salvar alguns dos que com ela estavam naquele momento. Ela enrolou-a dentro de si, pronta para a libertar totalmente numa última explosão de força.

Apenas o som de mais cornetas a deteve.

Homens corriam para o Stade, e, desde o primeiro, Ceres conseguiu ver que eles já não eram soldados. Eles galopavam onde os soldados do Império teriam marchado, a correr juntos enquanto vestiam cores que Ceres dificilmente reconhecia como as de Haylon.

Eles vinham e *continuavam a vir*, em números que pareciam suficientes para inundar toda a cidade. Ceres empurrou o poder de volta para dentro de si quando eles chocaram contra os soldados do Império, porque ela já não precisava dele agora. Aquele não era um momento para sacrifícios, mas para ação.

"Um último esforço!", gritou ela para as suas forças, renovando o seu ataque aos soldados à sua frente.

Ela abateu um e, em seguida, mergulhou à frente de outro para bloquear o ataque que ele visava a um lordes de combate. O lutador musculoso abateu o soldado com um golpe de uma lança curta e lancinante.

"Precisamos de lutar *juntos!*", gritou Ceres. Sozinhos, eles seriam abatidos.

Juntos, podia ser que eles conseguissem sobreviver àquilo.

Ela reuniu os lordes de combate em torno dela mais uma vez, preparando-se para continuar a luta.

Não havia necessidade. Os recém-chegados atravessaram as forças do Império, sem praticamente abrandarem, com os seus números e a sua ferocidade a somarem-se ordenadamente aos que já estavam ali. Ceres viu os homens do Império paralizarem perante o ataque deles e, depois, virarem e correrem, tentando encontrar uma saída do Stade.

Aqueles que conseguiram, correram. Aqueles que não conseguiram, largaram as armas.

Em pouco tempo, tudo ficou calmo, quando um período estranho de tréguas se abateu sobre o Stade.

Ceres viu um homem magro, com aspeto de quem mandava, sair da massa dos recém-chegados.

"Eu sou Akila", disse ele. "Quem manda aqui?"

Ceres conseguiu aproximar-se dele, apenas cambaleando ligeiramente. "Sou Ceres."

Ela viu Akila a olhar para ela de cima a baixo. " *Tu és Ceres?* Thanos disseme que tu estavas morta."

"Thanos?", repetiu Ceres. "Falaste com Thanos?"

"Não recentemente", respondeu Akila. "Eu vou-te contar tudo em breve. Eu acho que ambos temos muito para falar. Por enquanto, porém, a parte importante é que a batalha aqui acabou."

Ceres assentiu, examinando os danos.

"Acabou."

Mas não tinha terminado, pois não? Ainda havia muito a fazer. Haveria mais soldados no resto da cidade e o castelo seria difícil de conquistar.

Ela olhou ao redor do Stade, vendo os corpos, o rescaldo da violência. Ela via os combatentes a dobrarem-se de exaustão ou dor. Ela via os combatentes que talvez nunca mais se conseguissem levantar de onde estavam.

Eles tinham vencido e era emocionante.

E, no entanto, ao mesmo tempo, as pessoas ainda não eram livres. A batalha delas estava apenas a começar.

CAPÍTULO TRINTA E UM

Lucious caminhava à frente dos seus mercenários e bandidos, com os guardas reais a seguirem na sua esteira. Ele sentia-se poderoso, imbatível. Invencível.

Ele sentiu-se livre.

Ele deveria ter matado o seu pai anos atrás. Todo esse tempo ele havia sido retido, refreado e controlado. Ele tinha tido de aturar palestras e comandos, tentativas de transformá-lo em alguma ideia de contos de fadas de um príncipe, e ideias tolas sobre a honra que nada tinham a ver com a realidade.

Agora, ele não tinha de se conter. Agora, ele tinha soldados nas suas costas e o começo de uma revolta para derrubar. Ele faria uma carnificina com os camponeses no Stade, montando um espetáculo que as pessoas se lembrariam durante gerações.

Talvez ele mandasse fazer uma estátua para comemorar. Algo que iria fazer com que os lamentáveis bustos nas câmaras do seu pai se tornassem insignificantes. Uma imagem de si mesmo a transpor uma horda de rebeldes mortos, talvez, com mulheres adoráveis a olharem para ele, gratas pelo poder da sua governação. Talvez ele obrigasse Stephania a posar. Isso seria divertido.

Primeiro, porém, havia a questão do Stade, embora Lucious duvidasse que ainda houvesse muito a fazer no que respeitava à luta real. Com todos os soldados que ele tinha enviado para o Stade, mesmo Ceres e os seus lordes de combate não poderiam ter sobrevivido.

Não, se Lucious estivesse a avaliar a situação como devia, ele iria chegar a tempo para reivindicar a glória e divertir-se, sem qualquer ameaça real para si mesmo. Ele ficaria com o que ele queria, da mesma forma que tinha ficado com o Império. Ele iria mostrar aos seus... ele iria mostrar ao povo do Império como é que era um verdadeiro rei, e eles iriam vergar-se, ou serem obrigados a tal.

"Parece que há problemas lá à frente", disse um dos seus homens.

Lucious olhou para o Stade e, em seguida, fez sinal com a mão afastando essa preocupação. Sim, havia barulho, e até fumo, mas isso era apenas o rescaldo normal de uma batalha, não era?

"Não é nada de preocupante", disse Lucious. "Enviei soldados suficientes para o Stade para derrubar um regimento. Os últimos remanescentes de uma rebelião destruída não são *nada*."

Mesmo assim, ele deixou que os outros fossem à frente dele. Se não havia motivos para preocupação, ele ainda podia passar para a frente. Se ainda havia alguns lordes de combate para abater, ele poderia mandar os mercenários acabar com eles com as suas bestas. De qualquer das formas, não haveria problema.

Foi apenas ao ver as multidões a saírem para fora do Stade que ele começou a perceber que talvez não tivesse acabado da maneira que ele havia antecipado. Ele viu os soldados com os uniformes dos homens de Lorde Oeste, resplandecentes nas suas armaduras, e a sua preocupação aumentou - camada sobre camada.

Ele estreitou os olhos, confuso, e, depois, viu rebeldes a usarem o que ele jurava serem as cores de Haylon. O medo começou e agitar-se dentro de si, até o encher até ao topo.

Ele viu os lordes de combate a saírem do Stade em magotes com os outros, e viu quem estava no meio deles – a sua preocupação deu lugar ao terror.

Ceres estava viva e movia-se como o herói que Lucious queria ser. As espadas estavam a brilhar nas suas mãos e tinham sangue.

Lucious viu-a a virar-se, e teve a certeza de que os olhos dela se fixaram nos dele. Ela não deveria ter sido capaz de detetá-lo aquela distância, mas ele tinha a certeza de que ela o tinha feito, assim como ele tinha a certeza sobre a malevolência ali que a tinha passado de alguém no meio da celebração para algum tipo de instrumento de vingança.

Ele teve um momento para pensar que talvez a armadura dourada não fosse a melhor maneira de se misturar.

E então ele viu Ceres a gesticular e a multidão a avançar poderosamente para a frente.

Direitamente em direção a ele.

O seu medo transformou-se em pânico, mas ele conseguiu ter controlo suficiente para voltar-se para os

outros e apontar para a horda que avançava.

"Do que é que estão à espera? Abatam aqueles camponeses! Ataquem!"

Alguns deles fizeram-no; no entanto, mais ainda não o fizeram.

De qualquer das formas, Lucious não se importava, porque ele já estava a correr.

Ele olhou para trás apenas o tempo suficiente para ver o primeiro dos seus homens a ser abatido, e eles nem sequer pareciam abrandar o abate das pessoas que os atacavam. Eles derramavam sobre os seus mercenários como a maré a subir, abatendo-os ou simplesmente pisando-os. Eles eram simplesmente demasiados.

Naquele momento, Lucious corria mais rapidamente. Corria realmente. Um dos seus homens ficou no caminho e Lucious deu-lhe uma cotovelada para o lado, não se importando por ter ouvido o homem a gritar e a cair mesmo atrás dele.

Ele correu por uma rua lateral, afastando-se da avenida principal que levava até ao Stade. Atrás dele ainda se ouvia o som de passos. Lucious sentiu uma mão a agarrar-lhe o ombro. Ele sacou de uma espada e esfaqueou em resposta sem parar, não se importando se quem o tinha agarrado era um dos rebeldes ou um dos

seus próprios soldados. Ele sentiu a lâmina a enfiar-se em carne e continuou em movimento.

Lucious continuava a correr, com o seu cérebro a trabalhar em puro instinto ao escolher virar para continuar a correr pelas ruas. Ele tinha aprendido imenso sobre a disposição da cidade naqueles dias, devastando-a e roubando informadores a Stephania, mas mesmo assim, ele rapidamente deu por si perdido.

Talvez fosse uma coisa boa. Se ele não sabia onde ele estava, como poderia alguém encontrá-lo? Mesmo assim, ele continuou a correr até o seu coração ficar a martelar no seu peito e a sua respiração parecer arder. Não demorou muito.

Lucious nunca se tinha posto a fazer exercício desnecessário.

Ele arrombou uma porta ao acaso, com a sua espada a destruir quaisquer ocupantes do casebre onde ele se encontrava, antes que eles conseguissem atrair a atenção. No entanto, estava vazio. Confortavelmente vazio e escuro, com a luz apenas a entrar pelas frestas das janelas tapadas.

Lucious fechou a porta e encostou-se a ela, não querendo sentar-se num chão coberto com palha suja, nem mesmo arriscar sentar-se nas poucas peças irregulares de mobiliário que lá permaneciam.

"Como?", perguntou ele ao ar. "Como é que isto pôde acontecer?"

Contudo, ele disse-o baixinho, porque ainda era muito arriscado. Podia estar alguém lá fora à procura dele.

Ele precisava de arranjar uma maneira de sair da cidade. Os seus homens haviam sido cortados em pedaços. Quase de certeza que os soldados na cidade tinham sido abatidos também, porque os

camponeses não teriam emergido do Stade tão facilmente se não tivesse sido esse o caso.

Havia provavelmente aqueles que pensavam que Lucious era estúpido. Que ele não era um estratega. O seu pai certamente pensava isso, antes de ter aprendido que ele não era. Mas Lucious conseguia ver a direção em que o vento soprava, e não era preciso ser um grande estratega para saber que não era possível manter uma cidade sem um exército.

O que significava apenas uma coisa: ele precisava de sair de Delos.

Metodicamente, Lucious começou a tirar a sua armadura, ficando apenas com a túnica e calças vestidas. Mas mesmo isso não seria suficientemente bom, porque a sua qualidade seria muito reconhecível. Então, ele deu a volta ao casebre, à procura, até que encontrou trapos com que se vestir. Ele colocou-os em cima da sua túnica, é claro. Afinal, ele não queria que as coisas tocassem na sua pele.

Ele manchou o seu cabelo dourado com terra para completar a impressão de que era de uma das ordens mais baixas, e escondeu a sua espada num saco de serapilheira.

Ao respirar fundo e dar um passo para a rua, Lucious tinha a certeza de que todos os olhos estavam sobre si, e que as hordas de rebeldes iriam à sua procura.

À sua volta, Lucious conseguia ouvir os gritos e choros da rebelião, sentindo o cheiro de queimado que sempre vinha com tais coisas.

No entanto, ninguém foi à procura dele.

Quando ele passou por um grupo de desordeiros, eles mal lhe deram uma segunda olhadela. As pessoas tinham passado tanto tempo a vê-lo nas suas finas vestes que, sem elas, ele era praticamente invisível. Se Lucious não tivesse sujado o seu rosto, ele quase que poderia ter apreciado tal situação.

Ele não poderia ir para as docas. Se estivessem ali rebeldes de Haylon, isso significava navios, provavelmente em número suficiente para perseguir qualquer navio imperial que tentasse sair. Porém, havia outras maneiras.

Lucious procurou pelas ruas até encontrar o que estava à procura, o que os seus traidores e informadores lhe haviam falado.

A entrada para os túneis da rebelião estava escondida na parte de trás de uma estalagem, atrás de uma meia roda de madeira que estava meio tombada contra uma parede. Ele baixou-se e entrou para o escuro, encontrando lá uma vela escondida lá e acendendo-a. Havia uma certa poesia em usar aquele caminho para sair da cidade.

Lucious olhou para trás, vendo o castelo ao longe. Ele perguntou-se se iria ficar iluminado em breve, e quantas pessoas ali os rebeldes matariam quando saqueassem a cidade. Ele descobriu que não se importava, mesmo quando lhe ocorreu que a sua mãe ainda estava lá dentro. A única coisa que realmente importava era o isso dizia sobre si. O Rei de Um Ano? Lucious ainda não tinha conseguido mais de uma hora, e já tinha perdido a sua cidade capital.

Eu vou recuperá-la.

Isso seria bastante fácil. Delos era apenas uma cidade, e ele era o legítimo herdeiro do Império. Um império que tinha soldados por toda parte, bem para fora daqueles muros da cidade, nos seus confins. Um império que tinha aliados e estados satélites, velhos amigos e países que lhes deviam favores.

Felldust, pensou ele. O plano já começava a formar-se na sua mente. Eles eram alguns dos aliados mais próximos do Império, com longas ligações. Ele iria pela costa abaixo até encontrar uma vila de pescadores, compraria um bilhete para um barco e só se anunciaria a si próprio quando lá chegasse. Quando o fizesse, apenas seria precisa uma conversa com os seus governantes antes de eles lhe darem o seu apoio.

O apoio deles - e, mais importante, o exército deles.

Lucious assentiu para si mesmo ao dar uma última olhada à cidade. Uma cidade que estava a cair aos pedaços, mesmo enquanto ele esperava.

Vou voltar, pensou. E eu reconquistá-la.

MORGAN RICE

SOLDIER,
BROTHER,
SORCERER

OF CROWNS AND GLORY—BOOK 5

SOLDADO, IRMÃO, FEITICEIRO

(De Coroas e Glória—Livro 5)

"Morgan Rice surgiu com o que promete ser mais uma série brilhante, submergindo-nos numa fantasia de valentia, honra, coragem, magia e fé no seu destino. Morgan conseguiu mais uma vez produzir um conjunto forte de personagens que nos faz torcer por eles em todas as páginas... Recomendado para a biblioteca permanente de todos os leitores que adoram uma fantasia bem escrita."

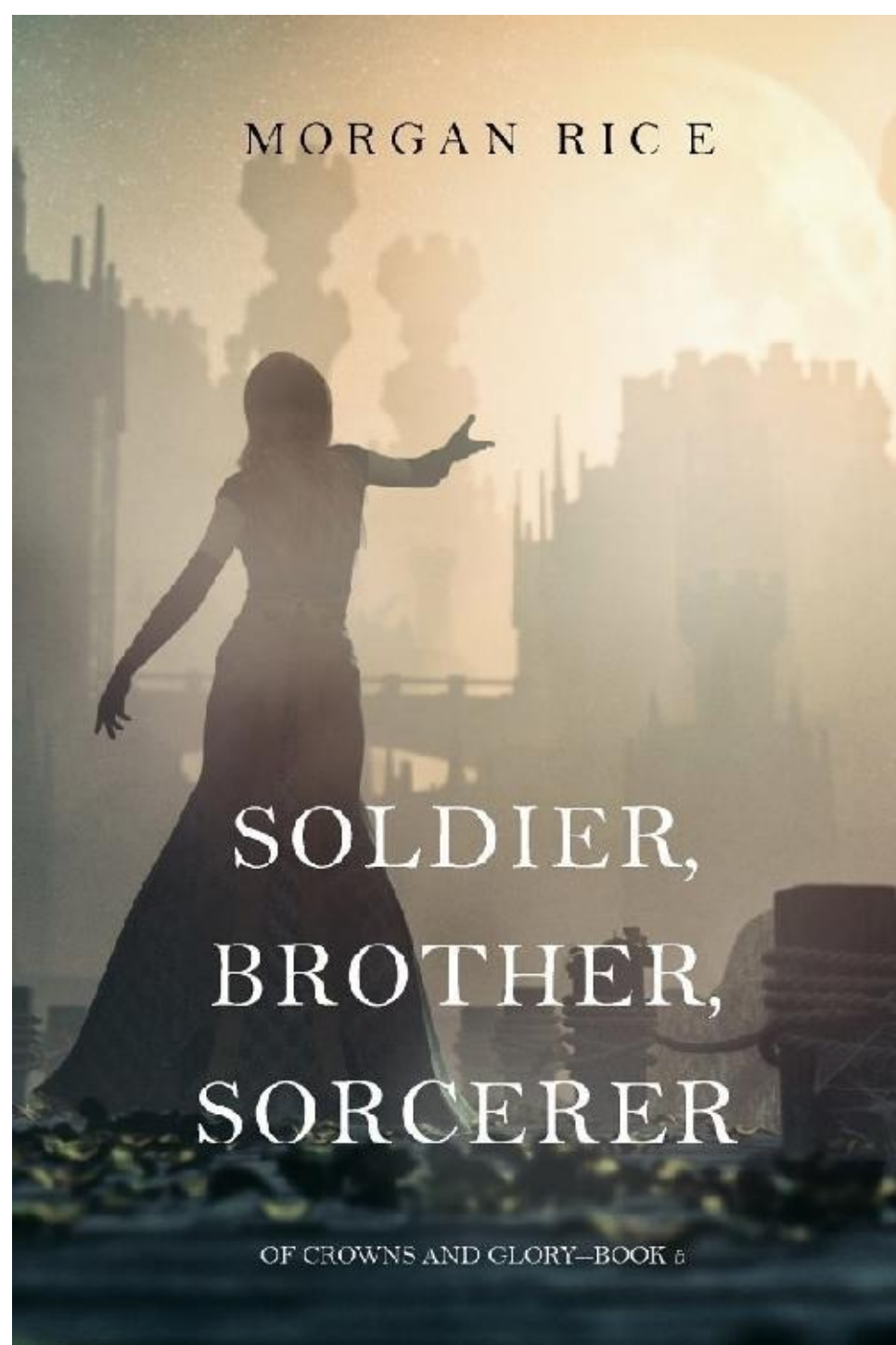
-- Books and Movie Reviews, Roberto Mattos, (sobre a Ascensão dos Dragões) SOLDADO, IRMÃO, FEITICEIRO é o livro n.º 5 da série best-selling de fantasia épica, DE COROAS E GLÓRIA, de Morgan Rice, que começa com ESCRAVA, GUERREIRA, RAINHA (Livro n.º1).

Ceres, de 17 anos, uma miúda bonita e pobre da cidade Imperial de Delos, ganhou a batalha por Delos –

e no entanto, uma vitória completa ainda espera por si.

Enquanto a rebelião olha para ela como a sua nova líder, Ceres tem de encontrar uma maneira de derrubar a realeza do Império e de defender Delos do ataque iminente do maior exército que ela alguma vez viu. Ela tem de tentar libertar Thanos antes de ele ser executado e ajudá-lo a limpar o seu nome no caso do assassinato do seu pai.

Thanos, ele próprio está determinado a perseguir Lucious pelos mares, para vingar o assassinato do seu pai e para matar o seu irmão antes que este consiga regressar com um exército à costa de Delos. Irá ser uma viagem traiçoeira por terras hostis. Uma viagem que, ele sabe, irá resultar na sua própria morte. Mas ele está determinado a sacrificar-se pelo seu país.



Contudo, talvez nem tudo corra como planeado. Stephania viaja para uma terra distante para encontrar o feiticeiro que pode, de uma vez por todas, acabar com os poderes de Ceres. Ela está determinada a pôr

em prática uma traição que irá matar Ceres e institui-la – e à sua criança por nascer – governadora do Império.

SOLDADO, IRMÃO, FEITICEIRO conta uma história épica de amor trágico, vingança, traição, ambição e destino. Repleta de personagens inesquecíveis e com ação de fazer o coração bater, transporta-nos para um mundo que nunca vamos esquecer e faz-nos apaixonar pela fantasia mais uma vez.

"Uma ação carregada de fantasia que irá certamente agradar aos fãs das histórias anteriores de Morgan Rice, juntamente com os fãs de trabalhos tais como O

CICLO DA HERANÇA de Christopher Paolini...Fãs de ficção para jovens adultos irão devorar este último trabalho de Rice e suplicar por mais."

--A Wanderer, A Literary Journal (sobre a Ascensão dos Dragões) O Livro n.º6 da série **DE COROAS E GLÓRIA** será publicado em breve!

SOLDADO, IRMÃO, FEITICEIRO

(De Coroas e Glória—Livro 5)



Oiça a série **O ANEL DO FEITICEIRO** em formato Audiobook!

Agora disponível em:

Amazon

Audible

iTune s

KINGS AND SORCERERS



THE SORCERER'S RING



THE SURVIVAL TRILOGY



the vampire journals



[Faça o download dos livros de Morgan Rice no Google Play agora mesmo!](#)

Livros de Morgan Rice

O CAMINHO DA ROBUSTEZ

APENAS OS DIGNOS (Livro nº 1)

DE COROAS E GLÓRIA

ES CRAVA, GUERREIRA, RAINHA (Livro n.º 1)

VADIA, PRISIONEIRA, PRINCESA (Livro n.º 2)

CAVALEIRO, HERDEIRO, PRÍNCIPE (Livro n.º 3)

REBELDE, PEÃO, REI (Livro n.º 4)

SOLDADO, IRMÃO, FEITICEIRO (Livro n.º 5)

REIS E FEITICEIROS

A ASCENSÃO DOS DRAGÕES (Livro n.º 1)

A ASCENSÃO DOS BRAVOS (Livro n.º 2)

O PESO DA HONRA (Livro n.º 3)

UMA FORJA DE VALENTIA (Livro n.º 4)

UM REINO DE SOMBRAS (Livro n.º 5)

A NOITE DOS CORAJOSOS (Livro n.º 6)

O ANEL DO FEITICEIRO

EM BUSCA DE HERÓIS (Livro n.º 1)

UMA MARCHA DE REIS (Livro n.º 2)

UM DESTINO DE DRAGÕES (Livro n.º 3)

UM GRITO DE HONRA (Livro n.º 4)

UM VOTO DE GLÓRIA (Livro n.º 5)

UMA CARGA DE VALOR (Livro n.º 6)

UM RITO DE ESPADAS (Livro n.º 7)

UM ESCUDO DE ARMAS (Livro n.º 8)

UM CÉU DE FEITIÇOS (Livro n.º 9)

UM MAR DE ESCUDOS (Livro n.º 10)

UM REINADO DE AÇO (Livro n.º 11)

UMA TERRA DE FOGO (Livro n.º 12)

UM GOVERNO DE RAINHAS (Livro n.º 13)

UM JURAMENTO DE IRMÃOS (Livro n.º 14)

UM SONHO DE MORTAIS (Livro n.º 15)

UMA JUSTA DE CAVALEIROS (Livro n.º 16)

O DOM DA BATALHA (Livro n.º 17)

TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA

ARENA UM: TRAFICANTES DE ESCRAVOS (Livro nº1)

ARENA DOIS (Livro n.º 2)

ARENA TRÊS (Livro n.º 3)

VAMPIRO, APAIXONADA

ANTES DO AMANHECER (Livro n.º 1)

MEMÓRIAS DE UM VAMPIRO

TRANSFORMADA (Livro n.º 1)

AMADA (Livro n.º 2)

TRAÍDA (Livro n.º 3)

PREDESTINADA (Livro n.º 4)

DESEJADA (Livro n.º 5)

COMPROMETIDA (Livro n.º 6)

PROMETIDA (Livro n.º 7)

ENCONTRADA (Livro n.º 8)

RESSUSCITADA (Livro n.º 9)

ALMEJADA (Livro n.º 10)

DESTINADA (Livro n.º 11)

OBCECADA (Livro n.º 12)

Acerca de Morgan Rice

Morgan Rice é a best-seller nº1 e a autora do best-selling do USA TODAY da série de fantasia épica O ANEL DO FEITICEIRO, composta por dezassete livros; do best-seller nº1 da série OS DIÁRIOS DO VAMPIRO, composta por doze livros; do best-seller nº1 da série TRILOGIA DA SOBREVIVÊNCIA, um thriller pós-apocalíptico composto por três livros; da série de fantasia épica REIS E

FEITICEIROS, composta por seis livros; e da nova série de fantasia épica DE

COROAS E GLÓRIA. Os livros de Morgan estão disponíveis em edições áudio e impressas e as traduções estão disponíveis em mais de 25 idiomas.

[TRANSFORMADA \(Livro n 1 da série Diários de um Vampiro\), ARENA](#)

[UM \(Livro n 1 da série A Trilogia da Sobrevivência\) e EM BUSCA DE HERÓIS](#)

(Livro n 1 da série O Anel do Feiticeiro) e [A ASCENÇÃO DOS DRAGÕES](#)

(Reis e Feiticeiros – Livro n 1) estão disponíveis gratuitamente no Google Play!

Morgan adora ouvir a sua opinião, pelo que, por favor, sinta-se à vontade para visitar www.morganricebooks.com e juntar-se à lista de endereços eletrónicos, receber um livro grátis, receber ofertas, fazer o download da aplicação grátis, obter as últimas notícias exclusivas, ligar-se ao Facebook e ao Twitter e manter-se em contacto!

Document Outline

- [CAPÍTULO UM](#)
- [CAPÍTULO DOIS](#)
- [CAPÍTULO TRÊS](#)
- [CAPÍTULO QUATRO](#)
- [CAPÍTULO CINCO](#)
- [CAPÍTULO SEIS](#)
- [CAPÍTULO SETE](#)
- [CAPÍTULO OITO](#)
- [CAPÍTULO NOVE](#)
- [CAPÍTULO DEZ](#)
- [CAPÍTULO ONZE](#)
- [CAPÍTULO DOZE](#)
- [CAPÍTULO TREZE](#)
- [CAPÍTULO CATORZE](#)
- [CAPÍTULO QUINZE](#)
- [CAPÍTULO DEZASSEIS](#)
- [CAPÍTULO DEZASSETE](#)
- [CAPÍTULO DEZOITO](#)
- [CAPÍTULO DEZANOVE](#)
- [CAPÍTULO VINTE](#)
- [CAPÍTULO VINTE E UM](#)
- [CAPÍTULO VINTE E DOIS](#)
- [CAPÍTULO VINTE E TRÊS](#)
- [CAPÍTULO VINTE E QUATRO](#)
- [CAPÍTULO VINTE E CINCO](#)
- [CAPÍTULO VINTE E SEIS](#)
- [CAPÍTULO VINTE E SETE](#)
- [CAPÍTULO VINTE E OITO](#)
- [CAPÍTULO VINTE E NOVE](#)
- [CAPÍTULO TRINTA](#)
- [CAPÍTULO TRINTA E UM](#)